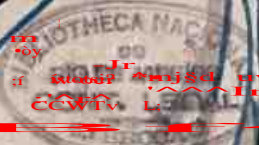
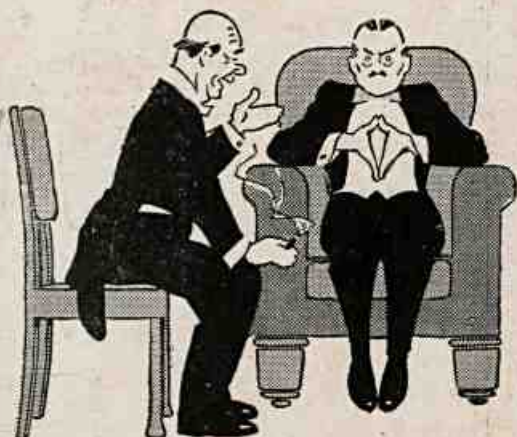
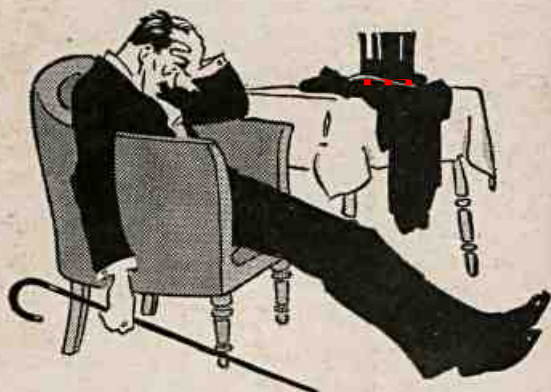
FON FON

ANNO XXVI — N.° 21
Rio, 21 de Maio de 1932
PREÇO: 1$000

O conto brasileiro

AMOR QUE SEPARA

DE CARLOS RUBENS

ARMANDO FREIRE descêra do "omnibus" e subira ao escriptorio do amigo, Paulo Costa, na avenida Rio Branco. Era á tarde, uma tarde amena e sem sól. Suave. De brisas harpejando os verdes ramalhos das arvores. Bonita. Lá embaixo.

Entrou, cumprimentou, o amigo e ambos se inquiriram, mutuamente, do que havia de novo. A luta fratricida enchendo o paiz de inquietação e de dôr com as suas consequencias terriveis reflectindo-se na actividade nacional e a triste perspectiva de ágros acontecimentos.

Armando Freire pegou um jornal côr de rosa que adquirira na rua e abriu-o, passando os olhos sobre os grandes titulos negruscos. Atirou-o depois sobre a secretaria do amigo e dirigiu-se para a janella. Ficou olhando a avenida embaixo, com os transeuntes indo e vindo, parando, conversando, movimentando-se; a longa fila morta de automoveis entre o espaço de uma a outra arvore; perto, á direita, a praça Mauá, em cujo cáes um transatlantico atracára e ao longe, em frente, massas disfórmes de morros que uma neblina translucida cobria, imponderavelmente.

Paulo Costa chegou-se tambem á janella. Ficou ao lado do amigo.

— Ás vezes, fico a pensar por que essas lutas cruentas, por que as guerras, os assassinios, as grandes hecatombes...

Armando Freire collaborou:

— Tantas miserias! O mundo bem poderia ser um jardim de harmonia. Onde, sobre o trabalho fecundo e constructor, os odios e as ambições se diluissem e só houvesse a fraternidade e o bem...

— Porque só estes perduram, concluiu Paulo Costa.

Houve após um silencio. A tarde esmaecia em coloridos tenuissimos. Dolentemente.

— Vamos sahir? convidou Paulo Costa.

— Vamos, aquiesceu Armando Freire.

Fecharam o escriptorio e desceram.

Amigos ha seguramente vinte annos, jámais houvéra entre ambos um motivo de queixa ou resentimento. A minima sombra empanando a amizade sem arestas. Isso desde que chegaram da provincia e se encontraram lutando pelo mesmo ideal, na mesma natural ambição de vencer na batalha da vida. E foi na luta quotidiana, no amanho das dôres e das alegrias, rompendo empecilhos, misturando jubilos e lagrimas, que a amizade se tornou forte e de todo o sempre.

Este conto pertence ao livro "O que as mulheres não contam...", a sahir por estes dias.

No dia seguinte ao da conversa no escriptório, Paulo Costa fôra procurado por uma senhora que lhe ia entregar certa causa. E ouvia attento a longa e complicada historia de um inventario, quando entrou o amigo.

Armando Freire ficou num vão da janella, lendo ou fingindo ler um jornal do dia, mas vendo melhor a criatura que entregava o seu caso á advocacia do amigo. Impressionado com a sua voz que dir-se-ia ter colorido e melodia; com os seus olhos de um verde esmaecido e casto, com a bocca breve como o beijo que se furta, com a sua cabelleira de oiro antiquissimo.

Paulo Costa attentava menos no relato da questão do que na mulher que a expunha á sua habilidade de advogado.

Quando ella sahiu, ambos tiveram a mesma exclamação:

— Linda!

Era linda, devéras. No dia seguinte, a mesma mulher, que sabiam agora divorciada, preoccupava os dois amigos. Vivia nos dois como uma alvorada, rutilante como um dia de primavera. Atiçava nos dois, inconscientemente, a chamma do mesmo desejo. Embalava os dois na rêde macia do mesmo sonho jubiloso.

Gracejavam:

— A "nossa" namorada ha dois dias que não apparece.

— E' verdade. Vou telephonar-lhe hoje. Precisamos vêl-a.

Mas, com os dias que vieram vindo, o ciume invadia, simultaneamente, o coração de Armando Freire e Paulo Costa. Cada um sentia, sem confessar, que estava gostando de verdade da mesma mulher. Ainda assim, porque se não revelavam, a amizade persistia, resistindo. Mesmo porque tambem nenhum achava possibilidade numa desavença por causa de mulheres, que era coisa que não os preoccupára demasiadamente nunca.

— Havemos de nos bater em duello por causa da nossa namorada! disséra Paulo Costa, rindo, batendo no hombro do amigo.

Fôra o ultimo gracejo. O desejo de conquistar a constituinte do amigo levára Armando Freire ao desvario. O desejo ou o bem que por ella sentia. Allucinava-o. Por sua vez, Paulo Costa procurava possuir a formosa criatura que o destino levára ao seu escriptório, e via que ella não era estranha ao amigo.

Um dia, por motivo futil, encheram-se de razões, discutiram, amuáram-se. E não se falaram mais. Nunca mais.

* * *

Alda Queiroz, com a natural perspicacia do sexo, notára que ha dias não encontrava Armando Freire no escriptório do amigo e comprehendeu que era causa da separação de ambos. Decifrava agora certas phrases do seu advogado, certos olhares e delicadezas. Não tinha inclinação por nenhum dos dois. Talvez que por Paulo Costa ainda chegasse a ter alguma affeição. E ao mesmo tempo achava que talvez nem isso. O homem a interessava, os homens, não. De que lhe serviria o affecto de um ou de outro? Ama-se por alguma coisa; deseja-se por alguma coisa. E essa coisa ella não achava nem num nem noutro.

(Continúa na pag. seguinte)

AMOR QUE SEPARA

(CONTINUAÇÃO)

Via, porém, que, sem pensar nisso, accendêra o desejo em dois corações, incendiara de uma só vez duas almas.

Não se regosijava com esse acontecimento. Soffria quasi. Armando e Paulo eram duas amizades velhas. Dois irmãos. Ella tinha sido, embora sem o querer, e sem que dahi lhe viesse nenhum interesse e prazer, o pomo amargo da discordia entre ambos, separando-os.

Sózinha, no seu quarto, ficou a pensar na antiga amizade dos dois, sem uma rusga, tantos annos, e agora ambos separados por sua causa e sem que ella sequer demonstrasse sympathia especial por qualquer delles. Seria lá possivel que o amôr, feito para unir, tambem desunisse, estiolando a flôr das amizades que pareciam immarcessiveis!

Tinha que tomar uma resolução

DESVENTURAS DE UM MARIDO

Tinha dezesete radiantes primaveras quando a vi pela primeira vez, á porta da igreja de São Roque, em Lisbôa. Acabára de ouvir religiosamente a sua missa de domingo.

Fascinaram-me aquelle busto elegante, aquelles olhos grandes e negros e aquelle narisito levemente arrebitado, que tinha um encanto magnifico.

A principio, não me deu importancia. Fingia não ver a insistencia com que eu a segui por toda a parte, nas ruas, nos bondes, nos cinemas; e, na primeira opportunidade que se me deparou de declarar-lhe o meu intenso, *sincero* amor, respondeu-me:

— Ora, o sr. se mire num espelho!

E deu de hombros.

Os meus rivaes eram ás duzias. Havia-os estudantes, doutores, militares, os quaes como eu, viviam fascinados por aquelles olhos grandes e negros e por aquelle porte atrevido, que desafiavam os nossos mais reconditos desejos.

Um dia, encontrei-a só, num recanto escuro de jardim. Não resisti. Agarrei-a e beijei-a longa e voluptuosamente na bôcca. Desprendeu-se a custo dos meus braços avidos de apertal-a ainda mais, e correu, a chorar e a gritar: — "Miseravel, vou contar ao papae".

Não contou ao papae e amou-me. Amou-me como eu a amava: com furia, com denodo.

* * *

Tres mezes após o nosso primeiro encontro, eu me curvei, respeitoso, deante do volume abdominal de seu conceituado pae, e balbuciei um pedido official de casamento. A minha futura sogra, uma respeitavel e redondissima senhora, que deslocava não menos de dois metros cubicos d'agua nos banhos de mar ao Cascaes, chorou de emoção e osculou-me maternalmente no meio da testa.

E assim tive o meu destino ligado ao daquella formosa borboleta que eu encontrára, numa clara manhã de domingo, á porta da igreja de São Roque, na bella capital portugueza.

A nossa lua de mel... Mas vamos adeante.

* * *

Decorridos os primeiros mezes de vida conjugal, a minha borboleta deu em fazer tres coisas que sobremodo me desgostaram: — crescer, engordar e zangar-se diariamente com o seu "maridinho".

E foi uma coisa de espantar.

Cresceu assustadoramente.

Seu peso, em kilos, entrou pela casa dos cem.

E tornou-se bravia como um indio botocudo do seculo da descoberta.

Para cumulo, á medida que ella crescia e se avolumava, eu me afinava e ficava cada vez mais sêcco e chupado!

Annos após o nosso casamento eu (pobre de mim!), que me unira a uma creaturinha que a todos fascinava pela sua belleza e graciosidade, me via ligado a um mulherão enorme e rabugenta, que me falava aos berros, que me dava belliscões, que me arrastava para as igrejas e para a casa de suas amigas — umas intragaveis senhoras faladoras da vida de todo o mundo.

Via-me ligado a um mulherão que se apoderou por completo da minha vontade. Que me atirava os epitetos de "estupor", "caixa d'ossos" e outros que não ouso trazer para aqui...

Eu tinha de prestar-lhe contas de todos os meus actos e de todos os escudos do meu ordenado.

Eu era o mais desventurado dos maridos. Batêra todos os *records* mundiaes de azar e de caiporismo!

Meus vizinhos se riam de mim.

Nas ruas, á minha passagem, os garotos se punham a gritar: — "Lá vae o gajo que apanha da mulher!".

Oh! a loteria do casamento!

* * *

Durante annos, supportei resignadamente aquella mulher formidavel.

Um dia, aos berros, ella pediu-me contas dum miseravel tostão que eu despendêra não sei com quê. Já na vespera, num accesso de cólera, me chamára de "pedaço de palerma". Era demais! Deliberei reagir e restaurar a minha autoridade dentro do meu lar.

— E' o que já devias ter feito ha muito tempo! — observou-me o meu

Immediatamente. Não encontrava nenhum gosto em fomentar malquerenças e separar duas almas. Havia de encontrar um caminho de sahida para a situação em que se encontrava. Em que o destino a collocára e aturdia. Ensimesmou-se. Abstrahiu-se. Tomaria uma resolução definitiva sem mágua nem sacrificio.

Procurou um amigo, passou-lhe

AMOR QUE SEPARA

(CONCLUSÃO)

procuração para tratar de todos os seus negocios e ausentou-se inopinadamente.

Era uma solução que talvez pudesse contentar de uma vez tres creaturas? aos dois, que não triumpharam na conquista da mulher ambicionada, e a esta, que julgou que fugindo não concorresse para a separação definitiva delles.

O amôr que une os seres, indissoluvelmente, separou dessa vêz dois delles para todo o sempre.

De Attila Paes Barreto

amigo Fernandes, num tom grave, que lhe cavou tres rugas na testa.

E eis como, nessa mesma noite, mal findei o jantar, peguei o chapéo e ganhei a rua, sem dizer palavra. Expandi-me. Fui ao theatro, aos *cabarets*, revivi os meus saudosissimos tempos de solteiro, e, alta madrugada, cheio dessa magnifica coragem que o *whisky* e o *cognac* nos transmitte, embarafustei pela minha casa, decidido a submetter a minha consideravel cara metade, a ir mesmo á violencia, ao murro, si necessario fosse.

Fui dar com ella na sala de refeição.

Leitor, si você a visse, como eu a vi, alli, plantada no meio da sala, enorme como nunca no seu fantastico camisolão de dormir, os cabellos em desalinho, os olhos (aquelles olhos grandes e negros!) a faiscarem duma colera que ella mal podia conter, — ah! leitor, você recuaria, attonito, como si estivesse deante dalguma apparição fantasmagorica, e dispararia sem olhar para traz!

Eu dei um passo á frente.

— Onde esteve? — urrou ella.

— E a senhora, que faz que ainda não se deitou?

— O estupor, o estupor ainda se atreve!

Dada a gravidade do momento, operei um recúo estrategico para traz duma cadeira; dahi, falei alto, energico, exigindo da minha antagonista a sua rendição incondicional e absoluta, quando não...

Em resposta, trovejou uma injuria de arrepiar, e, feroz, investiu contra mim.

Que poderia eu fazer de efficiente contra aquella montanha de carnes saccudidas pela colera? Enfrental-a? Subjugal-a? Impossivel! Aquelles braços carnudissimos, afeitos em arrastar o piano e o guarda-louça em dias de mudança, dariam facilmente com as minhas pobres costellas de encontro ás paredes ou sobre as taboas do assoalho! Apesar de tudo, eu queria lutar. Talvez, em meio da batalha, o bom Deus viesse em meu soccorro e me inspirasse alguma idéa salvadora. Não sei, porém, obedecendo a que impulso interior, galguei o parapeito duma janella que havia a meu lado e precipitei-me no quintal, que ficava em baixo, indo refastelar-me numa poça d'agua das ultimas chuvas.

Molhado e coberto de lama, transpuz um muro mais adeante e, mal raiou o dia, fui asylar-me em casa de meu amigo Fernandes, onde fiquei a curtir a minha inacreditavel inhabilidade em lidar com uma esposa daquelle volume e diapasão.

* * *

Dias depois, li nos jornaes de Lisbôa: — "Desappareceu de sua residencia, á rua da Costella, 16, o sr. Fulano de Tal. Sua esposa, que se acha afflictissima, gratificará a quem der noticias do desapparecido".

Ninguem recebeu a gratificação. Não pisei mais no meu lar.

Eu necessitava de ar, luz, movimento; queria a minha liberdade de andar, de falar, de agir, de fazer o que désse na cabeça.

Em busca de tudo isso, emigrei, ou antes, fugi para o Brasil, a bordo dum navio do Lloyd, cujo nome não vem ao caso. Fiz a viagem de terceira classe, juntamente com uma familia de ciganos bulgaros e um suino de fina raça, que dormitava dia e noite estirado no fundo duma gaiola de madeira.

E, neste Brasil generoso e hospitaleiro, encontrei, afinal, a felicidade que sempre almejei.

* * *

Folheando, hoje, alguns jornaes que me vieram de Portugal, se me deparei a noticia espalhafatosa dum desastre de avião lá, occorrido. Em plena Lisbôa, um avião despencára das nuvens! Entre as victimas da tremenda catastrophe, se acha uma d. Fortunata Carvalhaes "largamente estimada em todas as rodas sociaes da cidade, pelo seu bonissimo coração e crystallinas virtudes". A infeliz era membro do conselho deliberador da Irmandade de Santa Cecilia, por conta de quem corrcríam os funeraes.

E' ella, a minha mulher! E' a unica Fortunata Carvalhaes que, em Portugal, faz parte do tal conselho! Estourou num desastre! Irra! Já posso rever o meu velho e querido Portugal!

Seara alheia

Passos sobre a areia

As mulheres têem um modo de dizer um *não*, ás vezes, que agrada mais que se dissessem um *sim*.

* * *

Toda mulher tem uma alma pequena para o amôr.

* * *

As melhores cartas de amôr são as que as mulheres escrevem sem orthographia.

* * *

A infidelidade acaba sempre por ser descoberta.

Considera-se a violencia do amôr como um indice da sua duração. E é o contrario: Seu proprio fogo o consome.

* * *

O verdadeiro amôr, tem, como a virtude, esta vantagem: a recompensa de todos os sacrificios.

* * *

A principal qualidade de uma mulher que ama deve ser a doçura. Com ella tudo vencerá.

* * *

Quanto mais uma mulher protesta e se insurge contra a tyramnia de um homem, mais contente está de sua escravidão. — J. J. Rousseau.

AS mulheres honestas são respeitadas, não pelas virtudes que tenham, mas pela força dos respectivos responsaveis...

* * *

Por causa da virtude é que muitas mulheres são desgraçadas. As que nada tem, nada perdem...

* * *

A mulher, é dos animaes, o que, pensando mal, age peor.

* * *

O vicio é tambem democrata: por elle os grandes se rebaixam e os miseraveis se elevam á altura daquelles...

* * *

Dumas comparou o amôr a uma vela e a amizade a uma estrella, porque aquella se apaga e esta sempre brilha... Eu acho que a amizade precisa do calor da vela. As estrellas acham-se tão longe!...

* * *

Na luta pela vida o individuo deve fazer como quem toma banho de mar: nunca furar a onda. Quando ella vem forte, espere que ella passa...

* * *

De todas as philosophias a melhor é a do burro: a do silencio.

* * *

Mulher feia berrantemente vestida parece um "arranha-céo" cheio de cartazes de cinema...

* * *

A indifferença do "lou-lou" da casa "chic" aos insultos dos "vira-latas" é igual a de certos homens aos apodos dos adversarios...

ATIRANDO A ESMO...

* * *

A formiga sabe a folha que corta; o boi a cerca que fura, e a mulher o homem em quem bate...

* * *

Que dirá um homem casado que quer enganar a outro, si este lhe conquista a mulher?

* * *

A medicina arranjou nomes complicados afim de disfarçar a má educação de certa gente...

* * *

Muitos homens não toleram a casaca, exactamente como os cavallos que não supportam a sella...

* * *

Vibração feminina é hysterismo mal tratado.

* * *

Um estupido de luvas é como um cavallo mal ferrado: anda com difficuldade...

* * *

Como ha homens que fumam sem saber apreciar o prazer que alguns dizem haver no vicio, as-

Sagração lyrica

AMOR! Vem ver as mil faces de meu eu, na unidade absoluta do meu coração!

Vem ver, tambem, a alvorada em festa de seu ser!

Vem ver-me, sobre a pyramide fantastica do espiritualismo, plantada na extensão imponderavel do meu desejo...

Vem ver-me, ritualista, no mysterio esphyngico de intimas emoções, pela transfiguração da vista multiplicada, distinguir e adorar, na coloração dum horizonte imaginario, a miragem divina de tua alma!

Vem ver os brazões que me immortalizaram; pela victória que tive, com a Razão infrangivel, sobre o Sentimento, — onde se calaram os gritos de minha Ansia tyrannica, mas vencida!

Vem ver a casa do meu espirito, para, dentro della, sentires a Simplicidade e ouvires o Silencio!

Dize teu Nome, e a porta millenaria da Verdade, que é a porta da casa solitaria de meu espirito, se abrirá para receber-te. Vem ver-me, depois, á tua espera, sobre a azulea mansidão de um lago... E eu dir-te-ei que, irmão destas aguas serenissimas, hoje, é o meu Intimo!

Vem ver e ouvir, no pináculo das noites, ajoelhada deante das estrellas, as preces que se evaporam de minha alma, subindo, espiritualmente aromatizadas, com destino ao coração amavel do Perfeito!

Vem ver-me, no templo das horas, fechado na igreja do meu pensamento, purificando-me para ser merecedor de tuas Graças...

* * *

Meu grande amor!

Sê bemvindo, como a lua sobre o crepusculo dos meus velhos dias...

Sê bemvindo ao meu jardim...

Sê a eterna presença de meus olhos...

Sê a criança alegre de minha casa de Simplicidade e de Silencio...

Eu queimarei o meu incenso e erguerei as offerendas do meu santuario á tua sagração!

SEBASTIÃO ESTANISLAU CAMPOS

De Adonai de Medeiros

Assim certas mulheres fazem com o beijo...

* * *

A moral é o cabotinismo dos viciados...

* * *

A moral e a mulher botam o homem no mau caminho...

* * *

As mulheres são como as creanças a quem tudo o que se dá não agrada.

* * *

Dizem que, dos animaes, o unico que ri é o homem. Assim, dos que beijam, o unico que o faz por interesse é a mulher...

* * *

Ha mulheres que amam por uma questão commercial...

* * *

Um amôr sincero sem beijos é um romance sem enredo...

* * *

Ha mulheres que se sacrificam por amôr... a um collar de perolas.

* * *

O sacrificio, no amôr, não é amar em segredo, mas o revelar.

A leveza é uma condicional para subir? Assim as bolhas de sabão, os balões de borracha, o cerebro de certos homens e a cabeça das mulheres...

A promessa é uma coisa que só se realiza na adversidade. Na prosperidade, a realização é uma coisa que não se prometteu...

* * *

O homem immoral é aquelle que quer a Moralidade absoluta...

* * *

Os viciados no fumo, para se justificar, dizem que elle distráe: assim certas mulheres com o amôr...

* * *

Entre o homem e o bôto, prefiro o segundo, porque protege desinteressadamente. E' da lenda: esse peixe afugenta as feras do rio que procuram um naufrago até que alcance a margem. O homem, não: levaria o misero á praia, ou para lhe despojar as algibeiras, ou para exigir delle um sacrificio para o futuro.

* * *

Tenho muito medo dos pequenos, mormente quando lhes fala a miseria. Com toda fome, o leão não seria capaz de subir a uma arvore para alcançar o homem, emquanto o rato fura o forro da despensa á cata do queijo...

* * *

Entre a sorte no jogo e a no amôr, sou pela primeira, porque, com o resultado della, terei a segunda...

Saibam todos...

Ouça, você meu carinho,
O que se escreve com V:
Veneno... você... e vinho...
Vinho... veneno... e você...

F. MATTOS (Bahia) — Illustre e querido confrade. Não esqueci o seu "Cancioneiro da Tristeza e da Saudade", onde o sr. enfeixou os mais lindos cantares da sua lyrica.

A trova é forma de poesia mais facil de ser destruida pela critica, mas, em compensação, é a mais difficil de ser construida com talento.

Dahi a razão porque, certamente, ha muita gente que a desdenhe, mas muito pouca que a modela com a graça, a precisão, e a sabedoria que a formula poetica exige de quem a faz.

O sr. realiza a trova com a maestria de um trovador que é poeta por indole; e não um poeta que pretende ser trovador, ou que perpetre esse difficil genero litterario.

Um exemplo? São tantos os que se encontram no seu livro.

Esta é magistral:

Um pote velho e uma rêde:
Pobre do berço e sem nome...
Eu tenho agua — e sinto séde.
Tenho pão — e sinto fome.

Est'outra é deliciosa

O Alexandre Passos ficou de arranjar-me a sua foto — para uma nota no *Fon-Fon*. Mas, até hoje — nada. Veja si me envia uma.

Queira dizer ao Berto de Campos que lhe devo egual homenagem, a proposito do seu poema encantador — "Palavras em surdina"... Mas vou pagal-a na primeira opportunidade. O Berto de Campos é indiscutivelmente, um dos maiores poetas moços da Bahia. A sua arte é rica de colorido, de fulgor e emoção.

Como vae o Amado Coutinho? Que bello camarada elle é!

GUILHERME JORGE (S. Paulo) — Infelizmente, não posso publicar o seu conto. O sr. não cuida bem do seu estylo.

OTONI SALES (Minas) — Agradeço-lhe a remessa da revista de propaganda de Poços de Caldas. E', relamente, um orgulho para Minas e o Brasil essa encantadora estancia de aguas. Vale a pena ser rico — ou analphabeto com dinheiro e sem deveres jornalisticos no Rio — para fazer uma temporada na bella cidade mineira...

E' bem justo o conceito que a revista de propaganda formula sobre a cidade de aguas:

"Poços de Caldas é o Sonho que Viveu.

O forasteiro, que aqui esteve ha quatro annos passados, voltando agora, — e s f r e g a r á os olhos obscurecidos, ainda, pela tonteira da sorpresa.

Não crê no que vê!"

AIMERY (S. Paulo) — Li, com prazer, a fantasia literaria que v. ex. publicou na revista dos bancos de S. Paulo.

Sente-se que é uma literatura, não typo "bas bleu", mas uma sonhadora que faz literatura commovente, onde ha encontros de illusões, com o fantasma do soffrimento e o "vulto fascinante da Felicidade..." Bonito!

O leitor acha tudo isso com cheiro de môfo e de velharia sentimental. Mas engóle em sécco, um soluço aperta nos olhos uma lagrima, e dá pezames... (oh! desculpe!) e dá parabens a escriptora.

E' o que faço. — Amen!

MARCELITA (?) — Sei, sim, quem é v. ex. Tenho certeza que é uma senhora que já me descompoz, uma vez, em troca de um reparo que fiz sobre a sua pessôa. Nesse tempo morava em localidade que tinha o nome de S. João não sei de quê.

Sabe por que me recordo disso? Por que a sua letra é um phenomeno curioso, para o graphologo. Em cem pessoas, ha uma que possua o caracter complicado e caprichoso que a sua graphia revela.

Para quem estuda a graphologia, o seu graphismo impressiona, alarma, desconcerta e inspira a maior prevenção.

Elle sente que está tratando com uma creatura capaz das surprezas mais desconcertantes. Surprezas que se encerram neste quadro psychologico: — bizarria, fatuidade, violencia, hypocrisia, maldade, capricho, perversidade, doçura, egoismo, sensualidade, glutonice, etc. Eis porque a sua letra é dessas que o graphologo vê e nunca mais esquece.

ROSA MORENA (?) — Rosa Morena é o bello titulo de um poema de Berto de Campos, poeta da Bahia e muito querido das mulheres... bahianas... Imagino, por isso, que v. ex. deve ser alguma dama com ares de musa, — capaz de apaixonar um poeta...

Mas sel-o-á? Eis a triste, questão... Ser ou não ser!...

A sua letra me faz crêr que se trata de um legitimo Adão... Pode ser, no emtanto, que se trata de uma Eva com ou sem Adão... ou talvez de uma simples serpente tentadora... com a maçã de uma deliciosa mentira: — a sua carta.

Si v. ex. gosta de trocadilhos, elles ahi estão; representam uma homenagem ao seu espirito brincalhão...

A sua missiva é realmente interessante. Ella merece as honras da publicidade:

"Yves: V. sabia que:

1.º O Fon-Fon é o prato invariavel no menú das mulheres... que é uma especie de pão nosso de todos os... sabbados?

2.º que: Saibam... todos é o coração do Fon-Fon? Que sem elle Fon-Fon por certo não existiria? Pudéra! Sem coração não se vive!

3.º que Bastos Portella, praticamente: Yves—é o Deus nos acuda das mulheres, bonitas e feias, ma-

gras e gordas, jovens e velhas, ricas e pobres, sobre tudo intelligentes?

4.º que: 15 de Fevereiro é dia Santo de guarda e feriado nacional no calendario feminino?

5.º que: Uma garçonne carioca é impropria para quem não possúe o 6$000?

6.º que: O Suave Enlevo é objecto de estimação das damas de alta intelligencia: (Ex: Eu?...)

7.º que: Certos poetas só existem para "chauchar" a paciencia do Yves e irritar os leitores do Saibam todos? (Isto v. sabe, não?)

8.º que: Faianças é a minha pagina predilecta.

9.º que Trepações é a Feira de amostras do Fon-Fon? (Entrada franca.)

10.º que: Paulistas e gauchas—: "O fraco mais forte do nosso prezado Yves?

11.º que: perto das mulheres não se póde falar mal do Yves, porque... ellas avançam?

12.º Que: Berilo Neves é o diabo que mais tenta e irrita as mulheres?

13.º Qué: Quem lhe manda um beijo sou eu, a Rosa Morena?

Até sabbado á noitinha, sim?"

MIRIAM LUCIA (?) — Lá vem bobagem... Comecemos, D. Miriam Lucia... Um, dois, tres...

"Yves: Quando, no "Saibam Todos" li sua resposta, não pude suster uma gargalhada. Você é por demais "espirituoso"... E eu me admiro de só hoje ter descoberto isso!

Sim Senhor! E como eu me culpo agora.

Mas talvez que qualquer dia destes, eu veja annunciado nos jornaes e revistas, um livro de "blagues" de autoria do sr. Bastos Portella, tendo incluido nas suas paginas, contos em que tenha papel saliente um kagado de chifre, uma mulher de bigode ou careca, um cachorro com cauda de gato, etc...

Que engraçado!

Acho que seria um dos maiores successos que você teria, Yves... E' pena você não experimentar... porque você veria esse novo livro "marcar uma nova victoria desse cruzado real em cujas mãos a *penna é como uma lamina de Florença toda enfeitada de rosas*".

Lembra-se onde foi publicado isto a respeito de "Uma "Garçonne" Carioca"?

Outra pergunta, Poeta-ironico, e não fique aborrecido comigo. Porque você nos retratos que tenho visto, tem sempre no rosto uma expressão de choro?

Dois ou tres retratos que já vi seus e sempre assim, porque?

Desculpe a minha K. C. T. ação... e até a volta. — *Miriam Lucia.*"

V. ex. ganhou o 1.º premio de bobagem epistolar. E' a rainha da tolice, D. Miriam... Já é alguma coisa... Podia ser uma vaga princeza... uma duquezazinha de 2.ª classe... Mas, no seu caso, v. ex. ou antes, v. majestade, é a rainha... Ora viva!

Com relação á pergunta que me faz, procurando saber "porque nos meus retratos tenho expressão de chôro" — devo dizer o seguinte: — é de pena... Pena da mentalidade de algumas das minhas consulentes... Si espirito fosse coisa que se offerecesse, eu tudo faria para que essas consulentes não revelassem tão dolorosa pobreza do dito... Mas, tambem, desejo que ellas entrem no reino da gloria... Amen.,

E o mais interessante é que aquella expressão de chôro dos meus retratos é puro fingimento. Eu costumo rir das senhoritas letradas; mas, em presença dellas, rendo-lhes todas as homenagens... E, dando-a v. ex. o 1.º premio de bobagem, e mais ainda o titulo de rainha, não será, porventura, uma das mais expressivas homenagens que poderia render á sua... riqueza(!) de espirito?

GATO (Minas) — Sim. A sua collaboração será publicada. Calma...

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 21-5-932

Data da consulta...............

Nome da consulente...............

....

UM PRESENTE ORIGINAL

PERSONAGENS: ALICE E GUSTAVO.

Alice. — Oh, tio!... Já pensava que o senhor não vinha... Toda a manhã esperando-o!...

Gustavo. — E eu toda a manhã procurando algum presentinho, até que encontrei uma coisa de meu agrado.

Alice. — Ah!... Pois deve ser preciosa.

Gustavo. — Regular, regular... Aqui a tens. (*Tira do bolso um pequeno estojo e o entrega a Alice*).

Alice (*abrindo o estojo e sem poder occultar sua decepção*). — Oh!...

Gustavo. — Não te agrada?... E' uma pequena joia.

Alice (*dessimulando*). Sim... Como não ha de agradar-me?... Ora!... E' uma preciosidade!

Gustavo. — Quá! quá!... Bem sabes que eu fui sempre, original em meus presentes...

Alice. — Muito!...

Gustavo. — Gosto de afastar-me do vulgar, do que faz "todo o mundo"... Quando Lilita Mendes se casou sabes o que lhe offereci?

Alice (*que apenas póde dissimular seu máo humor*). — Sei lá tio!...

Gustavo. — Adivinha, adivinha...

Alice. — Um ataude?...

Gustavo. — Quá!, quá! quá!... Quasi te queimas!... O titulo de propriedade de um terreno no cemiterio... Eu sou muito pratico... Tu sabes o que custa, quando se morre, encontrar *habitação disponivel* no cemiterio?... Um horror! E, assim, ella poderia morrer tranquilla...

Alice. — E agradeceram lhe o presente?...

Gustavo. — Creio que sim, embora me dissessem que Lilita desmaiára pela impressão... Ora!... Coisas de moça! Ellas não querem nunca pensar na morte, que é o que temos de mais certo... Entretanto, quando se encontrar deante da morte, ella me agradecerá a lembrança e dirá: "Que bom senso tinha o senhor Gustavo!"

Alice. — Mas póde-se ter um bom senso menos... menos fúnebre...

Gustavo. — Questão de criterio. Além disso, a maioria das vezes, presenteamos por vaidade, para que os outros digam: "Que esplendido!... Que maravilha!"

Alice. — Os presentes, geralmente, são para ostentar-se!... Um collar, um anel...

Gustavo. — Outra vaidade: a do obsequiado... "Foi Fulaninha quem me offereceu isto..." "Beltraninha presenteou-me com isto..." Ora, ora, ora!... Convence-te, filha... O que vale é o prático... E' só o que vale na vida. Já vês: hoje entrei na Casa Zurst... Poderia muito bem te haver trazido um anel... Havia-os lá preciosos... Sobretudo, um de perolas e brilhantes, originalissimo... Mas eu pensei: "Para que serve isto á Alice?..."

Alice (*interrompendo-o.*) — Para que?! Ora, para usál-o, tio! Eu gosto tanto de anéis!

Gustavo. — Sim, sim... Mas não era pratico... Então, pensando em tuas lindas mãozinhas, te comprei esse dedal... Está firmado por Lalique... Que suppunhas?... E os rubis são dos melhores... Verás como cozes bem com esse dedal.

Alice. — Coso do mesmo modo com um de aço...

Gustavo. — Quá, quá! — Pois usa, tambem, aneis de aço, creatura... Por que não has de usar um dedal *unico?*... Has de ver como tuas amigas te invejarão...

Alice. — Minhas amigas não sabem coser, tio Gustavo... Ainda si o senhor me houvesse trazido uma *cockteleira*... Talvez fizesse mais impressão...

Gustavo. — Jesus!... Ouve-se cada coisa!... Mulheres que não sabem fazer um café e que, no emtanto, podem preparar um cocktail!...

Alice (*com intenção*). — Os tempos mudam... Nem sempre havemos de estar ao pé da machina de costura ou do berço...

Gustavo. — Ora!... Pois lamentaria ter-te desagradado com o dedal... Estou quasi para trocál-o e trazer-te alguma coisa mais em harmonia com teus gostos e os gostos de tuas amigas...

Alice. — Uma *cockteleira!*

Gustavo. — Não... Uma camisa de força...

FANFRELUCHE

Casar

O Que Toda Moça Deve Saber
Antes e Depois
Do Casamento

Todos sabem que Certos Terriveis Padecimentos e as mais Perigosas Perturbações Genitaes são Sofrimentos que perseguem grande numero de Mulheres.

Quantas vidas cheias de desgostos e pezares, quantas lagrimas, quanta tristeza e quantos desenganos produzidos por estas tão dolorosas Enfermidades!

Quantas Senhoras Solteiras, Casadas ou Viuvas, que padecem de tão terriveis Doenças!

Quanta Mãe de Familia se considera infeliz, por soffrer assim!

Quem tem a infelicidade de soffrer do Utero sabe bem o que é padecer!

A Asma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Sufocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançaços, Falta de Somno, Falta de Apetite, incomodos do Estomago, Arrotos Frequentes, Azia, Bocca Amarga, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latejamento e Quentura na Cabeça, Peso na Cabeça, Pontadas e Dores de Cabeça, Dores no Peito, Dores nas Costas, Dores nas Cadeiras, Pontadas e Dores no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Subitos, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormencias, Sensação de Calor em Differentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza no Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pés e nas Mãos, Manchas na Pelle, Certas Coceiras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

Até o Genio da Mulher pode ficar alterado e ella de alegre que era, passa a ser triste, aborrecida, zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes!

O Melhor Tratamento é usar **Regulador Gesteira**
Sim! Sim!

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelidão e Desarranjos Nervosos causados pelas Molestias do Utero, a Asma Nervosa, a Pouca Menstruação, as Dores e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorragias do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dores da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Peso do Utero inflamado!

Comecem hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

Uma francezinha em Nova-York

— AH, é verdade, John, disseste-me que depois do jantar, ias contar-me alguns pedacinhos da tua curta estadia em Nova-York.

— Pois sim, Alfred, si queres perder alguns minutos ouvindo-me, contar-te-hei apenas uma passagem.

— Então principia logo, disse-lhe eu, cheio de interesse.

— Como sabes, começou elle, com a sua voz de brasileiro americanisado, fui para a America do Norte logo depois da morte do meu bom pae, que, sem eu nunca pensar, me deixou a insignificante e pequenissima fortuna de cinco mil contos.

"Chegando á America, travei conhecimento com um rapaz de nome Richard, filho de uma familia ingleza, óra de passeio por lá. Tornou-se esse rapaz o meu melhor amigo e cicerone, pois já conhecia a America do Norte tão bem quanto eu conheço o Rio de Janeiro.

"Pois bem; certo dia, indo eu ao café "Star", para esperál-o, afim de irmos a um bom lugar, tive, durante a espera, a presença da pequena talvez mais bella que existe, e que desde esse momento transtornou a minha directriz.

"Como sabes, sempre fui louco pelas mulheres, mormente quando se trata de uma pequena bonita.

"Do lugar em que estava assentado, podia perfeitamente observar os que passavam pela movimentada rua nova-yorkina, como tambem os que passavam podiam me vêr mesmo sem querer.

"Em dado momento, meus olhos travessos descobriram, num grupo, uma joven de estonteante belleza, tanto na formosura do rosto, como nas linhas impeccaveis do corpo.

"Essa pequena era coisa fóra do commum ali, porque todos os que passavam a olhavam admirados.

"Era bonita, e ella, por sua parte, não o ignorava, pois tinha esse ar de importancia, proprio das mulheres seguras de seus attractivos. A joven notou que eu a olhava com insistencia.

"Não pude logo, nas minhas pobres deducções, assegurar qual a sua nacionalidade. Parecia ingleza, mas, pelo modo de vestir e a vivacidade dos gestos, pareceu-me mais franceza.

"Acompanhavam-n'a tambem dois individuos, que me intrigaram bastante.

"Um homem de baixa estatura, grosso de corpo e entrado em annos, parecendo allemão pela côr avermelhada do rosto; o mesmo acontecia com a mulher que o acompanhava, igualmente baixa e gorda.

"Comecei, então, a cogitar:

" — Que terá essa moça loura e esbelta com tal gente, feia e mal-tratada?

"Emfim, tive que me conformar em só admiral-a á distancia, si por acaso a visse de novo.

"No estrangeiro, as jovens bem educadas não prestam attenção alguma ás relações que se possam entabolar nos cafés.

"Depois de tres tentativas, sem nenhum exito, para trocar um olhar com ella, decidi-me a abandonar o café: o meu amigo Richard não mais viria, pois era demasiadamente tarde.

"Chamei o "garçon" para pagar as despesas, e, emquanto este contava o troco, fui perguntando-lhe:

" — Quem é essa pequena?

" — Não sei, senhor.

" — Obrigado, respondi, entre dentes, por nada ter conseguido.

"Mas, nesse momento, vi que ella conversava com um vendedor de mantilhas, um "camelot", dirigindo para mim os seus lindos olhos.

" — O *garçon*, approximando-se, disse-me, baixinho:

" — No bar "Black-White", á 1 da noite.

" — Que diz você? perguntei, apprehensivo.

"Não obtive resposta devido ao mercador ter sahido de perto de mim, immediatamente.

"Mais intrigado fiquei, pois nunca acreditei nos amores de primeira vista; talvez fosse alguma armadilha de consequencias funestas. Isso sim, era o mais certo.

"Mas tambem, como sempre fui amigo das emoções fortes, esperei que chegasse a noite, tendo ficado no mesmo café para fazer o meu "lunch", e depois então procurar o lugar indicado pela joven, por intermedio do mercador.

"Não estando bem certo e mesmo não conhecendo aquelle bairro, perguntei ao *garçon* onde ficava o tal bar "Black-White".

"O caixeiro deu-me a indicação necessaria, accrescentando ainda que era o melhor bar nova-yorkino, e que nenhum viajante deixava de visitál-o.

"Fumei alguns cigarros, li o meu jornal, e depois, então, sahi, afim de procurar o bar, e melhor me certificar, inspeccionando bem o lugar.

Nada havia que o denunciasse e fizesse suspeitar.

"Faltando um quarto para uma hora, lá estava eu, confortavelmente sentado a uma das mesas, que, por signal, ficava bem na entrada, podendo eu e a minha dama mysteriosa avistar-nos a qualquer momento.

"Dito e cumprido. Ao bater no grande relogio do bar, artisticamente imbutido numa das paredes, a hora marcada pelo *garçon*, sentou-se á minha mesa uma mulher completamente velada, que, no primeiro momento, para não despertar a curiosidade dos demais presentes, se offereceu para lêr a minha mão, coisa commum nos bars nova-yorkinos, dizendo-me, em seguida:

" — Segue-me depois que eu sahir daqui, e não profiras palavra alguma.

Deixei o bar, e segui a mulher, que, segundo me pareceu, era a joven do café, que, assim mesmo inteiramente disfarçada, deixava

---

vêr as suas linhas impeccaveis e o seu andar elegante.

"Diversas vezes quasi que a perdi de vista, devido á grande massa de povo que ainda se achava na rua áquella hora da noite.

"Seguindo-a sempre, pensando muitas vezes sêr uma armadilha, "Mando, vou dobrando uma esquina mal illuminada, fui agarrado com força pelo braço e levado para um salão completamente ás escuras.

"Attonito, sem saber o que fazer, fiquei esperando os acontecimentos, pois naquelle momento estava completamente desarmado.

"Depois de uns cinco minutos de espera, que mais me pareceram um seculo, reinando naquelle ambiente profundo silencio, uma porta se abriu, deixando vêr um bello aposento cheio de luz e ricamente mobiliado.

" — Entre, ouvi dizer.

"Era ella, a joven do café, que agora, sem o seu disfarce, me apparecia mais bella do que a primeira vez.

" — O cavalheiro deve estar mergulhado num mundo de interrogações, disse-me ella, com mesura. Não se assuste, nada lhe acontecerá. Si o trouxe aqui, foi porque descobri, na sua nobre pessôa, um amigo capaz de salvar-me de um perigo imminente, ou melhor, de uma alta traição.

"Finalmente, a interrompi:

" — Quem é a senhora, e por que teve esse modo brusco e violento de travar conhecimento commigo, afim de me pedir auxilio?

" — Chamo-me Catharina. Sou franceza, e aqui vim passar uns tempos entregue aquelle casal que o sr. viu no café, afim de me divertir. Tudo, porém, me tem sahido ao contrario. Aquelles que commigo andam querem agora explorar-me miseravelmente. Sou herdeira de uma fortuna. Meus paes acham-se na Italia, e esses verdugos, sem consentimento delles, querem que eu me case com um tal de Jack Steil, dono de um "cabaret", entrando, assim, numa parte de dinheiro.

" — Bem, já que isso se dá, me apresento: sou John Peter O'day, brasileiro, filho de inglezes, estando no presente momento de passeio por aqui; e já que precisa dos meus serviços, disponha, porque a servirei desinteressadamente.

" — O que eu, sr. John...

" — Senhor não, trata-me apenas de John, — disse-lhe eu.

" — Então, John, continuou ella, quero que me preste um grande serviço, fugindo daqui commigo. Sei que é bastante amigo e cavalheiro para não se recusar.

" — Mas para que fugir, assim tão depressa?

" — Depressa! Pois já acho tarde de mais; si aqui ficar até amanhã á tarde, aquelles miseraveis casar-me-ão com o tal dono do cabaret.

" — E para onde irá você?

" — Para a Italia, onde estão meus queridos paes.

" — Então vamos; comecemos já a tratar do assumpto. Que devo fazer?

" — Irá comprar as passagens de ida para dois — "Um casal", e durante a viagem servirá de meu esposo, para evitar suspeitas, caso elles mandem algum telegramma embargando a nossa viagem. E' isso apenas que eu espero de você, e que aja com toda a cautela.

— Só? E não acha essa empreza um tanto arriscada? Não acha tambem, que posso vir a gostar de você e ahi então ser o seu marido de verdade?...

— Acho, e que tem isso tudo? Que mal póde haver, si eu gostar tambem de você?

— Está bem, Catharina; póde contar commigo. Vou já tratar de tudo. Durma tranquilla, que amanhã ás 6 horas virei aqui buscál-a com o meu carro.

— Então, John, *Good-Night*.

— *By-By*, Catharina...

....

"De manhã cedinho, lá estava eu com o coração pulando de contente, por ter conseguido tudo, e ir levar commigo para a Italia a mais cara joia franceza.

" — Vamos, partamos sem demora, disse-me ella, entrando no automovel. Elles não tardam; foram esperar uns amigos, que chegavam na *gare* ás 5,32, talvez as testemunhas para o falso casamento.

"Célere, parti, com a preciosa carga.

"Tomámos o navio, a viagem foi agradavel, cheia de emoções, talvez a melhor que tenho feito, pois, como prevê, já era dono e senhor da francezinha. Casei-me, realizando o nosso enlace o commandante do navio, que, por signal, era meu amigo, evitando assim qualquer duvida.

"Chegando á Italia, fui muito bem recebido pelos paes da garota, os quaes já estavam de posse dos nossos telegrammas, avisando-lhes do que se tinha passado, e do que se vinha passando.

"Receberam, tambem, os telegrammas daquelles verdugos, dizendo que a pequena tinha fugido da companhia delles, com um bandido com quem havia muito mantinha relações amorosas.

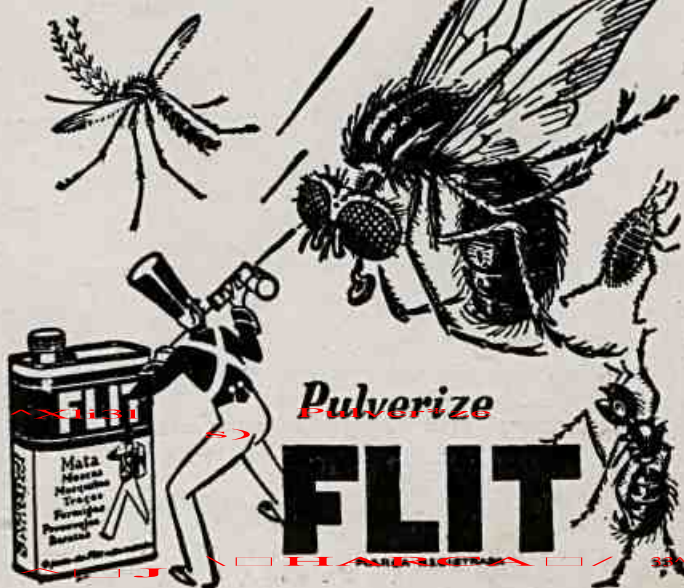
"Para encurtar a historia, caro amigo Alfred, essa alegria, essa felicidade durou pouco. Afim de visitarmos a Italia, andavamos sempre passeando, ora de automovel, ora de lancha; emfim, serviamos de tudo para nos divertir, quando, num bello dia claro de verão, dia esse que se tornou o mais triste e nublado de minha vida, perdi a minha bella mysteriosa, num desastre de trem.

"Desde ahi nunca mais tive alegria. Deixei a Italia e fui para a França para vêr se esquecia. Tudo porém, foi em vão.

"Do mundo nada mais espero que possa me alegrar.

"Espero, apenas, o meu fim, para esse soffrimento, que a saudade de um amôr sincero deixou sangrando em meu coração."

E quando John terminou o seu pedacinho, eu vi duas lagrimas aflorarem aos seus negros olhos.

OSWALDO VIEIRA DE MORAES

A FÉSTA DO PRESIDENTE

DE HORMINO LYRA

— VAMOS, compadre! A festa vae estar bôa.

— Não compadre! O nosso prefeito é muito cacête. Começa lá a falar difficil na vista do presidente e *embruia* a gente.

— E *nois* com isso? Quem não sabe as coisas fica de bico fechado.

— *Apois* é. Porem a gente fica desconcertado.

— Pode elle não ficar contente com a sua ausencia. Vamos, compadre! Não faça isso...

— Homem, p'ra servir a *vosmecê*, eu vou; mas vou agoniado!

Saem os dois compadres em direcção á séde do municipio. Adeante, encontram um *horror* de gente, como dizem elles, e tudo aquillo vae attender ao convite do governo municipal.

O presidente do Estado, em visita a diversos municipios, tem de passar por ali e resolve demorar-se algumas horas para, em seguida, visitar o municipio vizinho. O prefeito do municipio em causa é typo pernostico, secante, dado a escorvar termos difficeis afim de, na primeira opportunidade, disparar os bestialogicos sob qualquer pretexto.

E' intensa a desordem na cidade sertanista para ser posto tudo em ordem, afim do governo municipal e o povo receberem condignamente o supremo administrador estadual. E já está de pé o coreto improvisado, circumdado de bandeirolas de todas as côres e lanternas de papel para alojar a banda de musica, *a lyra peregrina*, nome de baptismo lembrado pelo prefeito, a qual vem abrilhantar o acto da recepção.

Eram *mosquitos por cordas e moscas por arames*, como lá dizem, para significar a balburdia reinante no local destinado aos festejos, cujo solo se acha atapetado de folhas verdes e flores silvestres afóra o precario *arco de triumpho*, armado na entrada da rua principal.

Alguem chega o fogo ás girandolas, sobem foguetes ao ar. E' o presidente que vem transpondo o *arco de triumpho* e caminhando em direcção da Prefeitura no largo do senador... um senador estadual de cujo nome ninguem se lembra.

O numero de discursos e a paciencia do visitante são incommensuraveis. Desta sorte, quando um discursador está no meio do largo, ha meia hora, trepado numa barrica e repisando assumptos, ao prefeito pede o presidente dar um geito naquillo, pois tem pressa. Aquelle manda um proprio ao coreto com ordem de tocarem o Hymno Nacional; em seguida uns batem palmas, outros dão vivas para ser interrompida aquella *charopada!* O orador sente a obrigação de fechar a torneira da verborreia.

O presidente, em poucas palavras, agradece a gentileza do povo, juntando o gentilicio correspondente. E' mais uma vez aclamado entre palmas batidas por todos os presentes; e vae almoçar.

Findo o almoço, servido na propria Prefeitura, vem o prefeito a uma janella e tem opportunidade de falar ao povo de sua terra; mas tem de ser breve: as circumstancia do momento assim o exigem.

— Lá vem bobage!

E vem mesmo. O homem abre a bôcca e fala assim:

"Communico aos meus municipes que o inclito presidente egressa do nosso para ingressar no municipio limitrophe, pelo que todos que possuam bôas montadas cavallares, e nunca de especies asininas, devem comparecer ao séquito até a divisoria propinqua, cavalgando os seus lusidios corceis."

O presidente interroga-o.

— E' desse modo que se dirige o senhor aos seus municipes?

— E', affirma categoricamente. E hoje eu falei barato!

E o compadre, impaciente:

— Não lhe disse? Bobage só!

E o outro a rir:

— Cala a bôca, homem! Aquil o é páu que nasceu tórto!

— Isso mesmo: é páu! E hoje elle não falou caro, não! De facto, falou barato, para ser a festa do presidente...

Mosaicos

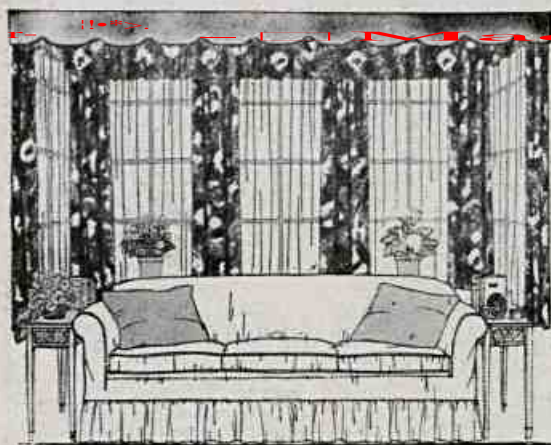
UM PENSAMENTO DE SHAKSPEARE

Chorar por um mal passado e irremediavel é a melhor maneira de attrahir outro damno. Quando um homem não pode fugir aos golpes do infortunio, a paciencia, a resignação, é o unico recurso que lhe resta para arrostar os seus rigores: o roubado que se ri, rouba ao ladrão; o que, porem, inutilmente se entrega ao desespero, rouba-se a si mesmo.

REFLEXÕES SOBRE A INFIDELIDADE

Perdoam-se menos as infidelidades á medida que nos são mais queridas as pessoas que as commettem. — LINCHÉE.

*

A differença da infidelidade nos dois sexos é tão real que uma mulher apaixonada pode perdoar uma infidelidade que o homem nunca lhe perdoaria, se fosse ella a culpada — STENDHAL.

Destino...

de A. Beltram Sousa

VOCÊ partiu. E na plataforma silenciosa, contemplando o comboio immenso que se ia, colleante, qual figura de mulher que passa pela vida de homem sceptico, sem se deter e sem um convite acolhedor, fiquei, sem falar, sem sorrir, sem pensar.

Contemplava os pontos luminosos das janellas do seu carro, que se ia, bulhento, em demanda de plagas longinquas e desejadas.

E um pequenino carvão veiu, de mansinho, qual um mensageiro seu, buscar meus olhos entristecidos. E elles choraram. O carvão pequenino? A saudade dos cabellos de ouro, do sorriso de perdão, dos olhos grandes, grandes?... Não sei. Elles choraram. Você partiu. Fiquei.

Porque a felicidade não se detem? Ansiámos em dias e noites infindaveis pela sua vinda e ella, no emtanto, marota, tarda. Um dia, porém, passa, devagarinho, a sorrir.

A felicidade não é a mulher de roupagens

A infidelidade está nas promessas violadas e não nos sentimentos extinctos. — P. Rochepedre.

*

UM BANCO ORIGINAL

Os commerciantes de pelles, os chamados *trappeurs*, sejam os que as compram ou as adquirem por meio da caça, conduzem, constantemente grandes sommas. Estavam, assim, sujeitos ao roubo como tambem a perdas ou extravio do seu dinheiro. Comprehendendo tal perigo, dois homens de negocios de nome (Alaska) acabam de tomar a iniciativa de fundar o "Banco dos Trappeurs". Conta, já, com uma meia duzia de succursaes, situadas ao norte do Circulo Artico.

Cada agencia compõe-se de um solido *blockhauss*, onde ha uma provisão de viveres para varios mezes, sendo todos munidos de algumas metralhadoras. Os *trappeurs* pode ahi collocar seus recursos com segurança, realizando no Banco as operações que desejam.

Detalhe curioso: o banco não paga qualquer interesse pelas quantias que lhe deixam em deposito. Pagam porem, os depositantes um "premio" para um seguro que varia de accordo com o montante das importancias nelle depositadas.

CURIOSIDADES

Os viajantes articos fizeram a curiosa observação de que, quando a neve tem uma temperatura summamente baixa, absorve a humidade e sécca a roupa.

*

A loucura não affecta somente o homem. Todos os animaes estão sujeitos a ella, ou a affecções semelhantes á demencia. Isto observa-se principalmente nos passaros, cães, macacos e com o gato em geral. Frequentemente vê-se, no campo uma ovelha ou carneiro dando repetidas voltas em torno de si mesmo, o que denota um verdadeiro symptoma de loucura.

---

verdes, esperançosa... E' simplesmente... você.

Mentiroso o rifão que diz "longe da vista, longe do coração". Você partiu. Você ficou.

E deixando a estação silenciosa, recordei a nomade multi-côr que, em noite de tempestade, com a fusilaria medonha, procurára um abrigo no beiral daquelle centro de festas e se puzéra a lêr sortes por entre zombarias de homens e mulheres. A buenardicha.

Tomára minhas mãos e devagarinho, falára:

— Esta é a linha do amor... sinuosa... Terás mulheres jovens e provocantes em tua vida... Passarão...

E sorrira enigmaticamente.

— De que te ris ó nomade?

— Moço, vejo uma mulher linda, muito linda... loura... um mixto de pureza e encanto... a se debruçar toda em tua vida... Passará.

Deixei a estação silenciosa pensando na cigana estranha. Uma mulher loura, formosa...

Você. Veiu de mansinho, quasi sem querer. Illuminou dias encantados...

Partiu, deixando a embriaguez do seu perfume subtil, a luz radiosa dos olhos grandes, o encantamento todo da sua figurinha fina de mulher...

TREVAS

Por LAURO MENDES

GUSTAVO libertou a custo o braço da garra que formava a mão do homem que estivéra para ser seu cunhado.

— Pela centesima vez, não, não e não. E nunca mais. Eu estou satisfeito com ella para o resto da vida. E já vi o bastante!...

A voz do outro homem, a despeito de sua agigantada estatura, era delicada, e tremia um pouco:

— Não pódes abandonal-a agora, justamente agora, Gustavo. Eu te explicarei o que tu viste. Ella não estava namorando o Felippe, e apenas dizendo-lhe adeus, um adeus simplesmente amistoso. Bem sabes que elles são amigos desde a infancia. Eu admitto que as apparencias sejam contra Marcia, mas, meu Deus, não se póde julgar o mundo pelas apparencias, não achas razoavel?

— Por que motivo não hei de julgar assim?, — perguntou Gustavo, acidamente. — O que eu vi, está visto. E eu quizéra ter ficado cégo para não ver aquillo, o Felippe sentado commodamente no bote, tendo Marcia ao lado, e enlaçando-a amorosamente com o braço.

— Naturalmente, ella não tinha maldade...

— Maldade, ora bolas! E sabes que mais, isto é ridiculo! Eu vou indo...

— Mas deves...

Gustavo não disse mais nada. Apanhou o sobretudo, atravessou o quarto e apagou a luz.

— Aonde vaes? — disse, atravessando a penumbra, a voz do homem que ia ser o seu cunhado.

— Aonde? Para o diabo, supponho.

A porta fechou-se com estrepito atraz de Gustavo, que demandava o rez-do-chão, apressado, delineando a sua silhueta de largos hombros de encontro ás molduras das portas por onde passava. Acompanhando o crepusculo, uma ligeira neblina escurecia de cinza as ruas da cidade friorenta e elegante, que se recolhia aos cafés e casas de chá, abandonando as ruas rumorosas de vida e agitação. Gustavo acenou com a bengala a um taxi que passava e accommodou-se, desorientado, nas fofas almofadas do vehiculo. O outro homem veiu no seu encalço, a ponto de vêl-o ainda entrar no auto, mas elle fez em migalhas os restos de seu humanitarismo e ordenou ao "chauffeur" que seguisse, com gesto secco, muito a contragosto.

As luzes multicôres das janellas das lojas começavam a varar a escuridão, através da neblina espessa, condensando-se sobre as pedras; os vehiculos, movendo-se cada vez mais lentamente, formavam uma serpentina gigantesca que os pharóes deanteiros do carro de Gustavo illuminavam alguns metros adeante. Accendeu um cigarro — um ponto esbrazeado na escuridão.

Resolvêra-se, estoicamente, a não pensar mais em Marcia. Uma moça mais que moderna. E elle tinha aberto mão de maior parte dos principios de sua rigida e severa educação, mas o coração se lhe tinha endurecido, ao ver a sua noiva nos braços de outro homem. Ponderava que isso "devia ser moderno"...

A névoa invadia inquietantemente o ambiente, destruindo panoramas e amortecendo os ruidos, de que resultava uma monotonia desesperada para uma alma agoniada. Pouco a pouco, as luzes das lojas se iam tornando imperceptiveis, a ponto de serem apenas manchas esbranquiçadas enfeitando as residencias sombrias.

(Continúa na pag. 20)

BELLEZAS FAMOSAS DA HISTORIA

Helena de Troia conhecia a attracção irresistivel de uma cutis perfeita

A Senhora deve, tambem, conservar a sua belleza e augmentar o seu encanto natural

A belleza deslumbrante, a belleza ante a qual os homens se curvavam nos dias de antanho, não é mais um privilegio das filhas dos reis. Hoje, quasi toda a mulher pode ser requestada, graças ao tratamento de belleza Dagelle simplificado. Usado como uma base para o pó de arroz, o Creme Evanescente de Dagelle protege a epiderme contra os rigores do sol e do vento, ao passo que o Creme Perfeito de Dagelle, applicado generosamente no rosto, collo e braços, ao retirar-se dá um viço novo á pelle, suavisando-lhe a textura. De manhã, o banho facial com Vivatone, o tonico revigorante, refresca e estimula a epiderme, completando assim o mais perfeito tratamento de belleza. O coupon abaixo proporcionar-lhe-á um Estojo Especial de Belleza, contendo estes famosos preparados de Dagelle.

ALBERTO VARGAS

Celebre por sua belleza, Helena de Troia foi a mulher mais requestada de seu tempo. Linda como um sonho, esta filha do rei Tyndaro procurou augmentar os seus encantos naturaes, por meio de "certos unguentos", afim de captivar todos os que a vissem. Paris sacrificou tudo — até a vida — para conquistar o amor de Helena

DAGELLE

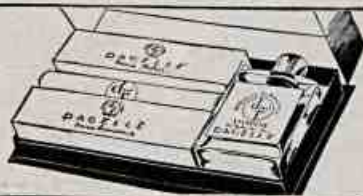
Creme Evanescente ~ *Vivatone* ~ *Creme Perfeito*

DAGELLE, R. Theophilo Ottoni 44, Rio de Janeiro

Queiram enviar-me um Estojo Especial de Belleza, contendo os tres admiraveis preparados de DAGELLE. Junto envio a quantia de 5$000 em *carta com valor declarado.*

Nome...

Rua e No...

Cidade.............................. Estado.............................. (F. F. - 2)

O auto atravessou um campo, e depois outro. O seu quasi invisivel conductor disse um preço em shillings e pence...

* * *

Durante alguns segundos, Gustavo deteve-se, no meio da sala, ainda com a vista offuscada pela subita luz que se fazia, á sua chegada. Alguem tomou-lhe o sobretudo e elle seguiu apathicamente a figura que se perdia na noite. Não fazia nem frio nem calor, e automaticamente elle trepou na aza do seu apparelho. Movia-o a necessidade de fugir do ambiente que lhe era tão propicio. Alguem pediu-lhe a mala, que elle negou. Teve a impressão de ver algumas filas de assentos inclinados, de alguns homens e mulheres de costas, e da escuridão através dos vidros da "cabine". Pareceu-lhe que accendiam a luz da cabine, e que os possantes motores zuniam ensurdecedoramente, e que agora sacudiam o aeroplano. Um pharol

TREVAS

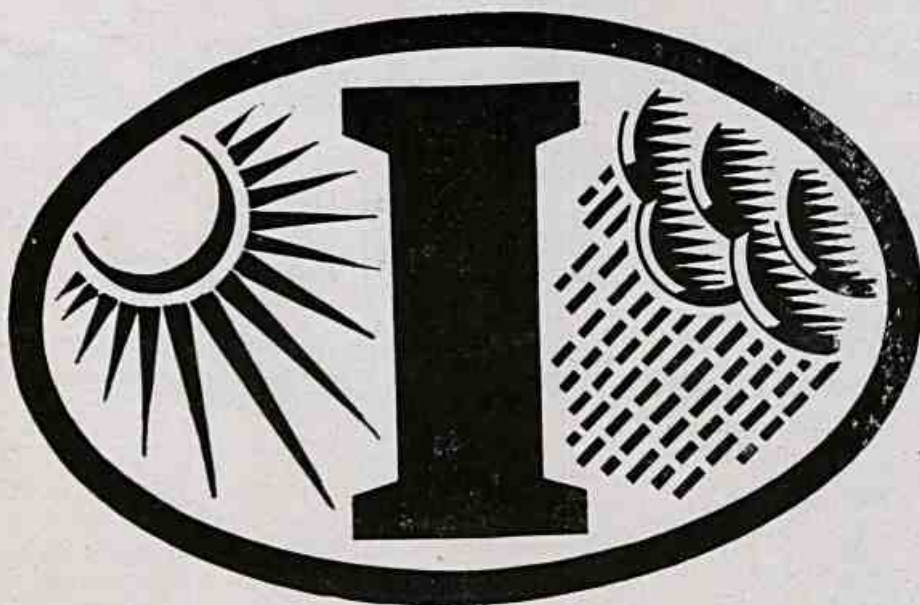
(Continuação)

de segurança accendeu-se e deu uns tons esverdeados ao campo vasto.

Elle sentiu as costas comprimidas assustadoramente contra o assento da cadeira, como si invisivel mão o puxasse violentamente para traz. Não podia ver nada, ninguem, a não ser uma pequena superficie da aza, onde um pequeno pharol punha um tom brilhante de cigarro ardente. Não podia conter os solavancos que era forçado a dar, e que foram diminuindo, á proporção que o rumor ensurdecedor quasi que cessava por completo: já estavam voando. Presa de mortal angustia, Gustavo desejava que os seus olhos pousassem o maximo possivel em superficies deslumbrantemente illuminadas. Mas não ignoravam que, voando em noites brumosas como aquellas, o piloto necessita da quasi completa escuridão na "cabine", de maneira que a sua experimentada vista possa distinguir a mais suave sombra ou obstaculo dentro da noite sinistra e má. Gustavo odiava a escuridão. Estava assim se formando um ambiente incompativel com sua alma illuminada. Não podia estar seguro da situação das coisas na escuridão, e o caracteristico primario de sua personalidade era a segurança. Devido a isto, tinha conseguido accumular uma fortuna. Devido a uma de suas attitudes rapidas e decisões fulminantes, elle estava abandonando Marcia...

Foi subitamente assaltado por pensamentos diversos sobre as mulheres — teimosas creaturas — pensamentos sombrios e innominaveis, que lhe appareciam fracamente através da impenetravel escuridão. Depois pensou em uma mecha de cabellos doirados, e nuns olhos tão claros como a agua limpida dos lagos nataes. A curva deliciosa de um hombro, e o leve franzir de uns labios. E tudo mais que impelle o homem para a mulher. Como a aguerrida tropa que transpõe o desfiladeiro, os pensamentos assaltaram-n'o, sabiamente, um a um, e, encontrando indefesa a praça, assenhorearam-se delle. Gustavo defendeu-se francamente, com meras hypotheses: "a mulher é fraca; é voluvel; mentirosa; cruel; filhas — emfim — da insaciavel Eva."

Estava tomando parte, em summa, numa attitude puramente platonica, acima da superficie da terra, movido por aventura de cujos detalhes fazia parte integrante. Perdêra — sentia — um pouco de sua compostura, um pouco de sua magnitude, deante do assalto repentino das recordações, no actual mundo em que librava. Estava collocado numa situação em que o seu proprio controle tinha a potencia do nihil.

(Continúa no proximo numero)

Indanthren

As etiquetas com o desenho acima, collocadas em fazendas de algodão, linho e seda vegetal, significam que ellas foram tintas com corantes

INDANTHREN.

Tecidos e fios que tenham sido tintos com corantes INDANTHREN resistem, de modo insuperado, ás influencias do sol, da chuva e ás repetidas lavagens.

Quem quizer adquirir fazendas que não desbotem deve verificar se ellas trazem collada á peça a etiqueta acima, ou estampada na ourella a palavra Indanthren, garantia da insuperada resistencia do colorido.

INDANTHREN

GUARDE DE CÔR ESTE NOME. ELLE SIGNIFICA FIXIDEZ DE CÔRES NOS TECIDOS E FIOS.

CONCURSO
Indanthren
DE VITRINES

Indanthren

REALISA-SE nesta capital de 11 a 18 de Junho proximo, um concurso de vitrines entre os nossos principaes estabelecimentos de Modas e Fazendas.

E' condição essencial do Concurso a exposição exclusiva, nas vitrines, de artigos em obra, fazendas e fios tintos com corantes *Indanthren* e marcados com a respectiva etiqueta.

Os premios serão conferidos ás vitrines que apresentarem mais interessante disposição, artistica ou humoristica, á criterio da Commissão Julgadora.

A Commissão Julgadora será constituida por um artista pintor, um jornalista, um commerciante, um technico de publicidade e uma modista, cujos nomes publicaremos no proximo numero.

Os premios serão os seguintes:

1.os PREMIOS

a) *Para Vitrines Artisticas*
Uma pagina de annuncio no texto de "Fon-Fon" no valor de Rs. 800$000.

b) *Para Vitrines Humoristicas*
Idem idem

2.os PREMIOS

a) *Para Vitrines Artisticas*
Uma pagina de annuncio em "Fon-Fon" (papel couché) no valor de Rs. 500$000.

b) *Para Vitrines Humoristicas*
Idem idem

3.os PREMIOS

a) *Para Vitrines Artisticas*
Uma pagina de annuncio em "Fon-Fon" (papel assetinado) no valor de 400$000.

b) *Para Vitrines Humoristicas*
Idem idem.

A mesma casa pode tomar parte nas duas formas do concurso, artistico e humoristico.

São cordealmente convidados todos os magazins e lojas de fazendas e modas desta Capital a tomarem parte neste certamen de Arte e Elegancia que constituirá — a par da propaganda Indanthren — uma opportunidade de attrair a attenção do publico para as vitrines daquelles estabelecimentos.

As inscripções acham-se abertas desde já na Redacção de FON-FON.

ANNO XXVI

FON-FON

NUMERO 21

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 21 de Maio de 1932

A morte da civilização

O homem perdeu a fé. Perdeu a fé em tudo. Não o nortêa mais nenhum ideal religioso, moral, social ou artistico. E, por isso, em parte alguma, se crêa e viceja uma forma de belleza, invadido o luminoso campo das artes pela extravagancia e pela incapacidade.

Morta a fé, ergue-se no mundo a Babel dos instinctos. As bôrras sociaes entendem que é chegado o momento de dominar. E o mal não se esconde mais, porem alça o collo viperino e ostenta á luz meridiana a sua feiura repellente.

Assim, nós assistimos ao fim duma civilização sobre cujas ruinas ainda sumptuosas galopam os quatro cavalleiros do Apocalypse, annunciando a vinda do Antechristo para terminar esta etapa do mundo.

Nestes ultimos dias dois crimes infames vieram mostrar em que borda de abysmo se arrasta a humanidade descrente e trepidante dos nossos dias. Em plena capital intellectual do mundo, tomba em lugar publico, victima das balas dum desvairado, o austero e digno chefe de Estado da França, cuja vida de abnegação, estudo, trabalho e dôr decorre nobremente dedicada á patria e á familia. E, no seio da mais alta civilização material do planeta, uma criança de vinte mezes, raptada por um grupo de miseraveis, apparece morta por mãos covardes nas cercanias da residencia de seus infelizes paes.

O crime hediondo commettido contra o pequenino filho do aviador Lindbergh é o mais monstruoso attentado que se pratica neste seculo. Não se trata do rebento dum tyranno ou do descendente dum millionario, de nenhuma criança cujos paes houvessem escravizado homens para exploral-os na politica, no commercio ou na industria, mas da unica alegria dum casal modesto e simples, cujo chefe cobrira de gloria nos espaços o nome de sua terra natal.

Por que isso aconteceu?

Porque nessa civilização estuante de energia, de força e de riqueza, esquecêram-se os ideaes, perdeu-se a fé e só impera o dinheiro. Assim, a lei e o apparelho que a defende se vêem impotentes contra o crime triumphante. Maçonarias de scelerados os affrontam e os derrotam. Corporações de *gangsters* dominam as suas cidades mais populosas. E a sociedade secreta do mal é mais poderosa que o Estado.

Emquanto no Brasil, no Mexico e na Corsega os bandidos somente erram acossados e destemerosos pelos sertões invios ou pelas montanhas inaccessiveis, nos Estados Unidos, orgulhosos de seu adeantamento e de seu poderio, elles mandam nas capitaes e ninguem póde com elles. De maneira que a criminalidade americana é uma mancha de sangue e lama que denota o gráu de amoralidade a que o materialismo póde levar uma nação.

Taes symptomas são alarmantes neste momento de apprehensões para os povos de todo o mundo, em que todas as ambições sem raciocinio procuram attingir suas métas, e fazem o pensador baixar a cabeça sob o pêso duma grande tristeza, a tristeza da descrença no destino humano.

O homem perdeu a fé. A belleza desappareceu. E nós assistimos á morte duma civilização.

JOÃO DO NORTE

A MULHER CHIC ...

Jaquette de toile vert opaline posée sur une robe de satin marine. Chapeau paillasson noir garni de gros grain vert.

CREAÇÕES

JEAN PATOU

Jersey corinthe & blanc.

(Photos especiaes para FON-FON).

SILENCIO

Quem, sentindo o castigo e a atroz maldade
Com que zombas de mim constantemente,
Ha de pedir-te um pouco de piedade,
Implorando que sejas mais clemente?

Quem tambem te dirá que esta saudade
Me vae matando crúa e lentamente?
Ou, vendo-te tão fria assim, quem ha de
Te dizer que este amor é grande e ardente?

Não, ninguem te dirá!... Pois que, penando,
Tenho tido a coragem de esconder
Tudo o que soffro silenciosamente.

Só, talvez, algum dia, alguem, chorando,
Te dirá que, afinal, me viu morrer
Murmurando o teu nome tristemente!

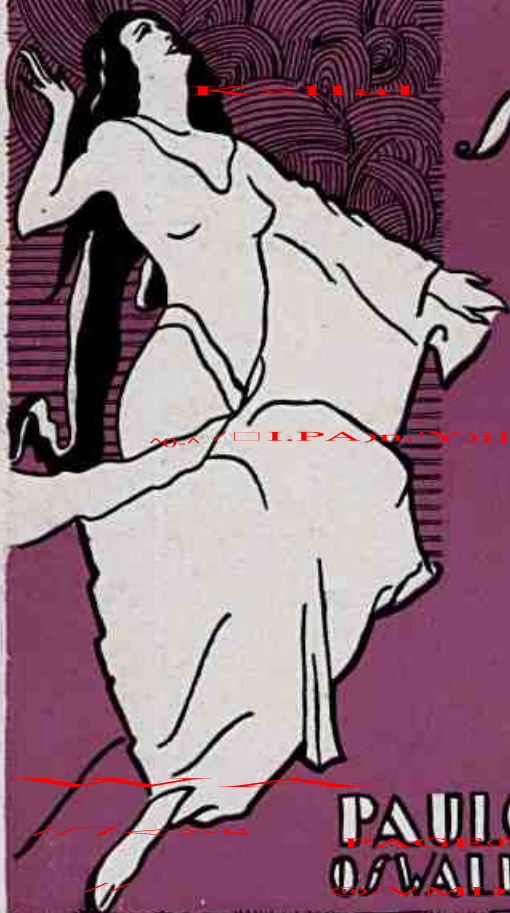
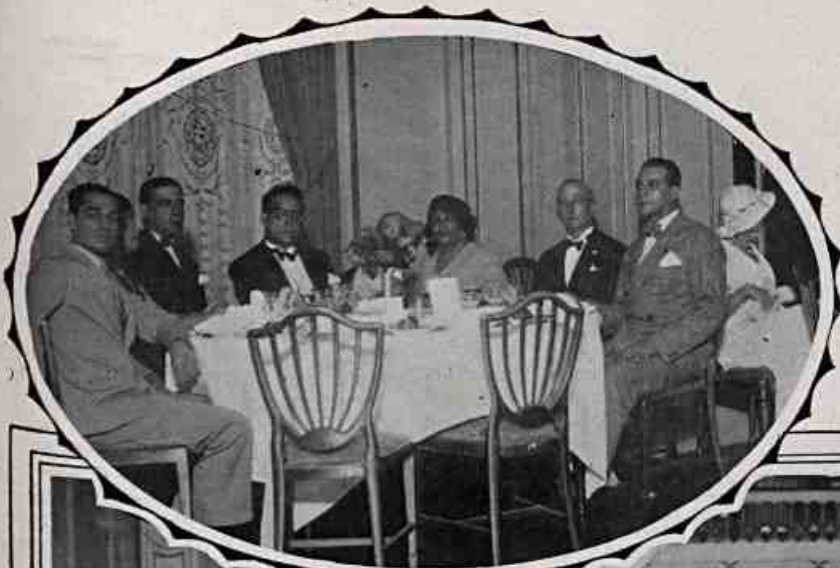
SIM, PÓDE SER...

Fôra melhor que eu não te visse mais,
Fôra melhor que te esquecesse!... Assim,
Não teria de um sonho tão fugaz
Uma saudade que não tem mais fim.

Fôra melhor que não me repetisses
As promessas que fazes, dia a dia,
Levando-me a esperar tantas meiguices
E sonhar tanta luz, tanta alegria!...

Para que, si, em verdade, (bem que o vês)
Já me não tens aquelle amôr antigo,
Que, outrora, nos uniu, forte e sincero?

E dizes que me queres.... Sim, talvez,
Inda me queiras... para teu amigo
E não mais, meu amôr, como eu te quero!

PAULO GUSTAVO ESCREVEU
OSWALDO MAGALHÃES ILLUSTROU

Esta pagina fixa tres detalhes expressivos da rutilante festa de sabbado ultimo do Praia Club, em homenagem ao Tijuca Tennis Club, vendo-se no medalhão a mesa do presidente do Praia, na qual apparecem, entre outros prestigiosos elementos da directoria dos dois clubs, o dr. Nesso Rocha e o seu illustre collega presidente do Tijuca, nosso confrade dr. Heitor Beltrão.

UMA FESTA DE CONFRATERNIZAÇÃO E ELEGANCIA

CONSTITUIU um acontecimento mundano de grande brilho o jantar-dançante que o Praia Club offereceu ao Tijuca Tennis Club, sabbado ultimo, nos salões do Copacabana Palace Hotel. Festa de sympathia e confraternização, ella reuniu os elementos mais expressivos e distinctos da nossa alta sociedade, além da significação de cordialidade que teve, congraçando os representantes da aggremiação da Tijuca e os da elegante sociedade de Copacabana. Nesse ambiente de animação e alegria decorreram o agape e as danças, ao som de excellente jazz-band. Deve-se essa iniciativa ao dr. Nesso Rocha, presidente do Praia Club.

Caverna de Ali Babá

OSCAR WILDE E DREYFUSS

Oscar Wilde, como Zola, nunca acreditou na culpabilidade de Dreyfuss. Num livro de Franck Harris sobre o poeta e escriptor inglez, se conta que, almoçando um dia Wilde com o seu amigo Harris e o coronel Esterhazy, este affirmou seguidamente que Dreyfuss era um judeu allemão traidor á França e que elle, Esterhazy, sendo innocente, fôra tratado de modo abominavel.

O autor do "Retrato de Dorian Grey" respondeu-lhe:

— Todos os que soffram são innocentes. Aliás, somos todos innocentes, emquanto não nos desmascaram. O mais interessante na vida é ser culpado e ter como aureola a seducção do peccado.

A vaidade de Esterhazy não lhe permittiu guardar silencio e explodiu:

— Por que não confessar a verdade? Eil-a: sou eu o unico culpado. Eu é que escrevi o famoso "bordereau". Eu é que mandei Dreyfuss para o presidio e a França inteira não póde mais libertál-o. Eu é que arranjei toda a conjuração e nella desempenhei o papel principal...

Oscar Wilde cortou-lhe o fio da exaltação com uma sonora gargalhada. Elle descobriu com seus paradoxos propositaes a culpabilidade de Esterhazy no momento em que ninguem delle suspeitava.

A revelação dessa habil manobra da intelligencia de Wilde feita no livro de Harris mostra como os homens de espirito da época haviam sentido a trama cruel contra a pobre victima dos odios de casta na França republicana. Mas como ella apparece depois que todos os factos fôram devidamente aclarados e a innocencia reconhecida e reintegrada na sua plenitude publica e notoriamente, a gente não póde deixar de indagar por que não foi contada essa historia opportunamente?

CHICANA

O individuo dá uma esmola a um pobre. Nada mais simples. Mette a mão no bolso, tira o nickel e o põe na palma estendida do outro. Mas, se o tivesse de fazer por meio dum advogado, desse corriqueiro acto de caridade sahiria o seguinte documento sellado, assignado e com custas a pagar:

"Saibam todos os que este virem ou delle conhecimento tiverem que Fulano, maior de idade, casado, no gozo de todos os seus direitos civis, domiciliado nesta cidade, agindo por si e em plena liberdade de contractar, sem o menor constrangimento, e Beltrano, tambem maior, solteiro, residente no mesmo lugar e livre, mendigo profissional, houveram por bem celebrar, como celebram, o seguinte contracto: Fulano entrega a Beltrano, neste mesmo acto, uma moeda de duzentos reis, de peso legal e de curso official, convindo-se que Beltrano a póde receber, usar, dar, gastar, alienar, empenhar, hypothecar ou fazer qualquer outra operação que entenda. Fulano renuncia totalmente a todo e qualquer direito sobre a dita moeda. Dado e passado no dia tantos do mez de maio do anno de mil novecentos e trinta e dois do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, na minha presença e na das testemunhas abaixo mencionadas: Cicrano e Cicrano de Tal. O escrivão dos feitos, etc..."

Seguem-se assignaturas, reconhecimento de firmas, estampilhas e averbações.

A differença é grande...

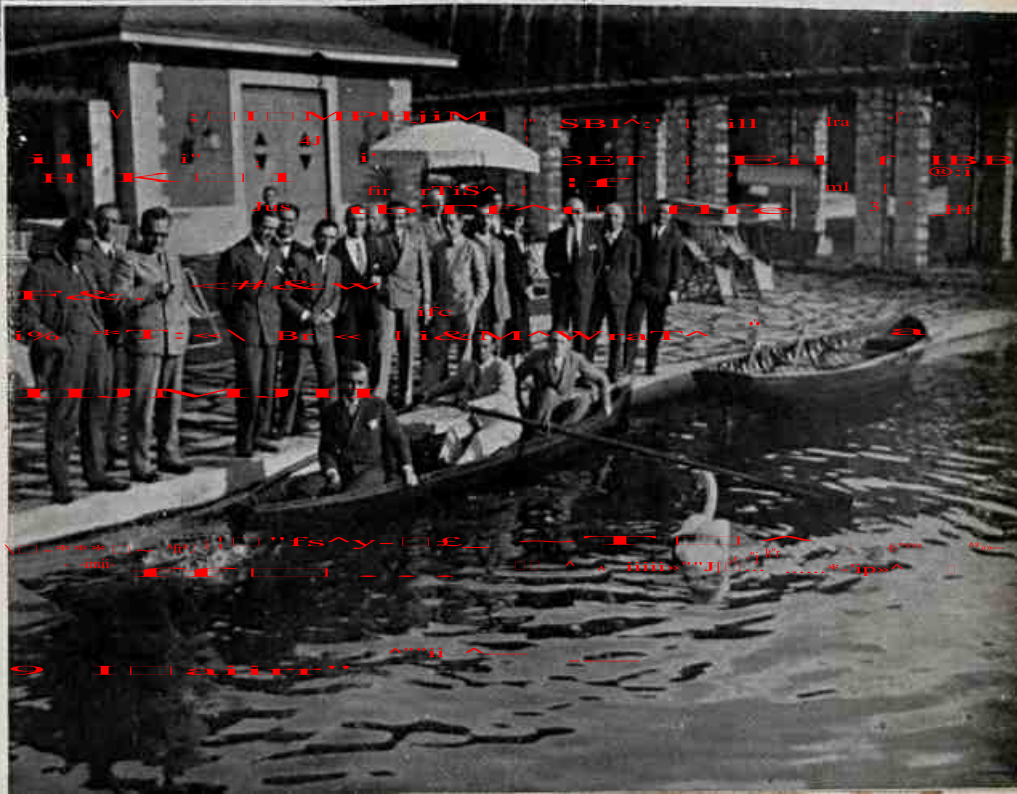
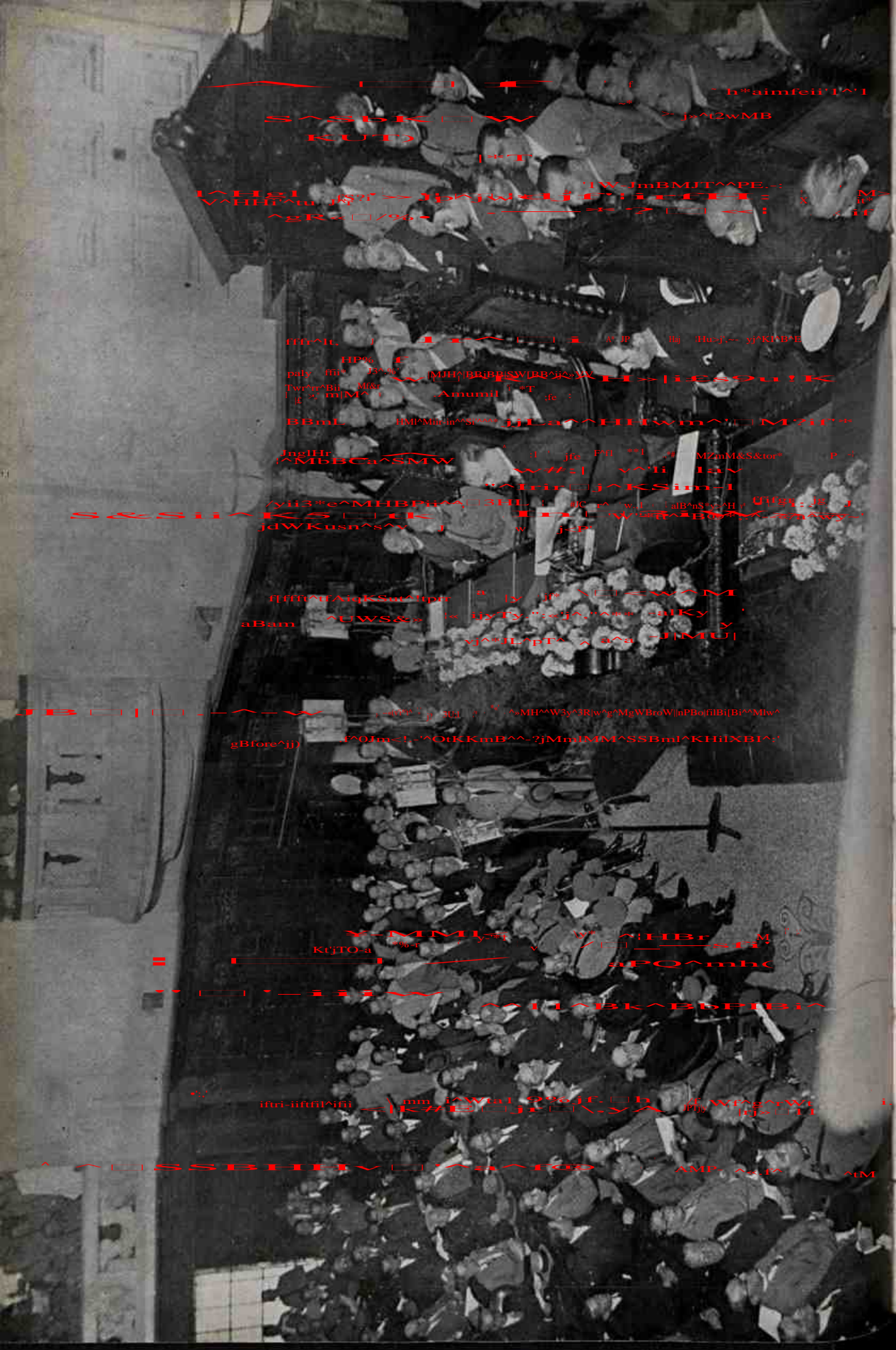
SÉSAMO

o o o o o o o

O nome literario é uma conquista do talento e da illustração conjugados. Ha consagrações ephemeras, que vivem, apenas, na memoria dos contemporaneos. As consagrações definitivas transpõem as gerações e se fixam no tempo indelevel. Laudelino Freire é dos que conquistaram a sua nomeada pela fusão daquellas duas virtudes intellectuaes: uma congenita, a da intelligencia; outra adquirida, a da cultura. Homem de talento e de illustração, a laurea academica de Laudelino Freire foi uma consequencia logica de sua longa e proficua actividade literaria, de seu brilhante e fecundo tirocinio intellectual. Feito immortal, com o seu ingresso no gremio academico, Laudelino não parou no fausto da consagração official. Pelo contrario: affirmou-se, cada dia mais, o escriptor exemplar, que todos admiram. Ainda agora, como corollario de sua notavel obra de philologo, de que resultou uma collaboração magnifica nos trabalhos da reforma orthographica, o insigne literato vem de apresentar, magistralmente, a publicação do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa», que a Academia começou a editar. A autoridade do prefaciador dispensa qualquer elogio, por isso que presume a lição magistral do mestre admiravel, profundo e esmerado conhecedor de todos os segredos do vernáculo. A Academia está de parabens com a publicação de seu utilissimo «Vocabulário», cujo primeiro fasciculo acaba de vir a lume; e, sobretudo, pela rara proficiencia e pelo brilho impar, com que Laudelino Freire apresenta e recommenda o trabalho da reforma orthographica e, conseguintemente, do accôrdo firmado entre as Academias Brasileira e de Lisbôa.

O DIA DO AUTOMOVEL E DA ESTRADA DE RODAGEM

O dia 13 de maio, consagrado ao automovel e á estrada de rodagem, foi, este anno, brilhantemente commemorado pela grande instituição sportivo-mundana que é o Automovel Club do Brasil. A prestigiosa entidade automobilistica promoveu, naquella data, isto é, sexta-feira da semana passada, uma excursão á granja Comary, em Therezopolis, onde o gosto artistico de seu proprietario, que é o dr. Carlos Guinle, presidente do Automovel Club, e figura de relevo em nossa sociedade, em tudo se manifesta com requintes de fidalguia. Ali, o dr. Guinle offereceu aos excursionistas, directores do Automovel Club e Jornalistas do Comité de Imprensa dessa sociedade, um almoço que se realizou sob a presidencia do illustre amphytrião e com a presença, ainda, do prefeito de Therezopolis, general José Pereira. Nossa pagina fixa varios flagrantes photographicos tomados na granja Comary, durante a visita dos jornalistas e directores do Automovel Club.

O MANIFESTO DO GOVERNO PROVISORIO

O Palacio Tiradentes abriu-se, sabbado ultimo, para a leitura do manifesto politico com que o chefe do governo provisorio da Republica, dr. Getulio Vargas, mais uma vez se dirigiu á Nação. A cerimonia revestiu-se de brilho excepcional, tendo comparecido á mesma, além do corpo diplomatico estrangeiro aqui acreditado, os srs. ministros de Estado, militares de terra e mar, homens publicos, jornalistas e representantes de todas as classes sociaes. O presidente Getulio Vargas deu inicio á leitura desse importante documento publico depois das 16 horas daquelle dia, fazendo minuciosa exposição da acção desenvolvida pelo seu governo, nos vários departamentos da actividade nacional, nestes últimos dois annos. A seguir, s. ex. assignou o decreto que marca para 3 de maio de 1933 as eleições da nova Constituinte. As photographias desta e da pagina anterior focalizam aspectos da grande reunião politica de sabbado passado.

Rendas de espuma

DOIS ARTISTAS

DE LOS RIOS, apesar do Irmão artista — começou fazendo photographias num *atelier* da rua da Assembléa. Era o *Studio De los Rios*. O De los Rios sem o mano.

* * *

Dentro de pouco tempo, elle alcançava um desses successos retumbantes. O acanhado *studio* da rua da Assembléa mal comportava a multidão elegante que, diariamente, se comprimia no salão.

Mas, por que esse prestigio?

* * *

A razão era simples: De los Rios não era só o artista preoccupado com fazer a arte das imagens, que vinham do negativo para o positivo. Era mais alguma coisa de expressivo, de real e palpavel. Era o homem de sociedade, o elegante, o *causeur*, o intellectual lusitano, de origem fidalga e de maneiras distinctas. Era, em summa, além de artista, um *gentleman*.

* * *

De los Rios passou a ser o artista photographico da moda. A senhorita fina, a violinista, a declamadora, a poetisa ou o pintor; o poeta, ou o homem de sociedade que não tivesse sobre a sua photo esta rubrica: *De los Rios* — não se considerava chic, nem distincto e muito menos notavel — o que, aliás, é o fraco do carioca.

Sim, quem não é importante, illustre, chic, "distingué" nesta formosa terra da Guanabara?

E nisso quem ganhava era o elegante De los Rios — cujo nome se destaca e não se confunde no meio da vulgaridade onde se achata e deslisa muita gente.

* * *

Crescendo, porém, o prestigio artistico e social do nosso heroe photographico, é claro que se ampliava tambem a sua fama commercial. A clientela, que se apurava, dia a dia, e augmentava, exigia um ambiente mais "convenable". De resto, elle necessitava de um auxiliar, de um amigo, de um socio que fosse o prolongamento da sua personalidade, vista sob todos os aspectos. E quem poderia ser elle?

O Irmão. O Irmão com I maisculo e com aquelle seu sorriso acolhedor, amavel e captivante — como si fizesse parte da campanha da bôa vontade: "Ria, ria sempre. Não seja pessimista"...

* * *

Uniram-se os irmãos e amigos, os "Irmãos De los Rios"... E hoje — ali bem ao lado d'*O Globo*, ou melhor, contiguo á sala da redacção do grande vespertino, — estão elles installados, num studio magnifico. Um studio que é o centro de uma sociedade fina, de "bonequinhas de carne", de "flores de estufa" como diria o chronista Hugo Auler, ou Waldemar Bandeira...

NOTAS DE ARTE

Mlle. Alicinha Ricardo, que é uma figura de destaque em nossos meios artisticos e mundanos, dará, no proximo dia 24 do corrente, no theatro Municipal, o seu recital de canto. Ha em torno dessa festa de arte um enthusiasmo crescente por parte dos admiradores da applaudida cantora patricia.

Y V E S

No Salão de Tratados do palacio Itamaraty, durante a cerimonia da troca de ratificações do accôrdo commercial firmado em 28 de novembro de 1931, entre o Brasil e a Italia, representados então e agora pelo ministro Afranio de Mello Franco e o embaixador Vittorio Cerruti. A solennidade final do supracitado accôrdo realizou-se quarta-feira da semana passada, estando presentes, além dos drs. Mello Franco e Vittorio Cerruti, altos funccionarios do Ministério das Relações Exteriores e da Embaixada da Italia.
Na mesma occasião, o embaixador Cerruti fez entrega, ao ministro Afranio de Mello Franco, do diploma da Gran Cruz da Ordem da Corôa da Italia, com que fôra condecorado, pelo rei Victor Emmanuel, o illustre chanceller brasileiro.

O valor dum marido

Os visinhos de d. Rosa, que era viuva, moça e bonita, diziam-lhe todos os dias:

— Por que a senhora, tão joven e formosa, tão cortejada e tão faceira, não se casa outra vez?

— Já disse que não desejo casar, respondia ella. Vivo muito feliz em companhia do meu cão, do meu papagaio e do meu gato.

— Mas esses bichos não substituem um homem, declarou-lhe numa feita um delles.

— Como não? tornou a viuva. O cão grunhe continuamente, o papagaio não para de dizer desafôros e o gato passa as noites fóra de casa. Vê você, portanto, que os meus tres bichos equivalem a um marido..

Festejando o anniversario de sua gentil filha senhorinha Maria, o casal João Lisbôa Serra offereceu, sexta-feira, dia 13, na sua residencia em Botafogo, uma elegante recepção ás pessôas de suas relações. A objectiva de FON-FON fixou um interessante aspecto dessa festa mundana, no qual se vê a anniversariante cercada de um grupo de suas encantadoras amiguinhas.

Azas do Brasil que se espedaçam...

Parece que um máo fado anda a perseguir, nestes ultimos tempos, os passaros mechanicos que cruzam o espaço levando como emblema as côres do Pavilhão Nacional. Vimos, há pouco, no desastre succedido em São Salvador, o coração da nossa patria partir-se de dôr ante o sacrificio de filhos illustres. E mal decorridos alguns dias, eis que de novo a Nação se confrange, chorando outros entes queridos ceifados pela fatalidade. Nesta pagina, num doloroso contraste, se fixam aspectos de alegria e de luto. Primeiro, na hora da partida, vê-se o aeroplano do Exercito K-612, o «Itororó», prompto para levantar vôo, emquanto os seus tripulantes se despedem entre abraços e effusões. Iam elles levar ao Paraguay os protestos de amizade do Brasil, no dia da sua independencia. E depois, findo o drama pungente, destroçadas as azas do K-613, o «Tuyuty», e mortos os seus pilotos, capitães Quadros e Meziat, e o sargento Dario Perly, vê-se o sahimento funebre de um dos mallogrados «azes» da nossa aviação militar. Que Deus se apiede, d'oravante, dos bravos patricios que, como estrellas de civismo e de coragem, perlustram o céo de canto a canto, indifferentes aos perigos que correm as suas vidas preciosas.

TREPAÇÕES

AGORA, sim, o Rio *civiliza-se*, e não temos receio de gritar pela grande verdade.

O maior sonho dos rapazes conhecidos pela alcunha de *piratas* consiste em possuir uma *baratinha*, mesmo que seja Ford, para atropelar as pequenas pelas ruas da cidade. Marinetti não mostrou ser *futurista* quando disse que um seductor de raça, munido de um bom automovel, podia tentar a conquista de todas as mulheres do universo. Constatou apenas uma realidade presente...

E' pelo menos o que affirmam os *conquistadores*, donos de *baratinhas*, o maior flagello dos maridos incautos.

Lina Demoel, a fascinante actriz que está alcançando grande successo, no Theatro Republica, como figura principal da Companhia Portugueza que ora faz, alli, uma temporada de revista.

Mas, não é *disso* que pretendemos tratar nesta innocente *trepação*.

Queremos annunciar uma novidade de primeirissima ordem, sensacional, digna do Rio *civilizado*.

Até agora, os rapazes ambicionavam uma *baratinha*, porque, sahindo a percorrer o Flamengo, Copacabana, Leblon, tinham a fortuna de colher pelo caminho as *donas* descuidadas, para um *raid* de velocidade...

Entretanto, as mulheres não quizeram supportar por mais tempo tamanha humilhação, e ameaçam desbancar os proprietarios de *baratinhas*, fazendo a felicidade dos rapazes que não têm dinheiro para andar de automovel.

E' o que parece, pois a encantadora creatura que todo o Rio conhece e *admira* adoptou o systema elegantissimo de colher, pelas ruas onde passa, os rapazes que lhe cáem em graça.

E' um processo moderno, que está despertando viva curiosidade, pois a dama, quando passa, pesquiza com o olhar, escolhe, dispensa um sorriso envolvente ao eleito, detém o automovel que ella mesma guia com pericia extraordinaria, e convida o felizardo a tomar o logar ao lado. Quando ainda o feliz mortal arregala os olhos de curiosidade, procurando decifrar si se trata de um sonho, o automovel parte, lambendo kilometros, até as portas do céo...

Mas, o capricho dura pouco, quasi tem a vida das rosas de Malherbe, porque ella trata de substituir, de renovar o prazer da aventura, colhendo novos typos para passageiros do seu lindo automovel. Como vêem os leitores tratase de um *sport* muito *chic*...

MADAME tem a volupia dos dias de chuva, cinzentos, propicios á exhibição das pelles e dos agazalhos.

Quando a agua canta os poemas tristes nas vidraças, ella corre para a rua, inquiéta, sentindo o doce prazer de viver a Vida...

Não se parece com as gatas temerosas da chuva, que, nos dias pardacentos e molhados, preferem a tepidez macia do borralho.

E' uma esquisitice como qualquer outra e que tambem não deixa de produzir, por vezes, resultados surprehendentes.

Segunda-feira ultima foi um dia assim, chuvoso, batido pelo tédio...

Na rua, só os que tinham obrigação a cumprir, ou os vadios, eternos, *mirones* das calçadas, caçadores de aventuras.

Madame appareceu em um cinema, elegantissima, vestindo um *tailleur* ultima creação parisiense.

Apreciou a fita e foi tambem muito apreciada.

Quando terminou a sessão, *madame* sahiu, porem, muito bem acompanhada.

Ao lado, um rapaz sympathico desmanchava-se em mesuras deante do sorriso complacente de *madame*.

Um *taxi* foi solicitado e o casal arrumou-se no interior do mesmo, ambos muito agarradinhos, talvez por causa da baixa temperatura...

O vehiculo rodou, desapparecendo na curva do Monróe. Palavra que ficámos com inveja...

O estimado rapaz, conhecido frequentador das rodas mundanas, desde que se fez noivo, nunca mais foi visto nem mesmo nas casas de chá, onde era assiduo, nem nos cinemas. O *desapparecimento* do rapaz está despertando vivas saudades entre os velhos amigos e as *camaradinhas* gentis.

Os commentarios mais extravagantes correm nas rodas antigas dos amigos, porque n i n g u e m admitte a hypothese delle ter dado em bobo. Ha mesmo uma interessante *melindrosa* que não se conforma com o *monopolio* que a noiva está fazendo do rapaz.

A graciosa artista Maria Sampaio é um dos elementos de destaque da Companhia de Revistas José Loureiro, que, actualmente, está obtendo grande exito no theatro Republica.

A proposito, o outro dia, formulava ella a sua queixa, pois o ingrato nunca mais *deu as caras*, expressão que usou para reproduzir uma phrase habitual do rapaz.

E, com perfida intenção, accrescentava que, certamente, elle havia cahido em alguma ratoeira e a gata comeu o rato...

A *melindrosa* deve ter paciencia, porque o rapaz não foi ainda comido, e um dia voltará para aquellas tardinhas *azues*, lá pelos lados da Tijuca...

Elle deve tambem estar louco de saudades...

Por emquanto, a noiva tem o bicho bem guardado, mas elle ha de escapolir...

ENLACE SANTIAGO-MIRANDA

O epilogo feliz de um romance do coração, é o que se retrata nos dois aspectos que aqui publicamos. Foram elles tomados por occasião do enlace de Oswaldo Santiago, o poeta de «Gritos do meu Silencio», com a senhorita Heloisa Menezes de Miranda, ornamento do nosso «cast» social. Em um, estão os jovens noivos ao pé do altar enfeitado de flores. E no outro estão elles rodeados pelos seus intimos, vendo-se, entre estes, o poeta Adelmar Tavares, o sr. e a sra. dr. Francisco Alexandrino, o general João Gomes Ribeiro, a poetisa Maria Sabina de Albuquerque, o sr. e a sra. Eduardo Roméro, o sr. e a sra. dr. João Carlos de Miranda, paes da noiva, o dr. Joaquim Inojosa, o dr. Silvio de Moura, a sra. dr. João Pedro de Albuquerque, a sra. Vasquez Alonso, o sr. e a sra. dr. Manoel Gomes Ribeiro e varias outras pessôas.

O AMOR

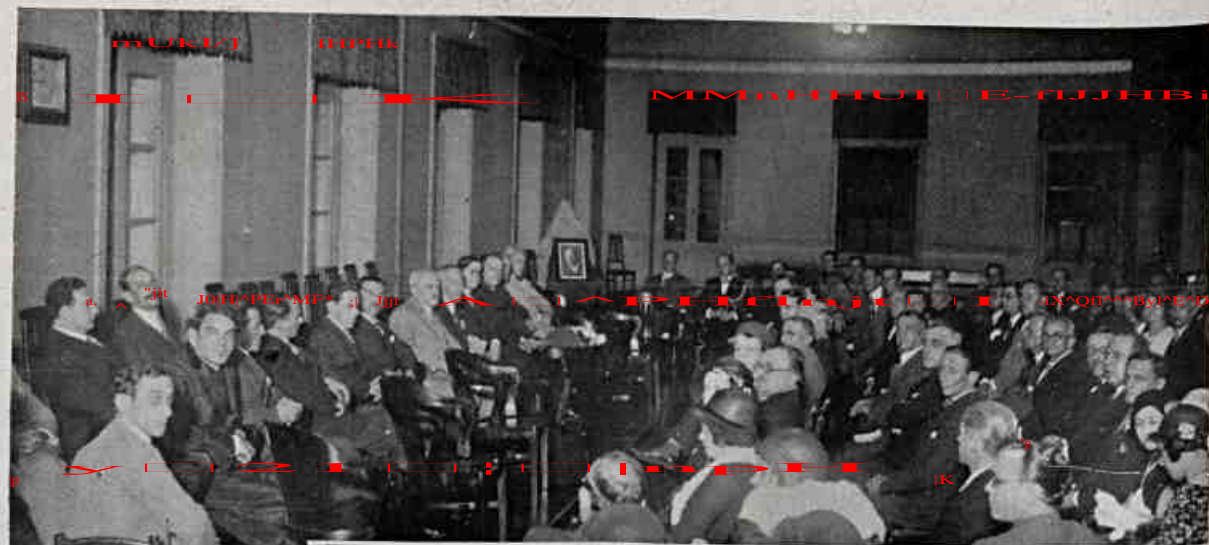
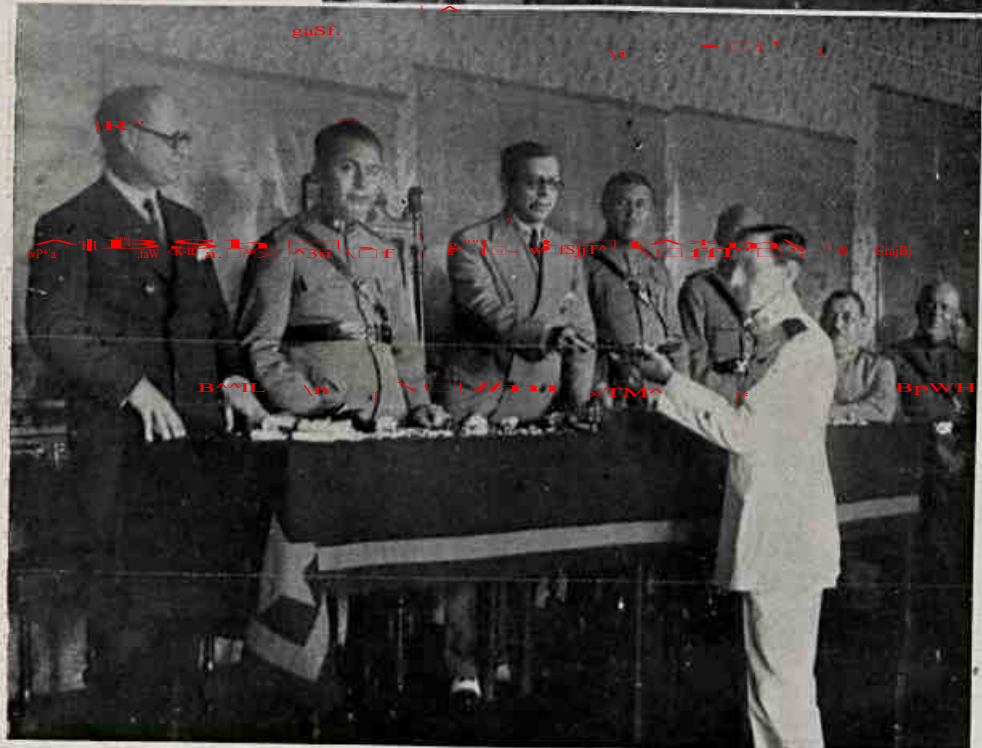
Basta uma pequena esperança para fazer nascer o amor. — *Stendhal.*

*

O amor não tem idade: está nascendo sempre. — *Pascal.*

Mlle. Dora Vicchiati, que contrahiu nupcias com o sr. Elias Benjamim da Silva, em São Paulo.

Mlle. Cecilia Lara Vammini, cujo enlace com o sr. Italo Cirillo se realizou ha dias, na capital paulista.

(Photos Cemi — São Paulo).

A posse da nova directoria da Associação Brasileira de Imprensa, realizada na noite de sexta-feira penultima, foi uma solennidade brilhante, que teve a presença de figuras representativas nas artes, nas letras e no jornalismo nacionaes, comparecendo, igualmente, autoridades, diplomatas e outras pessôas gradas, especialmente convidados pelo Conselho Deliberativo da A. B. I.

Ao centro: grupo de autoridades, medicos e outras pessôas que assistiram á inauguração, na penultima quarta-feira, 11 do corrente, do Instituto de Psychologia do Ministerio da Educação e Saúde Publica, provisoriamente installado na Colonia de Psychopathas do Engenho de Dentro.

Em baixo: aspecto da cerimonia da entrega de diplomas aos alumnos da Escola Profissional da Policia Militar do Districto Federal que em 1931 terminaram o seu curso naquelle estabelecimento. O sr. ministro, interino, da Justiça, dr. Francisco de Campos, presidiu a essa solennidade.

O PEQUENO LINDBERGH

O clamor de revolta contra o crime hediondo de que foi victima [illegible] o innocente filhinho do aviador Charles Lindbergh, immolado á sanha impiedosa dos "gangsters", ainda repercute, mundo afóra, onde haja um coração capaz de pulsar sob o rythmo emocional do sentimento humano, o éco doloroso e profundo do consternamento com que a civilização recebeu a noticia do cruel e trágico desfecho desse inominável attentado.

Neste momento, na grande patria de Washington, na maior democracia do mundo, não só o lar silencioso e abandonado do glorioso aviador está de luto. Porque enlutada tambem está a civilização americana, e, com ella, a civilização mundial.

Esse crime que aberra de todas as leis e principios de humanidade; esse acto de selvageria que custou o sacrificio de uma pequenina vida ainda na inconsciencia da propria Vida, que começava a se lhe revelar através da instinctiva alegria de seus olhitos sorridentes, julgou-o, condemnando-o, verberando-o, maldizendo-o, o immenso tribunal constituido pelo immenso coração da humanidade capaz de sentir, capaz de amar, capaz de perdoar...

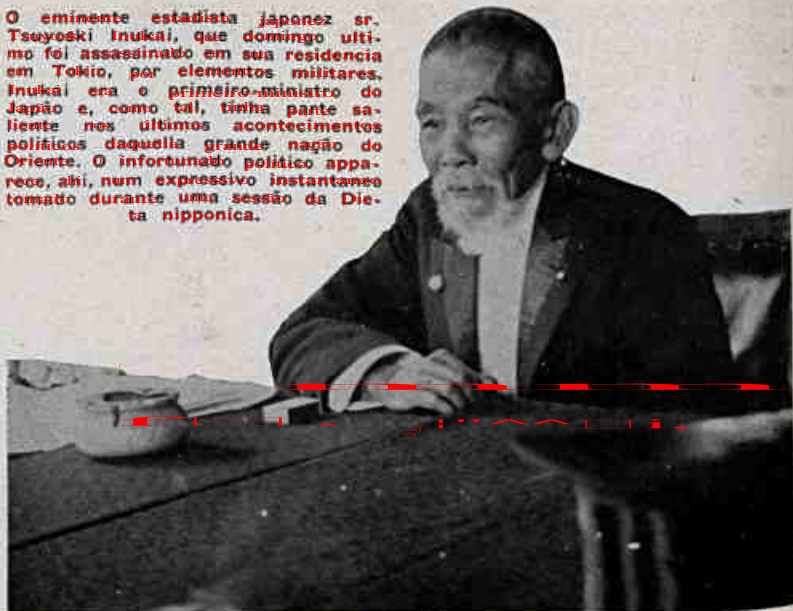
O menino Charles Augustus Lindbergh, na sua ultima photographia, tomada pouco antes de ser raptado. A casa de Lindbergh, em Hopewell, perto de Princeton, no Estado de Nova-Jersey, onde se deu o sequestro da pequenina victima. E o famoso aviador em companhia de sua esposa.

ZOLA E BARBUSSE

A *Nouvelle Française* annuncia o apparecimento do ultimo livro de Henri Barbusse: *Zola*. Nelle, o grande romancista de *L'enfer* estuda a personalidade do grande romancista de *La débacle*, relativamente á sua época e á nossa época.

Entre ambos ha muitos pontos de contacto. Zola descreveu os tristes dias da guerra de 1870 a 1871 e Barbusse pintou os horriveis dias da de 1914-1918, com a mesma realidade e identico amor ao verdadeiro.

Embora muito se tenha escripto sobre Zola, o livro de Barbusse terá o merito de mostrar a opinião dum de seus émulos mais modernos, dum realista como elle, para quem a face má e suja da vida é um fóco constante de inspiração. Aliás é sempre curioso saber o que pensa Barbusse.

O eminente estadista japonez sr. Tsuyoski Inukai, que domingo ultimo foi assassinado em sua residencia em Tokio, por elementos militares. Inukai era o primeiro-ministro do Japão e, como tal, tinha parte saliente nos ultimos acontecimentos politicos daquella grande nação do Oriente. O infortunado politico apparece, ahi, num expressivo instantaneo tomado durante uma sessão da Dieta nipponica.

O dr. Paulo Ramos, secretario da Directoria Geral do Thesouro Nacional, entre os collegas e amigos que o homenagearam ha dias, com um almoço, por motivo do anniversario natalicio desse estimado funccionario.

O sr. José Horta de Araújo, chefe da secção do Moinho Inglez, do qual é antigo funccionario, recebeu, ha dias, carinhosa homenagem dos seus collegas e amigos, por motivo da passagem de sua data natalicia.

JOSÉ GUILHERME

ECOOU sentidamente nos circulos jornalisticos do Rio de Janeiro o inesperado passamento, occorrido no dia 12 do corrente, do nosso brilhante confrade dr. José Guilherme, director d'*A Batalha* e velho profissional da imprensa, militando activamente, durante varios annos, nesta capital.

José Guilherme era um jornalista, na mais ampla accepção do termo. Commentador vibrante dos mais complexos assumptos que se agitam nas columnas dos jornaes e nas paginas da vida, escrevia, diariamente, os seus artigos de critica aos acontecimentos da actualidade, os quaes eram, geralmente, apreciados, não só pelos seus collegas, mas, tambem, pelo publico. Na *Gazeta de Noticias*, n'*A Noticia* de Candido de Campos, e, ultimamente, n'*A Batalha*, seu talento jornalistico sempre se manifestou com exuberancia de pensamento e de clareza. Espirito culto, sabia desenvolver com superioridade os seus pontos de vista.

Pessoalmente, José Guilherme era um homem retrahido, de um temperamento que impressionava. Por isso mesmo, foi mal comprehendido por alguns dos que o conheciam ligeiramente.

A Associação Brasileira de Imprensa, de cujo Conselho Deliberativo era membro o mallogrado jornalista, prestou á sua memoria tocantes homenagens de admiração e de saudade.

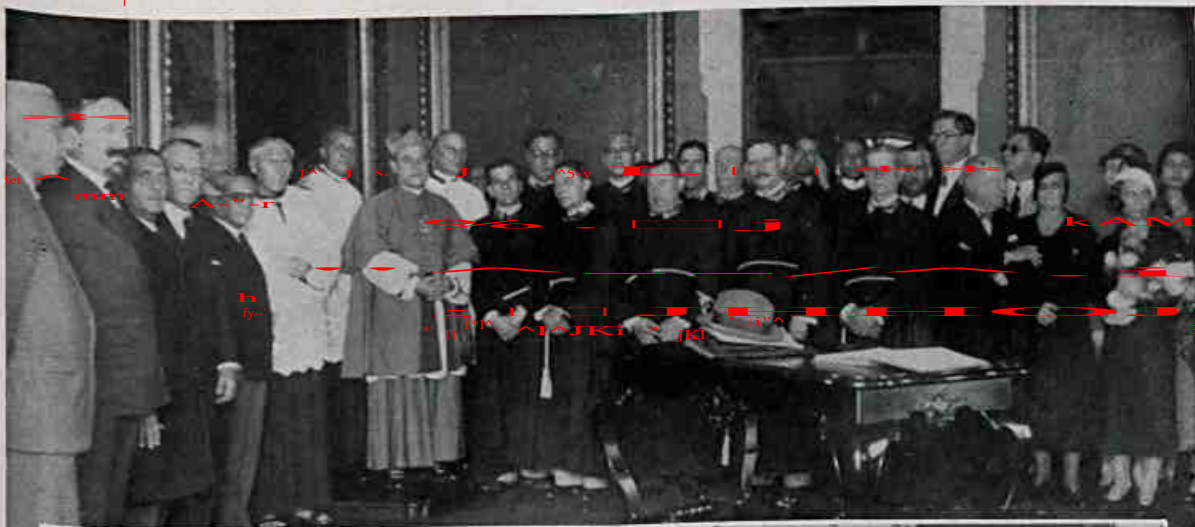
FON-FON associa-se á magoa de toda a imprensa pelo desapparecimento prematuro de José Guilherme.

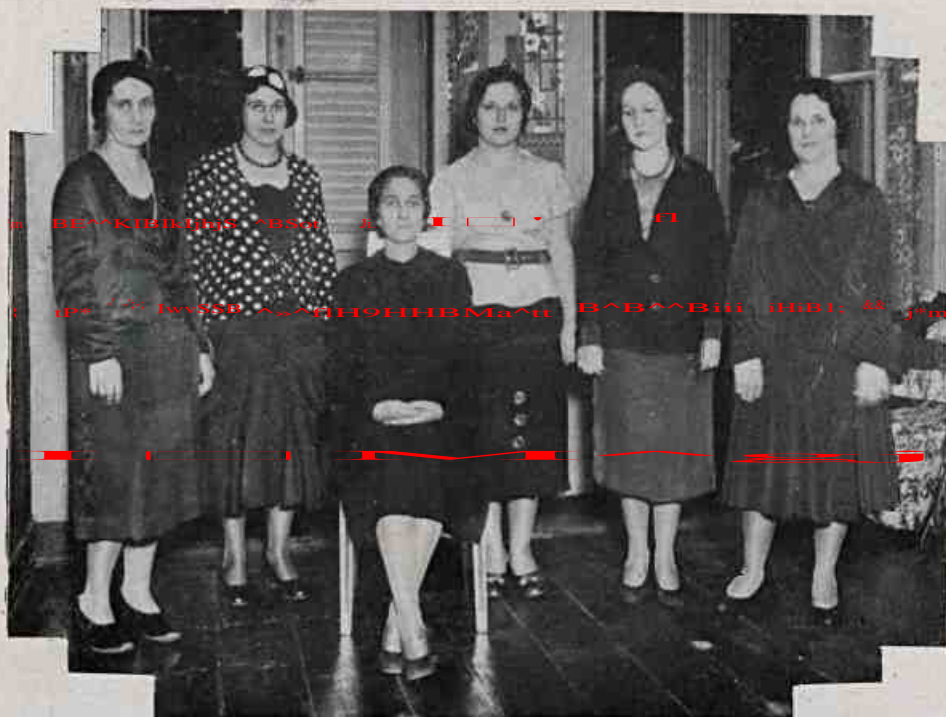
SCINTILLAS

No lago azul, macio como sêda,
treme a imagem da lua,
como apagada labareda
que anda tremendo á tona e, tremula, fluctúa.

Róla uma pedra nagua, a onda além se insinúa
e marulha e segreda...
e em breve se transforma o reflexo da lua
num grupo de scintillas, que arde e tumultúa,
pelo lago de sêda...

. . . .

... Em minha alma tranquilla
como esse lago adormecido ao luar,
ficou tambem, depois da imagem, a scintilla
de teu olhar... — J. TESTA.

Entre as commemorações do primeiro centenario do nascimento do conselheiro Antonio Ferreira Vianna, levadas a effeito nesta capital, tiveram especial realce, pela sua significação, a missa mandada celebrar pela Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, de que foi elle irmão bemfeitor, e a sessão solenne promovida pelo Instituto Historico e Geographico Brasileiro, ambas realizadas no dia 11 do corrente.

A data da independencia do Paraguay foi commemorada nesta capital com uma solennidade civica que se realizou sabbado ultimo, junto ao monumento de Benjamim Constant, na praça da Republica. Assistiram a essa expressiva commemoração, além do ministro do Paraguay, dr. Fulgencio Moreno, varias autoridades brasileiras, que apparecem na presente gravura.

Inaugurou-se segunda-feira penultima, no primeiro pavimento do edificio da rua da Assembléa, n.º 113, a Escola de Côrte e Atelier de Costura — Madame Rodrigues, onde a arte de bem vestir conta com varias profissionaes competentes, a começar pela directora do estabelecimento. As installações modernas e a moderna technica adoptada na Casa de Madame Rodrigues são garantias para o successo que, certamente, alcançará esse novo processo de cultuar a elegancia na moda. Madame Rodrigues apparece no grupo, entre as suas auxiliares, por occasião da inauguração de seu estabelecimento.

O Rotary Club do Brasil offereceu, domingo passado, no Palacio Theatro, uma linda festa á nossa infancia escolar, para solennizar a entrega de 58 cadernetas da Caixa Economica, contendo, cada uma, a importancia de 50$000, aos alumnos das escolas municipaes do Rio de Janeiro que mais se distinguiram durante o anno de 1931, procurando, assim, incutir no espirito da criança a virtude da economia. Compareceram á expressiva reunião altas autoridades do ensino e muitos directores e socios do Rotary Club.

FON-FON no cinema

Feita para amar

Da PARAMOUNT

com

Constance Bennett

e

Joel Mc Crea

Os zeppelins allemães realizavam mais um dos seus ataques nocturnos sobre Londres.

O capitão Craig, que serve nas forças aereas inglezas, atravessa a rua quando esbarra com uma rapariga americana:

— Venha commigo. Não fique aqui, que póde ser morta.

Doris segue o joven official sem nenhuma resistencia. No "cabaret", vae Craig dançar com uma amiga que o esperava e, ao voltar á mesa, Doris tinha desapparecido.

Dias depois, indo Craig visitar um amigo, num hospital de sangue, teve a surpresa de ver que uma das enfermeiras é a loira Doris, que lhe fugira do cabaret!

— Oh, *a minha* americana! diz Craig, dando-lhe um *shake-hands*. — Por que fugiu de mim, naquella noite?

— Porque vi que tinha outras amigas, e para não causar discordias...

Doris precisava ir falar com Sir Wilfred, um nobre inglez a quem tinha servido de enfermeira, e que dava baixa do hospital nesse dia. Por isso, despede-se de Craig, não sem prometter ir jantar com o rapaz, no dia seguinte.

Quem já esteve entre a vida e a morte, num hospital, e foi tratado por uma enfermeira loira, joven, bonita, sabe que o amor vem com a convalescença. Assim se deu com Sir Wilfred.

— Você sabe, Doris? assim que tiver uma folga no serviço, venha visitar-nos. O nosso castello está á sua disposição.

— Não sei si terei tempo... — diz Doris, com retrahimento.

* * *

Doris vae ao seu encontro com Barry Craig.

O beijo da despedida.

O fructo de um momento de vertigem.

A felicidade de um amôr que julgavam eterno.

Jantam num restaurant dos arrabaldes de Londres. Depois, como fizesse luar, tomando um dos botes franqueados aos hospedes, vão passear no lago, que se espalma pela grande propriedade.

Quem já se viu com uma moça bonita sobre as aguas de um lago romantico, cheio de ilhotas e salgueiros, e por sobre tudo isso a tentação de um luar londrino, póde avaliar o somho entorpecedor em que se viu Craig, aconchegadinho ao corpo mimoso e quente de Doris.

Alta madrugada, quando embrulhada no seu capote militar, Craig vae do hospital onde trabalha, eram mais do que deixar a moça em frente amigos: — estavam compromettidos e eram noivos!

* * *

Na alpendrada da estação dos trens que iam para o *front*, Craig olha a multidão de noivas, mães, esposas, que se despedem, mas Doris não apparece.

— "*Oh! Doris!* — exclama o rapaz, vendo-a chegar."

O trem vae partir, Craig está á portinhola do vagão.

— Escreve me, Barry! — supplica-lhe Doris. — E toma, para que Deus te proteja e te traga de volta para mim...

E Doris entrega-lhe uma cruzinha, depois de sagrál-a com beijos...

* * *

Passam-se mezes. Depois de uma primeira carta de Barry cheia de amor, nenhuma outra recebe Doris. Um dia, porém, chega ás mãos da enfermeira uma carta de um amigo de Craig, e, nesta carta, manda-lhe desoladoras noticias. Dias antes, um avião inimigo voára sobre o aquartelamento anglo-americano e deixára cahir, com outros pertences do capitão Craig, aquella cruzinha inclusa — a mesma que Doris offerecêra ao namorado.

A rapariga fica como louca. Primeiro aquella ausencia subita de cartas — e Barry promettêra-lhe escrever todas as semanas — e agora esta prova insofismavel da sua morte... O peor de tudo, porém, é que, como dolorosa lembrança daquella noite de romance, no lago, Doris sentia dentro de si a prova natural do seu amor por Barry...

* * *

O dia do Armisticio traz para a rua uma multidão louca, frenetica, vibrante, que festeja o fim da guerra. Da janella do hospital, Doris via desfilar os batalhões que regressavam do *front*... Mas, baldado seria procurar entre os rostos em fila o do seu sympathico aviador. O seu nome, sim, estaria nos archivos do seu regimento, entre os daquelles que tinham dado a vida pela patria.

Assim pensava Doris á janella, quando alguem entra na sala. E' Sir Wilfred, o seu bom amigo, que a vem visitar. Mas Wilfred aproveita essa occasião para falar-lhe do que o seu coração está cheio: falar do grande amor que ha mezes nutre pela linda enfermeira — agora mais linda ainda, com esse suavissimo ar de tristeza espalhado pelo delicado semblante.

— Doris, deixa-me que te offereça a felicidade... — diz-lhe o rapaz.

— Impossivel, Wilfred! Tens sido para mim um amigo extremado, bem o reconheço, mas não póde ser, Wilfred. Seria uma crueldade minha acceitar a tua generosa proposta.

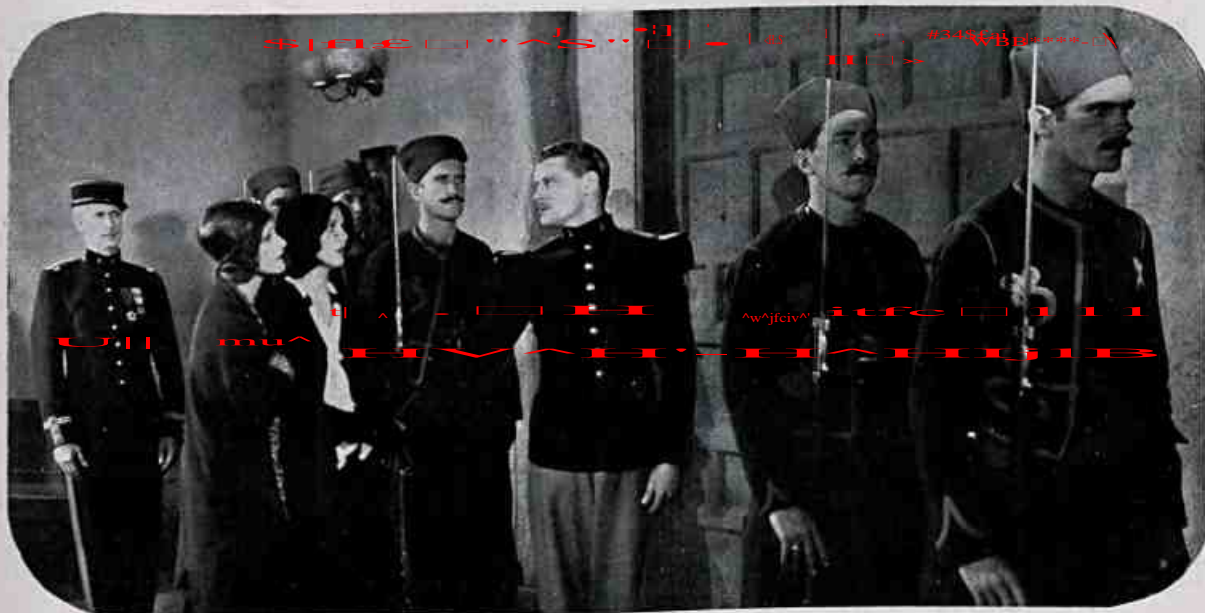
— Mas por que?...

— Vou ser mãe, Wilfred... diz-lhe Doris, entre soluços... Comprehendes agora?

* * *

Tendo Wilfred assumido a paternidade do filho

(*Conc. nas pags.* 64 e 65)

Amavam-se com sinceridade e loucura.

Um adeus para sempre.

Beau Ideal

Producção da Radio Picture

com

Franck McCormack
Ralp Forbes

Direcção de Herbert Brenon

Lester Vail
Otto Matieson e
Don Alvarado

UM pequeno grupo de legionarios francezes é massacrado no deserto. Os arabes que os venceram não sabem que alli existe um velho fosso, feito de cimento e areia, dentro do qual está vivendo um punhado de prisioneiros da legião. São os condemnados ao chamado "Batalhão Disciplinar".

São homens de todas as nações, acorrentados e aprisionados por seus crimes. Entre elles, estão Otis Madison, um americano, e John Smith, um inglez.

Como não passa ninguem por alli, chegam ao

Seducção.

A furia do deserto.

A liberdade pelo amôr.

sexto dia sem agua e sem pão. Daquella dolorosa prisão não ha sahida. Elles têm as mãos acorrentadas e o fosso é coberto por uma grande roda de ferro através de cujas grades se escôa uma tenue luz, que chega até os prisioneiros.

Jacob, um judeu, dá a Smith e a Madison a sua ultima gotta d'agua e suicida-se em seguida.

— Alma intrepida! — exclama John.

E Otis murmura:

— Encontrei! Você não é John Smith e sim John Geste!

O americano conta ao seu companheiro como havia escapado da prisão do forte de Zinderneuf, como havia sido elle procurado, desde que tomou conhecimento do grande amôr que lhe devotava Isabel Brandon. Disse mais que fôra enviado por Isabel para descobrir e trazer de volta o homem que ella amava — John Geste, que havia sido condemnado ao "Batalhão Disciplinar" por haver vingado a morte de seus irmãos quando, em fórma, foram vilmente insultados por um sargento brutal.

Descreve a John o modo por que se tornou soldado da Legião Estrangeira. Desejava ir para o terrivel batalhão, até que, um dia, num encontro inesperado com os arabes, se tornou prisioneiro. Agora, que havia encontrado o querido amigo da infancia, o destino de ambos era morrerem juntos.

Entretanto, os movimentos politicos abriram novos caminhos para elles dois. O emir do districto, com a sua amada e habil conspiradora consorte, o "Anjo da Morte", combinaram uma revolta contra os francezes. O emir e sua caravana cruzam o deserto e param junto da cisterna. Um ajudante do emir espia o fosso e lá em baixo descobre os sobreviventes, Otis e John, e tira-os da prisão.

Os dois amigos são levados prisioneiros, mas o "Anjo da Morte", apaixonada por Otis, liberta-os. John é conduzido ao quartel e Otis, prisioneiro do "Anjo da Morte", depois de dizer que prefere a morte a ficar longe do amigo, ganha a liberdade sob uma condição: — levar para Paris aquella mulher e lá se casar com ella.

O americano e o inglez chegam ao campo a tempo de ajudar a repellir os arabes. Entregam ao major Lebaudy a mensagem do "Anjo da Morte", na qual aquella mulher declara que a cavallaria irá em soccorro delles.

A cavallaria chega a tempo e os arabes revoltados são massacrados. Otis mata o seu inimigo: o emir.

A sentença do Batalhão Disciplinar que ambos cumpriam é suspensa e os dois são honrosamente desligados da Legião. Estão agora em liberdade e vão para casa: John para os braços de Isabel, e Otis para Paris com o "Anjo da Morte". Sua palavra havia sido dada.

Uma sentença de morte não seria peor para Otis do que dar cumprimento á sua promessa de levar para Paris aquella mulher. Está, porém, resolvido a fazer o que promettera, mão grado os conselhos dos seus camaradas. Quando vae buscál-a, descobre-a nos braços do major Lebaudy.

"Ir com um soldado, quando posso ir com um major?". Otis respira de alegria. Corre e ainda alcança John, que iniciára a viagem no dorso de um camelo...

Supplicava que o libertassem.

EXITOS PARAMOUNT

Falsa Madonna

(False Madonne)

com Kay Francis, Conway Tearle e William Boyd

Expresso de Shangai

(Shangai Express)

com Marlene Dietrich e Clive Brook

Direcção de JOSEF VON STERNBERG

Feita para amar

com Constance Bennet e Joel Mc Crea

Duas vidas

(Once a Lady)

com Ruth Chatterton

o maior filme do ano:

NÃO MATARÁS!

Novidades Literarias da Europa

AINDA O LIVRO BRASILEIRO

NESTES ultimos tempos o Brasil literario anda com maré de sorte junto aos editores francezes. Em um dos numeros antecedentes do Fon-Fon tive occasião de expôr a bôa acceitação e o movimento em torno das traducções brasileiras que vão apparecendo, cada dia em maior numero, em Paris. Agora apparecem duas

surpresas dignas de menção. O editor Sorlot, que brevemente deve lançar uma traducção de Tristão de Athayde, acaba de firmar contracto com Ronald de Carvalho, para a edição franceza da "Pequena Historia da Literatura Brasileira", que deverá apparecer em Paris dentro de alguns mezes. Não necessito dizer aqui, nem chamar a attenção dos nossos poderes, para o valor e a significação que terá para a propaganda da nossa literatura tal publicação. Quasi todos os grandes criticos de França, por varias vezes, me fizeram sentir a falta de informações e de dados sobre o nosso movimento literario, sobre os nossos grandes escriptores, etc. Vamos, pois, pela primeira vez, fornecer á critica franceza um estudo admiravel sobre o assumpto. Em breve, veremos varios cavalheiros pontificando nos jornaes de Paris sobre a nossa literatura e os nossos escriptores, como succede frequentemente com os demais paizes sul americanos. Desde 1912 que o governo argentino fez publicar aqui, por sua conta, uma Historia da Literatura Argentina, que tem sido a base de toda a cultura da critica franceza sobre os nossos vizinhos. Só agora vamos apparecer e assim mesmo graças a um editor de bôa vontade. Por outro lado, Gustavo Barroso, que nos deu Mithes, Contes et Legendes des Indiens, breve nos dará nas Nouvelles Edições Latines a sua "suite" Mithes, Contes et Legendes des Negres. Sobre esses dois volumes do infatigavel autor da Senhora de Pangim terei, no proximo artigo, varias revelações a fazer aos nossos leitores, que já se habituaram a ver nelle um dos nossos mais admiraveis escriptores. Eis as duas novas que confortam e que alegram aquelles que vêem, aqui em Paris, o pobre Brasil completamente esquecido pelo seu governo, que nenhum esforço emprega para o fazer conhecido! Muito: vamos sendo conhecidos, conhecidissimos... como caloteiros! — B. A.

Goethe, que visitou varias vezes a Italia, exprimiu um dia, o desejo de ser enterrado no pequeno cemiterio protestante da porta de São Paulo, á sombra da pyramide de Caius Sextus. Esse desejo, infelizmente, não poude ser executado. Comtudo, o nome do grande poeta avizinha-se do de Keats e Shelley, naquelle cemiterio. Junto das sepulturas dos dois grandes poetas inglezes, foi inhumado Augusto Goethe, filho do autor de "Fausto" e morto em Roma, durante uma viagem em 1830.

Livros que acabam de apparecer

— «Norvège», por Edouard Herriot. (Nouvelle Stó. d'Edition).
— «L'amour est un mystére», 2 contos, por Jules Perrin. (Figuiére, editor).
— «Dans l'ombre des chaines», poemas, por Marcel Chabot. (Massein, edit.).
— «La tempête de Shakespeare», por P. L. Mathey. (R. A. Correia, editor).
— «L'enfant du pays», por Gaston Cherau. (Ferenczi, editor).
— «Épaves australes», romance, por Jean d'Esme. (Nouv. Revue Critique).
— «L'araignée de Jade», policial, por Jules Esquirol. (Le Nouveau Livre).
— «André Thibault, presidente du Conseil», por Louis Lefait. Baudiniére, editor).
— «Le rosaire d'amour», poemas, por Juana R. Leselide. (La Caravelle, edit.).
— «Sylvette, marchande de Soierie», romance, por P. Alciette. (Fayard, edit.).
— «Jean Jacques Rousseau et Robinson Crusoe», por P. Nourrison. (Spes. edit.).
— «Buées», poemas, por André Sogrel. (Au Sans Pareil, editor).
— «La paix politique et economique», por F. Lop. (Th. Poinsot, editor).
— «L'Ouvrier», por Stijn Steuveis. (Cahiers Bleus, editor).
— «La seconde hypothése», por Walter Brown. (Gallimard, editor).
— «Le moine d'Alderborough», policial, por Charles Barry. (Redier, editor).
— «Un americain qui cherche son ame», por Josef Bard. (Gallimard, editor).
— «Sidoine» ou «L'egoiste intellectuel», por Marthe Feral. (Revue Mondiale).
— «Amitié ou amour», por Henri Bordeaux. (Plon, editor).
— «Une vocation», por Henri Schmitt. (Les Oeuvres Representatives).

OS ESCRIPTORES FRANCEZES

Henri Strentz, visto pelo desenhista Doba e pelo studio Choumoff.

O premio *Tailteann* é dado annualmente aos romancistas irlandezes. Este anno, obteve-o o escriptor Temple Lane com o seu romance "The Little Wood". O segundo premio foi obtido por Frances Carty com o romance "The Irish Volunteer".

Annuncia-se para os primeiros dias de junho a venda em leilão, no Hotel Drouot, dos livros manuscriptos e desenhos provenientes da Bibliotheca de Madames Armand e Gaston de Caillavet e de manuscriptos de Anatole France.

"La Cour d'appel", de Paris, vem de se reunir para decidir a questão seguinte: "Os paes de um joven que se suicidou após ler uma obra que fazia a apologia do suicidio, têm direito a pedir uma indemnização ao autor da obra?" Após grandes debates, a "Cour d'appel" resolveu declarar que "não".

A "Bibliotheca de la France" annuncia que, em abril, appareceçá a *Grammatica da Academia Franceza*, em um volume in-16 "double-couronne" de 254 paginas e mais um prefacio de 10 paginas. A edição ordinaria será tirada em papel "lafuma" e, coisa rara nesse genero de livro, em papel "japão luxo".

Apparecerá neste mez um novo livro de Rudyard Kipling, intitulado "Limites et renouveaux". Esse livro comporta 14 maneiras novas de 19 poemas ineditos.

Jacques Lecretelle, o romancista de "Silbermann" e de "La Bonifas", vem de publicar um novo livro, intitulado *Sabines*. Um redactor do "Intransigeant" interrogou-o sobre o que elle pensava do seu novo romance, ao que elle respondeu: *Je parle trés mal de ce que j'ai fait, sans doute parce que je pense trop á ce que j'aurais voulu faire.*

A vida dos judeus em Nova York constitúe um dos capitulos pittorescos da nova historia da terra dos 13 principios. Não ha actividade humana na America que não tenha um az da raça judaica. Sobre esse assumpto Pierre Guedy e Moyse Twersky vêem de publicar "chez" Crés um interessante e divertido livro de estudo — *Israel á New York*, que está obtendo grande exito.

Instrucções foram dadas, pelo governo inglez, a todos os portos e aeroportos da ilha, afim de que fôsse prohibida *formalmente* a entrada na inglaterra de Henri Barbusse, que deveria tomar parte em uma manifestação communista realizada em Londres, no começo do mez de abril.

Em setembro proximo, conforme já annunciámos, será celebrada, na Escocia, assim como em toda a Inglaterra, o centenario de Walter Scott. Varias cerimonias serão realizadas em Dryburg Abbey, onde morreu o celebre poeta. Um livro de ouro do centenario será editado, exclusivamente consagrado ao famoso autor e suas obras, tendo o professor Grierson, da Universidade de Edimburg, sido encarregado pelo governo inglez para dirigir essa obra.

OS ESCRIPTORES FRANCEZES

Maurice Bedel, visto pelo pintor Per Krohg e pela machina photographica.

Jean Vignaud não se contentou em ser um dos criticos mais famosos da França actual, sendo o director literario do jornal de maior tiragem do mundo, que é o *Petit Parisien*. Elle vem de publicar um romance que causa sensação nos circulos literarios parisienses. *Le Huitième Péché* é um romance de grande vigor, que colloca o seu autor na primeira fila dos romancistas modernos.

Pierre Benoit, recentemente eleito para a Academia Franceza, vem de receber um banquete chamado *Des mille amis de Pierre Benoit*. A saudação foi feita por Jacques Richepin, em verso:

Monsieur, si j'avais eu l'honneur immérité
D'être celui dont j'ai seulement hérité,
J'eusse aimé, vous parlant du haut de son genie,
Vous recevoir dans notre illustre compagnie.

Charles Vildrac vem de obter da Academia Franceza um dos raros e mais difficeis premios reservados á arte dramatica, o *Prix Toirac*, destinado á melhor comedia em verso ou em prosa, representada no *Theatre Français*, com a peça em 3 actos *La Brouille*.

BRICIO DE ABREU

Escriptores e livros

Berilo Neves — PAMPAS E COCHILHAS — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 5$

O brasileiro não conhece o Brasil. Quando póde viajar, procura conhecer os paizes estrangeiros. Não tendo recursos para ir á Europa, vae até a Argentina. O nortista faz uma idéa mui imperfeita do Sul, e o sulista desconhece o Norte. Por isso, o nosso *nacionalismo* é uma pilheria. Quando o brasileiro ouve dizer que no paiz existe uma região como S. Paulo, elle não procura conhecer a terra dos Bandeirantes para se orgulhar da sua nacionalidade. Prefére molestar o paulista, arrazar S. Paulo. O nosso patriotismo é *sui-generis!*

Berilo Neves viajou o Rio Grande do Sul, e de lá trouxe um livro que é o resumo das suas impressões da terra gaúcha.

Quando partiu, o proprio escriptor confessa, tinha uma noção muito vaga do que la vêr...

Regressando, é um *encantado*.

O mesmo me aconteceu quando pisei as mesmas terras, sustando os passos, attonito, na fronteira.

"A fronteira é uma surpreza que faz pensar... Ao chegar a estas alturas, o viajante tem a impressão de que o Brasil acabou, mas, na verdade, aqui é que o Brasil começa..."

E' isso mesmo.

Tambem conheci o *Minuando*.

"Quem nunca viu o minuando não sabe o que é um vento malcriado... O minuando é uma prova de que o gêlo tambem possúe uma alma..."

Todos os que vão ao Rio Grande experimentam a mesma impressão colhida pelo Berilo.

Mas, o que nós não conseguimos é transmittir aos outros a nossa impressão, pela maneira elegante usada por Berilo Neves.

Pampas e Cochilhas, um livro de elegancia inédita!

De Berilo Neves póde-se dizer que, no terreno da literatura, chegou, viu e venceu.

E' um predestinado, que tem a fortuna de escrever apenas livros deliciosos.

Pampas e Cochilhas são um espelho que reflecte a terra gaúcha no que ella tem de melhor.

Medeiros e Albuquerque — O UMBIGO DE ADÃO — Edts. Flores & Mano — Rio — 1932 — 5$

Os editores fizeram bem reunindo num volume as conferencias que o illustre academico baptizou com os nomes seguintes: *O nariz de Cleopatra; Feceirices; Salomé; Agua e sabão; Mães.*

O leitor ha de ficar intrigado com o facto do titulo não ter nenhuma relação com os nomes das conferencias, mas, o proprio autor esclarece a duvida quando discorre sobre o nariz de Cleopatra.

"A idéa de que entre o titulo de um livro ou de uma conferencia e o conteúdo de um ou da outra deve haver uma estreita correlação, idéa que a muitos parece absolutamente logica, é, no emtanto, inteiramente absurda. A experiencia universal mostra que, em regra, não ha concordancia alguma entre os nomes e as cousas ou pessôas que ellas designam. As ruas *Direitas* são em geral tortas, as *Felicidades* quasi sempre caiporas, os *Fidelis* de uma infidelidade notoria.

"Por que, si é tudo assim, uma conferencia intitulada o *Nariz de Cleopatra* precisaria tratar de qualquer Cleopatra ou de qualquer nariz? Não ha razão alguma.

"Por isso mesmo hesitei entre tres titulos: *O Nariz de Cleopatra*, *O Calcanhar de Jupiter*, e *O Umbigo de Adão*. Hoje me arrependo de não ter escolhido o ultimo. Sobre o *Umbigo de Adão* havia a vantagem de não se poder dizer nada, atendendo a que, segundo narram graves teologos, Adão foi o unico homem que não teve umbigo."

Ahi está...

Medeiros e Albuquerque, mestre da ironia, é um espirito scintillante, que tem o miraculoso poder de ferir qualquer assumpto, dominando inteiramente a platéa.

Tudo quanto lhe sae da penna tem um brilho invulgar. E' um escriptor fecundo, uma intelligencia privilegiada, que empolga e impõe respeito.

Por isso, o volume *O umbigo de Adão* dispensa qualquer elogio. E' um livro de Medeiros e Albuquerque, e a recommendação da obra está feita.

Alexandre da Costa — CORAÇÕES LEVES — Frou-Frou editora — Rio — 1932

PARA escrever esta novella, o autor usou de um processo novo. "Antes de ser escripta, o enredo era *visivel*. O autor constituiu um elenco formado por varios elementos de ambos os sexos, que, á maneira cinematica, foram, dia a dia, em locaes apropriados, nas avenidas, nos interiores e em aprazíveis sitios campestres, vivendo e transplantando da imaginação do novellista para a plasticidade da pose photographica, os capitulos principaes. Portanto, *Corações leaes*, antes de literariamente articulada, foi uma obra *palpavel*, vivida com a intensidade de acção que lhe transmittiram os seus interpretes.

"Ha, pois, nesta concepção uma factura collectivista, tão accentuada que o autor, presente ao que chamaremos *a filmagem antecipada do argumento*, attendeu, em poucas passagens, á ponderação da comparsaria, chamada a depôr sempre que um novo episodio, nessa improvização diuturna, era accrescido ao corpo nascente do organismo novellesco. Essa accessibilidade ás mais humildes intervenções opinantes mostra a absoluta independencia do autor em relação aos personagens, que se agitam com a maior liberdade, sem deformações heroicas, humanos, simples como a propria vida, que, em fragmentos, está esparsa pelas paginas de *Corações leaes*."

A explicação do autor facilita a comprehensão da obra. E' uma creação dynamica do novellista. Movimentada, interessa o leitor.

Alexandre da Costa é um jornalista brilhante, sobejamente conhecido no Rio Grande.

Militando ultimamente na imprensa carioca, impoz-se á nossa admiração pelo fulgor da intelligencia. Escreve com rara facilidade e abundancia de idéas. Como novellista é um victorioso.

Casimiro de Abreu — AS PRIMAVERAS — Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 5$

PRIMAVERAS, o livro de poesias de Casimiro de Abreu, quasi esquecido, cuja primeira edição data de 1859, revive agora na *Collecção Benjamin Costallat*.

Poeta do amôr e da saudade, no conceito popular, Casimiro de Abreu fez época e deixou discipulos.

Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
— Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

São o preludio da *Canção do exilio*, que andou de bôcca em bôcca, e deliciou os salões, quando as meninas romanticas e os rapazes de melenas cobrindo as orelhas reviravam o bugalho do olho para o alto, assumindo attitudes pathéticas, ao som da Dalila... Felizmente, tudo isso se perdeu na noite dos tempos... Passou. Os sabiás são raros, hoje. E a poesia morbida, de Casimiro de Abreu, é incomprehensivel para a geração actual. Assim, a leitura das *Primaveras* só poderá ser tolerada para estudo de literaturas comparadas.

Entretanto, como dizem que os editores têm o faro da predilecção do publico, é possivel que o livro volte a figurar nas estantes de muita menina *moderna*...

Alberto de Britto — A QUESTÃO SOCIAL E A REPUBLICA DOS SOVIETS — Liv. Globo — Porto Alegre — 1932 — 7$

O autor póde se orgulhar do plano adoptado para escrever a sua obra. Antigo regente da cadeira de Sciencia da Administração, da Faculdade de Direito de P. Alegre, revéla ser igualmente um apaixonado dos estudos de legislação social, materia sobre a qual discorre com bastante facilidade e segurança de raciocinio. O autor teve em mira combater o *bolchevismo*, orientando nos melhores propositos o espirito do operariado brasileiro. Nos primeiros capitulos do livro, faz uma synthese historica das varias doutrinas socialistas, traçando a evolução da vida do operario desde os tempos primitivos até a actualidade. Em seguida, traça o esboço de um estudo de legislação comparada, ferindo de preferencia o que mais interessa ao ponto de vista brasileiro. Depois, reúne as diversas leis do Governo Provisorio, concernentes ao assumpto, terminando com um appêllo aos operarios brasileiros para que façam as suas reivindicações no terreno da ordem, confiante como está o autor de que breve o nosso paiz terá um dos melhores Codigos do Trabalho.

Sem corroborarmos com o optimismo do autor, não temos duvida em louvar a utilidade da obra, das melhores publicadas no paiz, e digna de ser lida até mesmo por aquelles a quem a especialidade desperta relativo interesse.

Trabalho util, da maior opportunidade.

NOTAS DE ARTE

OSCAR D'ALVA

HAYDÉA E MANOEL SANTIAGO. — No ultimo dia em que esteve aberta a exposição dos pintores patricios, Haydéa e Manoel Santiago, a 28 de abril, passámos rapida vista d'olhos na interessante pinacotheca. 71 quadros, sendo 33 da sra. Haydéa Santiago e 38 do sr. Manoel Santiago.

Revela o conjunto dos trabalhos o louvavel esforço dos artistas, e a sua arte, que, sendo nova, não é extravagante, e já recebeu merecidos applausos de criticos e profissionaes do Brasil e da Europa.

Simples chronista de impressões, agradaram-nos os dois artistas, sobretudo na idealização ou reproducção da natureza morta. E gostamos mais dos effeitos de côr que dos de desenho.

Nas figuras parece que nem sempre a expressão plastica corresponde á idéa da legenda. *Timidez* (q. n. 39) é um exemplo. Em compensação *Repouso* (n. 35) diz bem plasticamente o pensamento do pintor.

Dos trabalhos expostos, agradou nos mais especialmente *Ponte sobre o Sena* (n. 29) e *Cauterets* (n. 33) de H. S. e *Paysage Dampierre* (n. 44) e *Ponte Henrique IV* (n. 47) de M. S., onde a côr e a linha se associam para a mesma impressão de belleza. Destacamos mais pela vida que delles flue *Contemplação* (n. 38) de M. S. e *Carnaval* (n. 23) de H. S. e ainda pela forte impressão de verdade, *Natureza morta* (n. 7), de H. S., e *Pescador Indigena* (n. 62) e *Natureza Morta* (n. 63), de H. S.

Mas os quadros que se nos apresentaram como obras primas dos dois artistas nacionaes — dentro da relatividade da sua arte, dos seus processos, da sua escola — são *L'Automne* (n. 12), de H. S. e *Tatouage* (n. 34) de M. S.

O grande pianista polonez Mieczyslaw Munz, que pela primeira vez nos visita, contractado pela empreza de que é representante o illustre maestro Sylvio Piergilli, e cuja estréa, hoje, no theatro Municipal, é ansiosamente esperada.

Impressiona o primeiro pela luminosidade do ambiente e pelo symbolo que suggere: como a primavera se transforma em outomno, precursor do inverno, o amôr do casal que se vê descendo a escada symbolica do tempo e pouco a pouco se desabraçando, vae arrefecendo e se extinguindo, vae se transformando de paixão primaveril em tedio outomnal. O segundo é um instante forte da vida do selvagem brasileiro. A operação da tatuagem é reproduzida com tal fidelidade que de longe parece a ella se assiste. Essas duas telas, — que já figuraram em exposições de Paris — *L'Automne*, no Salão de 1929, na S. N. B. A., e *Tatuagem* na exposição da S. C. A. F. — podiam ser adquiridas como outras congeneres o têem sido para a nossa pinacotheca nacional.

A tardia e rapida visita e a natural exiguidade destas chroniquetas não nos permittem dizer mais e melhor dos operosos e inspirados artistas brasileiros.

CORO MADRIGAL DE HAMBURGO. — Com os programmas ns. 4, 5 e 6, executados respectivamente em 26, 27 e 28 de abril terminaram os concertos do C. M. H. Só nos foi possivel assistir ao primeiro, em que ouvimos várias producções de Bach, Beethoven, Brahms, Hermann Suter, Mauritz Hauptman e alguns numeros de *folk-lore*.

Não foi o programma n. 4 dos mais bellos e melhor interpretados, mas nem por isso deixou de merecer constantes applausos do auditorio, quasi todo allemão. E houve mesmo numeros em que os applausos foram muito justos, taes o *Canto de alegria* de Bethoveen, a *Noite da floresta* e algumas *Canções de amor*, de Brahms, as peças de *folk-lore* — *No tempo da juventude*, *Loreley*, e *Benção*, e o *Solo de canto*, cujo nome nos escapa, e no qual se póde bem apreciar a sympathica voz de contralto de um los bons elementos do *Madrigal*, a sra. Marta Pohlmann — Tumler.

O prof. Otto Stoterau deu muito realce aos solos de piano: *Gavotte*, de Brahms-Gluck, *Le Jongleur*, de Ernest Toch e *Borboleta*, de Ole Olsen. O C. M. H. seguiu para S. Paulo, onde certo vae colher novos triumphos.

Pela PRIMEIRA VEZ!

* * * ESTÁ A VENDA NO BRASIL UM SABONETE DE QUALIDADE EXTRANGEIRA AO PREÇO DE

1$500

A formula empregada para o fabrico deste Sabonete é identica á usada pela organisação Lever, a maior fabricante de sabão no mundo, para o seu sabonete branco de toilette o qual conseguiu o lugar de maior destaque no mundo, tendo a cifra de vendas em doze mezes attingido a 263,577,228 sabonetes.

Pela primeira vez, portanto, na historia da industria, do sabão no Brasil, está á venda um sabonete que é garantido ser em todos os particulares da qualidade dos melhores productos extrangeiros, apesar de ser offerecido ao preço dos nacionaes.

De pureza absoluta, aliás sobejamente comprovada pela sua alvura, o Sabonete Lever é delicioso para o banho. O seu uso continuado empresta á cutis louçania, frescor e mocidade.

SABONETE

LEVER

DE QUALIDADE EXTRANGEIRA A PREÇO NACIONAL

S. A. IRMÃOS LEVER — SÃO PAULO.

L. T. S. 1 — 01320 Br.

A PROFESSORA — De A. Pelletier

POR causa da chuva que começou a cahir antes das quatro, a senhorita Martelli, directora da escola do pequeno povoado, não deixou que os meninos sahissem. Todo mundo esperava, agrupado na galeria, rodeando Martelli, olhando com interesse a agua que molhava as velhas paredes e o chão do pateo.

Chegavam as mães, uma a uma, encurvadas sob o inclinado guarda-chuva, com os braços carregados de abrigos e impermeaveis. Logo que appareciam, o mesmo impulso de impaciencia dominava todos os alumnos, que corriam, molhando-se, cada um ao encontro de sua mãe, mettendo-se sob o guarda-chuva e ouvindo immediatamente o consequente sermão por se ter apressado. Nenhum esquecia o *até amanhã, professora*, acompanhado do pollegar que levantava, sem tiral-o de todo, o chapéo ou o gorro. As meninas, menos apressadas, tinham, para evitar a agua, gestos de gata cuidadosa e protegiam, com suas mãos manchadas de tinta, o pescoço sobre o qual baloiçava a trança apertada.

— Professora, ahi vem papae. Posso ir?

Chegava um homem á grade do jardim. O menino, lindo garoto de dez annos, de rosto branco e fino, olhava a professora Martelli com olhos supplicantes. Uma suave pressão sobre os hombros o reteve.

— Não, Pedrinho. Espera. Molhar-te-ás. Deixa que teu pae chegue até aqui.

A professora lançára essa resposta precipitadamente, como que movida pelo receio de que o menino impedisse, com sua pressa, que o pae se aproximasse. Ruborizou-se, o que a rejuvenesceu de repente, embellecendo-a, dissipando um pouco, em suas feições, a fadiga pesada da jornada laboriosa e a fadiga ainda mais pesada, da idade, de seus quarenta e tres annos, valentes e úteis, que, ao desenhar-lhe alguma fina ruga, haviam deixado seu rosto tão fascinante como a propria bondade que reflectia.

O pae do pequeno cumprimentou-a com deferencia, e Martelli extendeu-lhe a mão. Em seguida, com volubilidade, ella falou do menino, de seus progressos, de seu bom genio. O pae escutava sorrindo e acariciando a face de seu filho.

Afinal, a professora ficou só sob a galeria húmida, naquelle entardecer de outomno que avançava, e suspirou desalentada ante a idéa de subir para seus aposentos, preparar seu jantar solitario e continuar trabalhando depois...

Elles, pae e filho, chegavam á sua casa, nesse momento. Tambem o seu lar era triste, porque a mãe havia partido do mundo trez annos atraz.

Depois de jantar — tão depressa se janta quando se está só! — a professora collocou perto de si uma pilha de cadernos, mas, distrahida, escreveu um optimo num problema errado, e não se indignou deante de uma pagina decorada com garatujas de todas as dimensões. Quando chegou ao caderno do pequeno, folheou-o com carinho, corrigiu os deveres com minuciosa complacencia, releu o nome escripto na capa, Pedro Lagorce. Procurou a pagina onde o pae, no fim do mez, assignava João Lagorce. Sua imaginação povoou-se de mil sonhos. Evidentemente, nada podia fazer ella, além de esperar. No emtanto, si um terceiro, uma pessôa que conhecesse bem os dois, quizesse intervir um pouco... Uma palavra insinuada amistosamente, uma advertencia elogiosa fazem germinar idéas imprecisas, que conduzem a realidades proximas...

Sabia que era sympathica a João Lagorce. O menino, por outro lado, os aproximava. Era um delicioso

traço de união, que a fazia feliz. Não experimentaria o pae nada mais além de sympathia?

Quando, muito tarde, foi deitar-se, o fogo que morria na estufa illuminou suavemente, com suas ultimas chammas, seu rosto enternecido e doce.

* * *

Ha tres dias que a casa do relojoeiro permanece fechada e que Pedro não vae á aula. Mas a professora foi prevenida. Os dois homens, o pequeno e o grande, seguiram para o interior, por breve tempo, aproveitando a época de pouco trabalho. E essa ausencia, esse afastamento põem em torno da senhorita Martelli uma barreira de silencio pesado, de desolada solidão. No emtanto, como uma luz nas sombras da noite irradia a força de uma esperança tenaz, de uma idéa insistente, que ás vezes ella, temerosa, procura afugentar, com receio da dolorosa realidade, mas que, immediatamente, chama de novo para sentir sua doçura, porque encerra todo um futuro de paz.

Pedro voltará quarta-feira. Faltam ainda dois dias... E então a senhorita Martelli saberá a que ater-se. O marido de uma de suas amigas, empregado no correio, falará com João e sondará o terreno, para saber de seus projectos e para procurar inclinar seu pensamento, talvez incerto, para um objectivo determinado. Não seria a primeira vez que uma mulher interviria activamente na elaboração de seu futuro. Por outro lado, ella está certa de não se enganar. Ha, porventura, alguma coisa mais certeira que a intuição feminina?

Pedrinho voltou. Está no pateo, entre os meninos que o cercam, contando coisas, gesticulando. Uma viva alegria anima seu semblante rosado e uma segurança nova torna um pouco desdenhosa a careta de sua bôcca, mais autoritaria sua voz. Para terminar suas declarações tão animadas, faz uma pirueta, com o corpo direito, as mãos mettidas nos bolsos, e cada um dos outros admira, intimamente, seus sapatos domingueiros e seu traje azul marinho no qual se exhibe uma corrente de prata.

Uma voz de terna censura o chama:

— Como é isso, Pedrinho?! Não vens dizer-me *bom-dia*?!... Parece que estás muito contente hoje...

De um salto, o pequeno subiu os tres degráos, e, com a cabeça descoberta, extende sua mão á professora. A senhorita Martelli vacilla. Não sabe que attitude adoptar. Tantos dias de pensar, como numa obsessão, naquelle menino, em seu pae, na vida toda que rodeia esses dois seres que já são quasi seus como que a tiraram de seu papel de professora. Beija a fronte do menino, quasi com violencia, e pergunta-lhe:

— Que estavas contando a teus collegas?

— Oh! A elles nada! São muito pequenos. Estava brincando com elles... Mas á professora eu vou contar uma coisa...

O garoto toma ares de gente grande, apoia a mão no hombro da senhorita Martelli, e, em tom de alegre confidencia, lhe deslisa ao ouvido:

— Sabe? Papae vae casar de novo. Pediu tia Henriqueta, e ella disse que sim. Vou ter uma linda mamãe! Ella gosta tanto de nós! Não durmo de contente!

Pedro viu que a senhorita Martelli, que se levantára bruscamente, empallideceu. Mas, como entrou ella rapidamente na aula, pretextando que havia uma corrente de ar espantosa, não obteve de sua professora nenhuma demonstração de sympathia, nenhuma palavra que testemunhasse a parte que tomava em sua grande alegria de menino... E quando appareceu novamente a senhorita Martelli, tinha um rosto velho, triste e cansado, e tão doloroso, que Pedrinho perdeu toda a vontade de falar e de rir...

O MANDATO DE OSIRIS

FOI nos tempos remotos em que o sol era um deus e tinha — sob cem nomes — cem templos desde o Nilo ao Perú.

Um sacerdote egypcio vivia, em meio de seu esplendor, triste por causa de seu povo, a quem um mal fermento de odio de castas e loucos fanatismos tornava desgraçado, mesmo junto ao prodigio de seu rio.

As estrellas, em longas vigilias, lhe haviam reprovado a sabedoria egoista. Na censura alludiram á palavra todo-poderosa daquelle sacerdote, que era, tambem, um poeta.

Mas, naquelle tempo, as palavras dos homens — tanto as sonoras do porta-lyra como as sobrias do philosopho — não commoviam peitos de homens si não fossem de origem divina.

O sacerdote conhecia essa verdade triste, e, embora a mentira lhe repugnasse nos labios como uma aspide nas roupas, quiz mentir para bem dos seus.

Celebravam-se grandes festividades religiosas. O templo regorgitava de fieis. Satisfeito de ser ouvido por muitos, o sacerdote disse sua mentira piedosa.

— O deus Osiris, o ser resplandecente, pae do bem e guia dos mortaes, querendo dispensar-nos um favor especial neste dia, veiu a mim ao amanhecer, e me disse: "Encarece a meu povo meu desejo de que elle se me assemelhe como o filho a seu pae." Nada mais disse o Excelso, mas poderais desentranhar a occulta essencia de suas palavras.

O povo retirou-se meditando na estranha mensagem. Não estava acostumado a pensar por si mesmo e foi preciso recorrer aos sacerdotes. Estes — inspirados em fins egoistas — disseram:

— Esplendoroso é Osiris. Ninguem refulge como elle nem na terra misera nem no céo maravilhoso. A perola de Venus tem pobre fulgor e o rubi de Marte é quasi opaco. Dahi o gostar do fulgor no manto de seus reis e de seus sacerdotes ,em seus templos e nas moradas de seus vassallos. Procurae, pois, substituir vossas vestes modestas por fazendas brilhantes em que o sol se glorifique a si mesmo, lançando scintillações. Levae, tambem, o esplendor a vossas vivendas de pardas muralhas. Mas, sobretudo, levae o ouro — filho legitimo de Osiris — a seus templos e aos palacios de Pharaó. Esta e não outra é a decisiva de Osiris.

Assim falaram os sacerdotes, e aquelles homens — que nunca obedeceram a seus paes como a seus idolos — levavam já no dia seguinte tunicas custosas em cujas dobras o sol multiplicava seus raios em um divino incendio.

O Pharaó e os sacerdotes foram obsequiados com vestimentas inauditas, como os soberanos modernos não lograram conhecer.

Contentes de si mesmos, os egypcios foram ao templo apresentar-se ao deus, e o sacerdote justo entristeceu profundamente deante do fructo de suas palavras, e em teve que reincidir sua mentira piedosa.

— O deus veiu novamente a mim e me disse: "Encarece a meu povo que se pareça comigo como o filho com seu pae." Isto quer dizer que não fostes felizes na interpretação de sua palavra.

O povo — desgostoso — foi agora para o Pharaó em busca de sabedoria, e, ao mesmo tempo que lhe revelava a estranha mensagem, manifestava seu desagrado por aquelle sacerdote que despertava suas inquietudes sem ser capaz de apaziguál-as.

O Pharaó — mais que os sacerdotes inspirado em fins egoistas — falou assim:

— Qual um relampago, se faz em mim a visão da verdade. Poderoso é Osiris. Toda a terra está

UM POEMA PARA O MEU AMOR

Quotidianamente eu ouço:
— amo o teu corpo maravilhoso,
como que feito de vibrações tropicaes...

E a milagrosa harmonia
das tuas fórmas divinamente pagãs...

E o bizarro dos teus gestos elegantes
e dos teus gôstos requintados...

A mim mesmo, têm dito:
— amo as tuas mãos morenas e esguias...

E o teu sorriso crystallino,
como a agua pura das fontes...

E a alegria morena do teu rosto côr de jambo...

E os teus olhos grandes e negros,
como dois abysmos voluptuosamente tentadores...

De Gabriela Mistral

sujeita a seu jugo ardente; desde o Sahara com suas areias meúdas e terriveis até a India negra. Poderoso é Osiris. No emtanto, seu povo predilecto não o é. A Nubia, livre, ri a nossas portas com o riso branco em seu rosto de ébano, feliz de sua liberdade, e a Arabia, árida mas doce do incenso e da myrrha, permanece livre tambem. E nos é tão immediata como um braço ao tronco. Poderoso é Osiris, e ordena a seu povo que o imite conquistando o mundo.

O povo rompeu em applausos. Seus gritos rugiram ameaças contra a débil Nubia e fidelidade eterna ao deus amigo. Não voltaram ao templo. Marcharam dali mesmo á conquista.

E a Nubia tremeu com suas pesadas dunas e com seus monstruosos crocodilos quando a avalanche amarella c a h i u sobre ella. E porque era ignorante e pequena, foi vencida pelos que levavam a arma dura e o fanatismo ardente.

Ao regressar os esquadrões — cansados e gloriosos — sua primeira visita foi ao templo. Chegaram carregados de tropheos, suarentos e tremendo de emoção pela presença do deus. E cobriram o pavimento, as escadas, os solios, de maravilhas, ouro real e prata principesca. Mas, ai!, tambem de cabeças truncadas e de mãos exangues. Soberbas e ditosas, os soldados cantavam seus hymnos marciaes.

O deus — rigido e tosco — sorria impassivel ante o barulho.

O sacerdote, entretanto, chorava. Chorava vendo-os. Depois, subindo a seu alto pedestal, com gesto doloroso, fez calar o torpe vozerio. E uma vez mais sua bôcca repetiu a piedosa mentira:

— Veiu a mim — e pela terceira vez — o grande Osiris, e me disse: "Meu povo incorreu em fataes erros. Angustio-me por elles. Para que a luz se transforme no enygma de minhas palavras, dize-lhe as cem coisas bôas e bellas que obro neste momento sobre tua terra.

"Eu beijo agora mesmo um loto immaculado e uma perna chagada de mendigo.

"Aqueço um pequeno ninho de olorosas pluminhas e uma moita onde se espreguiça uma familia de serpentes.

"Toco com meus raios as sagradas pyramides e os corpos dos tigres que dormem junto a uma presa humana.

"Ajudo a desenvolver suas folhas um galhardo papiro e a planta da India que dá o eterno somno áquelle que repousa sob ella.

"Dou por igual tibieza carinhosa a uma caverna onde um grupo de bandidos árabes conta seus lucros e ao pórtico do templo onde meus crentes se agrupam.

"Ponho reflexos de ouro em um remanso do Nilo azul onde se banha uma virgem — brancura e sêda — e no pantano da selva em cujo fundo se eriçam os lombos de oito crocodilos.

"Faço brotar relámpagos igneos nas rodas de um carro augusto que conduz ao Pharaó e na barreta com que um canteiro está lavrando as montanhas da Abyssinia.

"E, por fim, beijo a fronte nobre de meus sacerdotes — ampla e clara como um mar enluarado — assim como a fronte suarenta do fellah que abre angustiosamente a terra madrasta."

" — O pensamento é, agora, transparente como um crystal — concluiu o sacerdote. — Que vos penetre como a ponta de uma flexa."

O povo retirou-se silencioso, com seus tropheos ás costas. Ao sol da sesta, o valle do Nilo ardia como uma longa joia.

E a sua bocca fresca e cheirosa,
e deliciosa,
como as manhãs de primavera brasileira...

E o rythmo do seu andar sensual e nervoso...

E eu ouço tudo, orgulhoso, vaidoso...

Orgulhoso e vaidoso da certeza
de que são para mim, somente, unicamente,
os teus sorrisos mais alegres,
os teus olhares e as tuas palavras amorosas
e os teus beijos prementes, demorados...

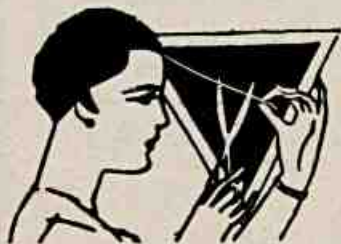
E porque sei que só eu conheço as tuas fórmas...
E porque sei que só eu possúo teu corpo...

(Do "Jardim de Caricias")

STENIO DE SÁ

TERMINAVA uma festa de casamento no castello de Fonteval por volta da meia noite. O novo dono, Gabriel de Pleissis les Houx, contrahira nupcias na manhã daquelle formoso dia já desfolhado, na capella da rica mansão, com a senhorita Isabel de Fonteval, uma Diana Caçadora, branca, de cabello negro e olhos azúes, uma esbelta moça com aspecto de amazona. Vinte e vinte e tres annos!... Jovens, elegantes e ricos, o futuro annunciava-se para elles côr da aurora e do céo.

Isabel, depois de palestrar um pouco com seu marido, que se achava em companhia de seu tio o barão Gerardo de Linville, havia abandonado o salão ás dez e meia e devia, naturalmente, estar em seu dormitorio. As pessôas do castello, com as janellas fechadas, pareciam entregues ao somno.

No emtanto, os dois homens continuavam conversando. Cedendo a insistentes rogos de seu sobrinho, o senhor Linville, nas vesperas de uma viagem á Suecia — aonde o levava uma missão diplomatica — consentira em passar a noite no castello.

ISABEL

— Querido barão — exclamou, de repente, Gabriel, — devo agradecer-lhe por ter ficado. Só você póde dar-me um conselho útil nesta situação gravissima por que atravesso. Já lhe contei o enthusiasmo, o amôr intenso, louco, que sinto por minha mulher. Paixão que, ás vezes, me faz empallidecer e responder-lhe com timidez balbuciante quando ella me dirige a palavra. Pois bem: presinto que Isabel só experimenta por mim a mais frivola das sympathias. Numa palavra: ella não me ama! Isabel é uma moça acostumada a manejar cavallos e espingardas, uma mulher violenta, indomavel, enfastiada, muito viril sob sua apparencia encantadora e que, conhecendo minha doçura, adivinhando o soffrimento que ha em minha adoração por ella, me desdenha, no intimo. Isabel *acceitou-me*, apenas, por minha fortuna e para ter-me a seu serviço como um verdadeiro escravo.

"Por conseguinte, provavelmente, ou talvez com certeza, me trahirá cêdo ou tarde. Ella me acha muito conformado, muito *artista*, muito *nas nuvens*, sem *caracter*, emfim! Accrescente-se a isso que, apesar de tudo, a julgo de uma penetração espiritual quasi *mysteriosa*.

"E' uma verdadeira adivinha!... Assim, desdenhosa, com uma idéa tão pobre de mim, desobediente e imperiosa, me communicou esta noite que organizou uma caçada a cavallo para começar amanhã cêdinho! Parece querer demonstrar aos outros, com essa resolução absurda, que não dá importancia a nossa noite nupcial, que transcorrerá para mim triste e solitaria! Si semelhante estado de coisas durar oito dias, virá o irremediavel e eu estarei perdido, o que tentar para o futuro. E não poderá acabar tudo sinão em um desenlace tragico, pois minha natureza, desde que seja obrigado a *descer á terra*, é como a do explosivo mais violento.

"Portanto, desejo perguntar ao senhor, que é homem sagaz e experiente, não só porque viveu muito, mas porque soube viver — desejo perguntar ao senhor si vê algum meio de modificar em minha mulher essa opinião desoladora que tem a meu respeito. Conhece o senhor algum recurso para que ella me queira, para suscitar em seu juizo a certeza de meu *temperamento*? Está nisso o quido. Seguirei seu conselho, seja qual fôr elle, ao pé da letra."

O barão envolveu seu sobrinho em um olhar claro e alegre, emquanto reflectia um momento, e depois se inclinou para elle com aspecto risonho, e por espaço de cinco minutos gottejou em seu ouvido umas palavras que fizeram o rapaz estremecer, afogando-o em um silencio atónito e sombrio.

— Sigo amanhã para Stockolmo — ajuntou, depois, em voz alta, o senhor Linville, levantando-se. — Escreve-me contando o resultado. Sobretudo, procura portar-te com a simplicidade que te aconselho.

•

— Bom dia, folgazão!... O sol já ri e ainda dormes, Gabriel!?... — gritou Isabel sob as janellas de seu marido, galhardamente montada em um alasão escuro.

O galope de um cavallo que avançava atraz della a fez voltar a cabeça: o cavalleiro era Gabriel.

— Minha querida Isabel, vês que chego dez minutos antes, como deve ser — disse elle, cumprimentando-a.

— Sim, é verdade! E sonhavas pelo bosque? Teu rosto irradia optimismo! Talvez procurasses alguma coisa, não?...

— Sim... Este ramo para ti, com estas tres rosas e estas folhas de verbena.

— Como és galante! — respondeu frivolamente Isabel, plantando as flores entre dois botões de seu casaco.

— E' esse o meu dever... E, além do mais, a verbena preserva de accidentes — disse friamente o senhor de Plessis.

Um pouco surprehendida pelo tom sério de seu marido, a elegante amazona olhou fixamente, para replicar, com impaciencia, depois de alguns segundos de silencio:

RAIO DE SOL

Manhã clara e linda
como a promessa da felicidade.

Depois da chuva que empapou tudo,
o sol appareceu sorrindo e brincando
nas gottas que ficaram na folhagem.

Ha certos aspectos na vida das cousas que parecem tão humanos!
Pela frincha da janella do meu quarto de convalescente
eu olhei tudo lá fóra: o lago reflectia o sol
como os namorados reflectem na doçura do sonho o vulto amado.

— Em marcha! Almoçaremos lá em baixo, em qualquer claro do bosque, sobre a herva, quando o appetite nos mostre a necessidade de fazêl-o.

Durante as primeiras horas da caçada, Gabriel pronunciou escassas palavras, embora todas ellas denotassem bom humor e interesse pela caça. Matou duas lebres um faisão e oito perdizes.

Por volta do meio dia, se apearam em uma soberba praça de copadas arvores. Depois de comer alguma coisa — empadas e fructas — e beber dois copos de champagne e café, Gabriel, que almoçára distrahido, esboçando o projecto de uma batida aos lôbos para aquelle inverno, accendeu um cigarro e durante alguns minutos esteve contemplando as espiraes de fumo.

— A cavallo! — disse, lançando ao ar a ultima fumaçada. — Si é que já descansaste, Isabel!...

— Vamos! — respondeu ella.

E partiram de novo. Subito, a trinta passos de umas mattas, uma lebre atravessou o caminho como uma exhalação. Os cães precipitaram-se. Gabriel atirou immediatamente, mas errou o alvo.

— Foi esse imbecil do "Mouro"! — disse, com um frio sorriso, carregando nova e rapidamente sua arma. — Collocou-se entre a lebre e eu quando, alvejava a caça.

E, fazendo fogo outra vez, deixou sêcco, a cem passos delle, com um certeiro tiro, o magnifico cão de caça a que acabava de accusar tão categorica e injustamente.

Deante daquelle inesperado espectaculo, Isabel estremeceu.

— Como! Por que mataste esse cão, culpando-o de tua incompetencia? — exclamou ella.

— Pois eu o sinto muito, pódes ficar certa, porque o estimava consideravelmente — respondeu tranquillamente Gabriel. — Mas eu sou assim: não posso supportar uma contrariedade sem um impulso sempre violento. Si eu fosse soldado, tenho a certeza de que me fusilariam em vinte e quatro horas. E' um defeito que me fez ser batalhador em minha infancia, e do qual procurei corrigir-me, sem que, entretanto, até agora, o conseguisse. Tental-o-ei de novo, só para satisfazer-te.

Isabel apertou as rédeas de seu cavallo e guardou silencio.

E proseguiram a marcha. E, a seguir, o senhor de Plessis, falou de tudo, menos do accidente... já esquecido.

Uma hora depois, ao mesmo tempo que se levantava um bando de perdizes á sua frente, com seu ruido especial, Gabriel fez pontaria e atirou. Nenhuma dellas perdeu uma penna.

— Decididamente, isto já é intoleravel! — resmungou em voz baixa, mas tranquilla. — A culpa foi deste maldito cavallo: mexeu-se no momento preciso em que eu fazia pontaria.

E, assim falando, sacou uma pistola da cintura, encostou friamente o cano na orelha de sua cavalgadura e rebentou-lhe a cabeça. Dando um salto de costas, se atirou ao chão, evitando, desse modo, airosamente, ser derribado pelo animal, que, cahindo de flanco, ficou immovel depois de breve agonia.

Dessa vez, Isabel, atónita, abriu, espantada, seus grandes olhos azúes.

— Mas isso é inconcebivel! E' já loucura! Que tens, Gabriel, para matar dessa maneira um pobre animal tão formoso, um *puro sangue*, só porque erraste o tiro?!...

— Lamento-o immenso, Isabel. Mas creio ter-te revelado, ha um momento, confidencialmente, uma fraqueza innata de que soffro. Repito-te: é alguma coisa superior á minha vontade, mas não posso supportar a menor contrariedade! Monteiro, dá-me teu cavallo, e segue-nos a pé, porque já regressamos.

Montado em seu novo cavallo e após um momento, quando ficaram a sós os dois, no caminho ao fim do qual se ergue o castello, murmurou Isabel:

— Francamente, não consigo tranquillizar-me, embora pense nas propriedades magicas de teu ramo de verbena. Cumpres assim a promessa de domar teu genio irascivel para ser-me agradavel?...

Apesar de tudo, o jantar, naquella noite, foi encantador. E quando, juntos, embriagados com sua ternura, se os dois murmuravam deliciosamente tudo o que de mais ineffavel possuiam no fundo de sua alma, Isabel falou, com infinita doçura na voz:

— Gabriel, um só dia te bastou para conquistar-me... e de que modo! Não fosse essa magnifica bravura que tomou por alvo dois innocentes animaes e da qual, interiormente, ri, mas porque o homem que possúe a firmeza necessaria para levar a effeito *durante um dia e uma noite assim, sem delatar-se um só instante e em presença da mulher por quem soffre*, o bom conselho de um amigo leal e de perspicacia indiscutivel, *demonstra, só por esse facto, ser superior ao proprio conselho e dá prova, portanto, de ter sufficiente "genio", para ser digno de amôr.* Pódes accrescentar isto na carta de acção de graças que, certamente, prometteste escrever a nosso tio e amigo, em Stockolmo...

VILLIERS DE L'ISLE ADAM

Depois, um dêdo dourado penetrou a minha alcova,
apontando não sei o quê, numa farandolagem luminosa...

Raio de sol!

Mas tremeu... tremeu... e foi-se embora.

Foi a alegria do meu quarto que se demorou tão pouco!

A felicidade do nosso amôr é bem como esse raio de sol.

RUY CÔRTES

O DIADEMA DE BERYLOS

(SHERLOCK HOLMES) — POR CONAN DOYLE

(Continuação)

Mas não tenho tempo para conversar; vou largar esta fatiota de apparencia mais que duvidosa, voltando a ser a minha respeitabilissima pessoa.

Eu, pelos seus modos, bem via que elle tinha melhores razões para estar satisfeito, do que confessava.

Luziam-lhe os olhos, e nas faces, de ordinario tão descoradas, divisava-lhe um certo rubôr. Subiu rapidamente para o seu quarto. D'ali a minutos ouvi atirar com o portão, e lá ia elle outra vez para aquella casa, que a tal ponto o apaixonava.

Esperei-o até á meia noite, e quando vi que não apparecia, recolhi para o meu quarto. Quantas e quantas vezes não tinha elle andado por fóra de casa, dias e noites consecutivas, atraz de um rastro que ainda estava morno! A demora, portanto, não me surprehendia. Ignoro a hora em que veiu, mas no dia immediato, quando desci para almoçar, lá estava elle, fresco e bem disposto quanto possivel, em uma das mãos uma chávena de café, e na outra o jornal.

— Desculpar-me-á, Watson, por ter principiado a almoçar sem estar presente, mas deve estar lembrado de que o nosso cliente ficou de vir de manhã cedo.

— E é verdade que já passa das nove, respondi. Oh! Creio que elle ahi vem. Parece-me que ouvi tocar a campainha.

Effectivamente era o nosso amigo financeiro. Figurava passado ante a mudança que lhe notei. O rosto, de sua natureza largo e cheio, achava-se como que minguado e encolhido; os proprios cabellos haviam encanecido. Entrou com um desanimo e uma apathia, que mais confrangiam-me do que a sua violencia da vespera, e deixou-se cahir qual corpo morto, sobre uma cadeira que lhe apresentei.

— Que faria eu para ser castigado com semelhante crueldade? perguntou. Ainda não ha dois dias, era eu um homem prospero e feliz, sem cuidados de especie alguma n'este mundo. Hoje eis-me reduzido a uma velhice solitaria e deshonrada. Cahiu-me em casa a desgraça!... E' uma atraz da outra... A minha sobrinha, Mary, desamparou-me.

— Desamparou-o?

— Assim é! Encontrou-se intacto o seu leito, o quarto esta manhã estava vazio, e em cima da mesa do vestibulo achei uma carta para mim. Eu, hontem, havia-lhe declarado tristemente mas sem rancor, que se ella tivesse casado com meu filho, nada d'isto teria acontecido.

Houve falta de reflexão da minha parte. E ella allude a isso na sua carta. Ouça:

"Meu querido tio

"Diz-me a consciencia que fui a causa da sua desventura e que, se houvesse procedido diversamente, nada disto teria acontecido.

"Assoberbada por semelhante ideia, nunca mais poderei ser ditosa, vivendo ambos debaixo do mesmo tecto, e tenho que me apartar do tio para todo o sempre. Não tenha cuidado pelo meu porvir; está seguro; e acima de tudo, não dê passo algum para me encontrar, pois além de ser trabalho perdido, prestar-me-ia um pessimo serviço. Seja qual for a minha sorte, serei sempre

A sua affectuosissima e dedicada

Mary."

— Que quererá dizer esta carta, senhor Holmes? Suppõe que haverá indicios de suicidio?

— Não, não, lá isso não. E é talvez esta melhor solução. Creio poder affirmar-lhe, senhor Holder, que dentro em breve vae ver o termo dos seus desgostos.

— Que me diz? julga, então!... Soube alguma cousa, senhor Holmes? Descobriu onde param as joias!

— Daria mil libras por cada uma?

— Daria dez mil, até.

— Seria inutil. Bastam tres mil. Haverá ainda, supponho eu, umas alviçarazinhas. Traz comsigo o seu livro de cheques? — Aqui tem uma penna. Encha-me um de quatro mil libras.

O banqueiro, meio atordoado assignou o cheque. Holmes foi direito á secretária e tirou um pedacinho de oiro de forma triangular, com tres pedras incrustadas e atirou com elle para cima da mesa.

O nosso cliente, soltando um grito de alegria, apoderou-se do precioso achado.

— Achou-o? bradou offegante. Estou salvo! Salvo!

Foi tão violenta a reação quanto o havia sido o desgosto, e o pobre do homem apertava de encontro ao seio as pedras tão inopinadamente encontradas.

— Resta-lhe ainda outra divida, senhor Holder, disse Sherlock Holmes, com uma certa gravidade.

— Uma divida! Lançou mão da penna. Diga-me a quantia, e pagal-a-hei.

— Não é a mim. E' devedor de humillissimas desculpas a esse briozo rapaz, a seu filho, que se comportou como eu me ufanaria de ver comportar-se um filho meu, se acaso o tivera.

— Com que, então, não foi Arthur que roubou as pedras?

— Já hontem lh'o affirmei, e volto hoje a repetir-lhe que não foi elle.

— Tem a certeza disso? Se assim é, voemos desde já a participar-lhe ter-se descoberto a verdade.

— Já o sabe. Assim que consegui tirar tudo a limpo, conferenciámos eu e elle. Vendo que não queria falar, contei-lhe tudo. Não teve mais remedio senão confessar-me que tinha razão, e ministrou-me certos pormenores que ainda me faziam falta.

E agora, consentirá talvez em falar com o senhor.

— Em nome de Deus; dê-me a explicação do extraordinario mysterio!

— Immediatamente, e contar-lhe-hei, até o modo porque attingi á verdade. Mas primeiro deixe-me dizer-lhe o mais custoso, quer para o senhor, quer para mim. Houve connivencia entre sir Jorge Burnwell e sua sobrinha Mary.

Fugiram juntos.

— A minha Mary! Póde lá sêr!

— E' mais que possivel, desgraçadamente! E' certo. Nem o senhor nem o seu filho conhecem o verdadeiro caracter daquelle homem, a quem o senhor admittiu na sua intimidade. Não haverá em toda a Inglaterra homem mais perigoso. E' um jogador arruinado, um bandilha sem eira nem beira, uma creatura sem alma nem consciencia. Sua sobrinha não sonhava, sequer, o que vem a ser semelhantes individuos. Quando elle lhe segredava falinhas de amor, as mesmas que terá segredado a tanta mulher, suppunha ella ser a unica a haver logrado prender-lhe o coração. Satanaz inspirava aquelle miseravel, e em conclusão, a desditosa menina veiu a ser um joguete entre as mãos delle. Falavam se todas as noites.

— Nem quero, nem posso acreditar semelhante coisa! exclamou o banqueiro, cujo rosto se puzera branco como a cal.

— Pois bem! Vou contar-lhe quanto occorreu em sua casa, naquella noite. Sua sobrinha, quando suppôz que o senhor teria se recolhido ao seu quarto, desceu pé ante pé a escada e foi conversar com o namorado, á janella que dá para o passadiço. As pégadas do galã eram muitissimo fundas na camada da neve, o que prova o haver-se demorado ali um bom pedaço. Miss Mary falou-lhe no diadema. Elle, cuja hedionda paixão pelo ouro se exaltou ao ouvir tão boa nova, levou sua sobrinha a fazer-lhe a vontade. Não ponho em duvida o ella consagrar-lhe affecto, ao senhor, mas ha mulheres em quem o amor por um homem domina toda e qualquer affeição, e creio que ella pertencerá a este numero. Escutava a ultima palavra das instrucções do infame quando o viu, ao senhor Holder, descer a escada: fechou a janella, á toda a pressa, e contou-lhe a escapada de uma das criadas com o namorado da perna de pau, o que aliás era verdade.

— Ah!

— Seu filho Arthur, depois da conversa que teve com o senhor, foi se deitar, mas dormiu mal, attribulado pelas dividas do jogo. Lá pela noite adeante, sentiu passos muito de mansinho, junto da porta do seu quarto, levantou-se, e lançando a vista pelo corredor, qual não foi o seu espanto ao vêr a prima entrar em bicos de pés no quarto de vestir do sr. Holder! Petrificado de pasmo, enfiou umas calças, e, ás escuras, esperou para vêr o que daria de si tão singular aventura. Sua sobrinha tornou a sahir do quarto, e á luz do candieiro do corredor, seu filho viu-lhe nas mãos o precioso diadema. Miss Mary desceu escada abaixo, e o sr. Arthur, horrorizado, e todo tremulo, seguiu-lhe os passos, e escondido atraz de um reposteiro, observou o que se passava no vestibulo. Miss Mary abriu muito devagarinho a janella, entregou o diadema a alguem escondido na sombra, tornou a fechar a janella, e voltou para o seu quarto, roçando-se pelo seu filho, sempre escondido com o reposteiro.

Emquanto ella ali se achava, o sr. Arthur nada podia fazer sem deitar a perder a mulher amada. Mas, logo que esta desappareceu, viu logo que enorme desgosto não representaria para seu pae o tremendo lance, e a que ponto era importante conjural-o. Assim, tal como estava, descalço, saltou para cima da neve, e deitou a correr pelo passadiço, onde avistara uma sombra á luz do luar. Sir Jorge Burnwell tentou fugir; Arthur, porém, conseguiu apanhal-o; travou-se luta entre ambos, seu filho a puxar o diadema por um lado, e o adversario por outro. Na barafunda, seu filho espancou sir Jorge e feriu-o acima de um olho. Eis que dá de si o que quer que fosse, e seu filho, segurando com ancia o diadema, fugiu, fechou a janella, e recolheu-se á casa. Notára-lhe que o diadema ficara torcido, com a luta, e esforçava-se por endireital-o, quando o senhor acudiu.

— Será possivel? — murmurou o banqueiro.

— O senhor, injuriando-o, excitou-lhe a colera, na propria occasião em que elle tinha a certeza de lhe haver merecido elogios. Não podia declarar a verdade sem denunciar alguem que, sem a minima duvida, não era merecedor de uma tal consideração.

(Continúa na pag. seguinte)

Perfilhou o mais cavalheiresco alvitre, e guardou comsigo o segredo.

— E eis o motivo por que ella se desfez em pranto e perdeu os sentidos, quando viu o diadema, exclamou Mr. Holder. Valha-me Deus! Que loucura e que cegueira a minha! E elle, que tudo quanto fez foi pedir-me licença para se ausentar durante cinco minutos! O bom do rapaz queria ir em procura do pedaço partido, a ver se estava cahido pelo chão. Fui cruel, muito cruel, no juizo errado que delle fiz.

— Quando cheguei á sua casa, proseguiu Holmes, andei-lhe em redor, observando attento a neve, na esperança de encontrar um qualquer rastro que pudesse elucidar-me. Lembrava-me que desde a vespera não tornara a nevar na cidade, e a camada de neve, congelada pelo frio que fizera, não deixaria de conservar impressas as pégadas. Em todo o comprimento do caminho que ia dar á porta de serviço, estava tudo espezinhado e revolvido. Um pouco mais longe, todavia, e para além da porta da cozinha, estivera parada uma mulher, conversando com um homem, que deixara, a um lado, na neve, o fundo vestigio da perna de pau. Pude descobrir, até, que haviam sido estorvados, visto como a mulher deitara a correr para a porta pois assim m'o revelavam as pégadas, que eram fundas no bico do pé, e apenas perceptiveis no calcanhar. O perna de pau, esse, esperara um instante, antes de se safar. Occorreu-me que estas duas entidades podiam muito bem ser a creada e o namorado a quem o senhor se referira, e o inquerito, provou aliás, que era o proprio. Percorri o jardim sem encontrar coisa nenhuma, salvo todavia o rastro de umas pégadas sem orientação determinada e que certamente seriam provenientes da policia; no passadiço que vae dar ás estrebarias, estava porém escripta, longa e complexa, a meus olhos, na camada de neve, uma historia.

Havia ali uma dupla fiada de pégadas de um individuo calçado, e outra dupla fiada de pégadas de um homem que eu, exultando de contente, verifiquei que estava descalço. Arraigou-se-me no espirito desde logo, a convicção, baseada no que o sr. Holder me tinha dito, de que aquelle homem e seu filho eram uma e a mesma pessoa. O primeiro palmilhara o terreno na ida e na volta, o outro, porém, percorrêra-o ás carreiras e as pégadas aqui e acolá recalcavam as do antecessor, e portanto, era manifesto, haver o primeiro corrido em perseguição do segundo. Segui pois este rastro até a janella do vestibulo, onde o homem das botinas fizera derreter a neve, prova evidente de haver-se detido alli um pedaço. Em seguida, fui acompanhando as pégadas em sentido contrario, até uns cinco metros, no passadiço. Alli tinham as botinas feito face ao inimigo, estava calcada a neve attentando o ter havido luta, e uns pingos de sangue aqui e acolá demonstraram-me que não eram erradas as minhas conjecturas. O homem das botinas, havia ainda deitado a correr pelo passadiço fóra, e a presença de novo rastro de sangue, deixava antever que tinha sido elle quem ficara ferido. Quando alcancei a estrada, sumiam-se os signaes, pelo facto de haverem varrido o passeio lateral.

Ao entrar no predio — deve estar lembrado — examinei através da lente o rebordo e as almofadas da janella do vestibulo. Consegui destrinçar o contorno de um pé molhado, entrando. Desde então, pude formar a minha opinião. Postara-se á janella um homem, trouxera-lhe alguem o diadema; seu filho, ouvira o ruido, e percebendo o que se passara, correra sobre o ladrão; lutara com este, puxando cada qual para o seu lado e com quanta força tinham, e foi assim que conseguiram partil-o. Depois d'isto, seu filho rgeressara, senhor da presa, mas não sem ter deixado um fragmento da joia entre as mãos do contendor; até aqui, tudo claro como a agua.

Restava saber quem seria o homem, e quem lhe teria trazido o diadema?

Tenho por principio, ha muito tempo, que, excluido o impossivel, o que fica, por mais improvavel que pareça, representa, sem embargo, a verdade. Sabia que não fôra o senhor quem trouxera o diadema cá para fóra, restavam pois, apenas, sua sobrinha e os creados. A serem estes, porém, por que motivo se haveria seu filho deixado culpar em vez de qualquer delles? Não havia para semelhante facto razão plausivel, ao passo que no amor que votava á prima, existia optimo motivo de guardar segredo, tanto mais que este segredo envolvia a deshonra. Ao lembrar-me de que o sr. Holder tinha visto Miss Mary á janella, e que ella havia desmaiado ao pôr os olhos no diadema, a minha conjectura tornou-se certeza.

Mas quem podia ser o cumplice?

Uum namorado, inquestionavelmente, unica entidade capaz de a levar a esquecer o affecto e a gratidão de que era devedora a seu tio. Eu sabia que o sr. Holder era de poucas sahidas, e um tanto restricto o numero dos seus amigos. Entre estes, comtudo, figurava sir Jorge Burnwell. Eu ouvira citar este sujeito como homem de má reputação. O homem das botinas só podia ser elle; e as pedras deviam achar-

se nas suas mãos. Ainda quando Arthur o houvesse reconhecido, podia julgar-se em segurança, pois que seu filho não se atreveria a denuncial-o, sob pena de compromettter a propria familia.

Agora, facil lhe será adivinhar os meios de que me vali.

Disfarçado em vagabundo fui a casa de sir Jorge, travei conhecimento com o seu criado particular, e soube d'este que o amo, na vespera á noite, se ferira na cabeça, e, em conclusão, mediante a parca quantia de seis shillings, adquiri prova irrefragavel do facto, comprando um par de botas usadas. Trouxe-as commigo para Streatham, e vi que se adaptavam exactamente ás pégadas, cuja existencia eu verificara na camada da neve.

— Hontem á tarde, notei a presença de um vagabundo de apparencia mais que duvidosa, no passadiço.

— Tal qual. Era eu. Havendo encontrado o meu homem, recolhi para a casa e mudei de fato. O mais melindroso, estava ainda por fazer. Cumpria evitar perseguições, afim de não levantar escandalo, e eu sabia que um miseravel tão manhoso como sir Jorge, não deixaria de perceber o que era que nos atava as mãos. Fui procural-o. A principio como era de suppôr, negou a pés juntos. Depois assim que lhe declarei, palavra por palavra, quando succedera, quiz fazer alarido, foi-se a uma panoplia e deitou a mão a um punhal. Mas eu sabia com quem lidava, e apontei-lhe um revólver á testa antes que elle pudesse bulir com um dedo. Voltou assim um tanto mais á razão. Affirmei-lhe que lhe pagariamos as pedras que tinha em seu poder, á razão de mil libras cada uma. A declaração extorquiu-lhe os unicos signaes de arrependimento que até então manifestara. "Demonios me levem, exclamou o gatuno, larguei as tres por seiscentas libras". Pouco me custou obter a morada do receptador; bastou prometter-lhe que não seria perseguido. Fui lá direito, e depois de muito regatear, obtive as pedras por mil libras cada uma. Procurei logo a seu filho, para lhe declarar que tudo se achava sanado e, em conclusão, voltei para casa e deitei-me ás duas da manhã, ao fim do que posso chamar um bom dia de trabalho.

— Um dia que poupou á Inglaterra um grande escandalo politico, disse o banqueiro erguendo-se. Senhor Holmes, não encontro expressões com que possa agradecer-lhe, mas creia que não está lidando com um ingrato. A sua habilidade excede a quanto eu ouvira contar a seu respeito. E agora vou já ter com meu filho e pedir-lhe perdão pela muita injustiça com que procedi para com elle. Quanto ao que me diz a respeito da minha pobre Mary, acredite que me feriu no mais intimo d'alma. O senhor com a sua immensa perspicacia não seria capaz de dizer onde é que elle se encontra actualmente?

— Creio que podemos affirmar com certeza que deve estar onde estiver sir Jorge Burnwell. E tenha a certeza de que, quaesquer que tenham sido os seus erros, não deixará de receber castigo mais que sufficiente!

FIM

A seguir:

no proximo numero, do mesmo autor

O celibatario aristocrata

— Ha de dizer-se que é a primeira arvore que encontramos depois de oito dias...

UM COMMERCIANTE GONGORISTA

A Waldemar Baptista

1

O escandalo da venda de Mestre Tiberio (*séccos e molhados — generos do paiz e do estrangeiro — unico depositario do afamado kerozene... — preços sem competidores — aqui não se fia, etc.*) teve o seu ponto-final entre os enjoativos odôres da pharmacia do Sió Bento, com abastado consumo de iodo, esparadrapo e água-végeto-mineral.

2

Da sua antiga funcção escolastica, Mestre Tiberio apenas conservára o titulo pomposo e o não menos pomposo estylo com que tentavam fazer comprehender-se os denodados martyres pré-decrolianos. Aposentados, "graças á altiloquente benemerencia do inclito senhor presidente do Estado e á sábia quão generosa intercessão do preclaro Coronel Possidonio", não queria Mestre Tiberio tolerar por mais tempo, na inercia funccional com que o premiára o Estado, a ambiencia modorrenta e mofada da provincianissima Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa. Mesmo pensou em se transferir para a capital, onde a renda de uma pequena economia, alliada aos seus magros vencimentos de professor público aposentado, seria capaz de garantir as modestas exigencias vitaes delle e de sua mulher. Mas o rheumatismo desta protestou, terrivel e solenne, contra a fuga aventureira para um clima desconhecido. Siá Nica aprovou categoricamente a deliberação implacavel do seu algoz phisiologico. E Mestre Tiberio, tristemente derrotado, foi condemnado a continuar no arraial, cuja quietude pantanosa jamais se lhe havia apresentado tão insupportavel como agora, quando um decreto governamental lhe tirára a cruenta missão de imprimir o a-b-c e as taboadas na massa encephalica da ignorancia circumstante. Missão cruenta, mas em que consistia a sua unica diversão de homem honesto, plenamente devotado á lyrica trilogia "Deus, Patria, Familia".

3

Não sei si de subito ou não, mas o facto é que a idéa do commercio se agarrou ao machinismo cerebral de Mestre Tiberio. E, tanto lhe ferreteou o espirito, que uma tarde umas reclames espalhadas pelos dois kilometros quadrados da Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa surprehendiam toda aquella populaçãozinha com o aviso inesperado de que o seu dignissimo ex-pae espiritual se havia transformado em simples vendeiro.

4

— Caduquice!... — invectivaram, obesos e vermelhos, os luminares do commercio local.

— Manifestação de debilidade mental! — pedantizou o elegante dr. Felinto de Souza, chegado ha pouco da Faculdade.

Feita para amar

(Conclusão)

de Doris, realizára-se o casamento como si o innocente, baptizado com o nome do adoptivo pae, fôra fructo do apparente amor que vinha ligar a ex-enfermeira ao seu amigo, protector e marido.

Mas, um dia — esse dia a z i a g o que surge sempre na vida das pessôas — recebe Doris, no castello do marido, uma chamada telephonica. Do outro lado da linha vêm-lhe palavras de sonoridade conhecida, que se traduzem em delicadas expressões de carinho: é Barry Craig, resuscitado por milagre, que lhe fala:

— Barry, és tu mesmo?!

— Sim, sou eu, meu amor!...

Desde o divorcio, fôra Doris viver num arrabalde de Londres. Barry, que a perdêra de vista desde o seu encontro furtivo com a sua amada, seguira para a America.

Dois annos tinham decorrido sem que a Doris fôsse permittido visitar o filhinho, que os tribunaes tinham entregue á custodia paterna.

Um dia — dia aziago como todos os máus dias

De Figueiredo Silva

novinho em fôlha (*Dr. Felinto de Souza — Clinica médica e cirurgia geral — Com longa prática nos Hospitaes de... — Attende a qualquer hora, etc.*) com os olhos na aorta dos supraditos luminares e o coração aberto para a gaveta dos mesmos.

— Falta de costume de vagabundar — sentenciou, soberana e honestamente, o soberano e honesto coronal Possidonio.

E o proprio Mestre Tiberio, unico responsavel pela firma nascente, unico que assignára as promissorias, pagára os "impostos devidos", as papeletas reclamistas, o aluguel da casa e todos os demais requisitos financeiros do estabelecimento, explicou-se apenas com uma palavra:

— Distracção...

5

Creio já ter falado que Mestre Tiberio, da sua passada e já quasi esquecida profissão, conservára superiormente o titulo e a prosodia. Conservou só, não. Tambem os trouxe para o balcão, como querendo mostrar aos pelintras intellectuaes da terra a deleitosa novidade e a modestia flagrante de uma legitima figura de *élite*, dilécto filho dos livros e pae dedicado da sabedoria local, conjugado espontaneamente entre pannos de toucinho e quintos de cachaça.

6

— *Me* dá dois litro de feijão, treis de fubá, duas libra de assucra, uma de toicinho, uma garrafa de cachaça e meia de corozeno.

Mestre Tiberio compareceu, competente e gentil. E dispôz-se a attender á preta. Emquanto o fazia, ia-lhe sendo repetida a comprida relação, coisa a coisa. Depois, satisfeitissimo ante os embrulhos e as duas garrafas que cobriam um pedaço do balcão semi-virgem, Mestre Tiberio perguntou, muito delicado e digno:

— A senhorita prefere levar os ingredientes de vez a vez, ou simultaneamente?...

A negra sentiu de véras a sua fatalidade ethnologica não lhe permittir o avermelhar-se quando colerica. Mas, mesmo azeviche como sempre, depois de brandir a quasi homicida garrafa de *corozeno*, duas ou tres vezes, no venerabilissimo craneo do pae da sabedoria de toda a Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa, explodiu, infamada, no panico da assistencia estupefacta:

— O senhô tá pensano qu'eu sou dessa láia?... Vou contá pro meu marido, siô sem-vergonhas!!!

7

"Tiberio Silviano Fonseca e familia, ao se despedirem desta sempre heroica e saudosa Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa, offerecem os seus humildes prestimos em Bello-Horizonte, á rua Lampião numero 18, onde passam a residir." Vencêra, afinal o supplicio de Sia Nica.

— recebe Doris um chamado urgente do ex-marido, "que viesse, que poderia visitar o filho. Pois a isso elle não mais se opporia"...

Doris vae sahir de casa, a correr, louca de alegria e de aprehensões, quando esbarra na rua — com que? — com Barry Craig. O rapaz, de novo em Londres, obtivéra o seu endereço por meio de um conhecido, e vinha vêl-a. Doris occulta-lhe todo o passado — mesmo a parte que elle tinha no seu filhinho, que ella dá como sendo de Wilfred — e vae ás pressas, depois dessa dolorosa ausencia de dois annos, rever o seu anjinho...

E anjinho era de facto! O pequeno morrêra na manhã desse dia! Wilfred, que, com a zanga do homem que se vê menosprezado no amor, fôra crudelissimo para com Doris, tivéra a piedade tardia de deixál-a ver o filho... morto!

* * *

Mas ao sahir do castello, depois daquelle golpe de dôr que quasi a mata, encontra-se Doris, ao dobrar uma esquina, com o seu fiel amado Barry, que enxuga com um beijo as lagrimas dos seus olhos de mãe amargurada...

ALEGRIA

— O senhor vae casar-se — disse-me aquelle homem de fronte tenebrosa. — Ah, tenha cuidado! Que? O senhor não sente nenhuma inquietude, e tomou todas as suas precauções? Sim. Já sei: sua noiva é bonita, terna e muito de sua casa. Os paes são pessôas honradas e endinheiradas. Seus gostos são identicos... E acha o senhor que isso é sufficiente?... Pois bem: escute minha historia, senhor. E' triste, mas edificante. Oxalá lhe sirva de licção.

"Foi ha quatro annos que eu a conheci, no balneario de Quiberon, onde passava minhas férias. Chovia, casualmente. Não uma dessas pequenas chuvas poeticas, mas um verdadeiro diluvio, que durou varios dias. Todo mundo, no hotel, estava triste e preoccupado. Os casaes legitimos discutiam, os meninos recebiam reprehensões, as sogras implicavam com os genros, os noivos faziam scenas de amúo. Tudo lamentavel.

"Mas *ella*, senhor, ella ria, cantava. Era nosso unico raio de sol. Que radiante creatura!... Eu pensei: "Eis a mulher de que necessito: sempre de bom humor, um genio de ouro e crystal." Oito dias depois, eramos noivos. Tres mezes mais tarde, nos casavamos.

"Mas, não tardei em comprehender a situação. Porque me esqueci de dizer-lhe, senhor, que me casei com a filha de um fabricante de guarda-chuvas.

"Quando, por fim, uma manhã, a aurora veiu fazer-me cócegas, com sua unha rosa envernizada pelo sol, eu me levantei alvoroçado:

"— Admiravel thesouro! — exclamei. — Vae fazer bom tempo!

"O olhar negro que me lançou senhor!

"— Si achas que um tempo assim vae ser alegre!... — respondeu-me!

"Meu contentamento esfriou. Senti vergonha, como si, em vez de ter desejado o céo azul e o ar transparente, houvesse ansiado a morte de meu proximo. Comprehendi, desde então, que ao falar do sol em minha casa, era como se referir a corda em casa de enforcado.

"O senhor não póde imaginar o que foi minha vida desde esse dia! Sempre amei a doçura do ar e o sol, o sol que amadurece os melões e aformoseia as mulheres. Mas o sol tornava minha vida horrivel. Cheguei até a desejar o cyclone como o pão de cada dia e a usar permanentemente oculos escuros. Quanto mais carregado estava o céo, mais sereno se achava meu lar. Espreitava as nuvens ansiosamente no horizonte.

"Pois bem. Naquelle anno, a partir da Paschoa, o sol se installou no céo como em um compartimento de trem. A agulha do barometro, com a obstinação de um molusco que se aferra a seu penhasco, permanecia fixa no *muito sêcco*.

"— Que tempo horrivel! — repetia minha mulher, cem vezes por dia.

"Como bom marido, eu lhe fazia notar que a estação era propicia para a venda de bengalas e sombrinhas. Ella não queria ouvir nada: tinha um guarda-chuva no logar do coração.

"Começou a fazer-me passar uma vida infernal. E, quando chegou a época das férias, nossa sorte se decidiu. Ella não queria ouvir falar nem do mar nem das serras, e muito menos dos lagos, da planicie ou das selvas. Eu queria embarcar para a Birmania, onde, segundo parece, chove dez metros de agua por anno.

"Resumindo: ella se tornou tão insupportavel que tomei sozinho o trem para Ostende. Divorciámo-nos. Depois ella se casou novamente. Seu novo marido é um fabricante de impermeaveis. São felizes.

"Quanto a mim, senhor, levo uma vida sem a menor alegria. Casar de novo eu tambem? Indubitavelmente, pensei nisso muitas vezes. Justamente, o anno passado, em Cannes, conheci uma joven, uma creatura de sonho. Foi a classica flexada! Fazia um sol esplendido, um sol cada dia mais radioso, deslumbrante como uma bateria de cozinha um sabbado á noite. Ella tambem, a divina joven, ria e cantava. Eu começava seriamente a perder a cabeça. "Ao menos — dizia-me a mim mesmo — esta não me impedirá que eu goste do sol e do ar diaphano."

"Comtudo, receioso depois de minha dura experiencia, procurei informar-me antes de abrir meu coração. E eis o que soube: o pae dessa pequena maravilhosa fabricava chapéos de palha...

"Senhor, olhe-me. Não me acredita? Naquelle mesmo dia, fiz minhas malas e parti para Cannes... — PIERRE NEZELOF.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: Gustavo Barroso — THESOUREIRO: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON-FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ..... 1$500